



GOVERNO DA FEDERAÇÃO DA RÚSSIA  
INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ORÇAMENTO ESTATAL DO ENSINO SUPERIOR PROFISSIONAL  
**UNIVERSIDADE ESTATAL DE SÃO PETERSBURGO**  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA EDUCACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL  
«PSICOLOGIA»

**IMAGEM E SONHO NO PROCESSO HUMANO DE TOMADA  
DE DECISÃO: A RELEVÂNCIA DA PSICOTERAPIA  
ONTOPSICOLÓGICA**

**Orientador científico:**

Profa. Dra. Natalia Gorchakova

**Recensente:**

Profa. Me. Dana Andulmanova

**Foi realizado por:**

estudante de forma de estudo com o afastamento parcial do trabalho

Fernanda Goulart Martins

São Petersburgo  
2014 г.

*Quem conhece a imagem pode entrar onde desejar, no âmbito de tudo aquilo que é o saber  
último, incluso o sentido último de si mesmo.  
(MENEGHETTI, 2006, p. 17)*

## **RESUMO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
Universidade Estatal de São Petersburgo  
Programa educacional de pós-graduação profissional em Psicologia

### **IMAGEM E SONHO NO PROCESSO HUMANO DE TOMADA DE DECISÃO: A RELEVÂNCIA DA PSICOTERAPIA ONTOPSICOLÓGICA**

DISCENTE: FERNANDA GOULART MARTINS

ORIENTADORA: Profa. Dra. Natalia Gorchakova

São Petersburgo, Junho de 2014.

O presente trabalho propõe um estudo do sonho como critério para tomada de decisão, com base no método ontopsicológico. Busca-se primariamente verificar resultados de tomadas de decisão baseadas no critério onírico, segundo análise ontopsicológica. Os objetivos secundários da pesquisa constituem-se em (a) investigar quais são os Fatores de Personalidade que caracterizam os sujeitos que não tomam a decisão em concordância com a diretividade apontada pelo sonho, e (b) comparar resultados dos sujeitos que estão em processo psicoterapêutico e dos que não fazem psicoterapia, para compreender se há diferenças significativas em relação à manifestação do estado de saúde física, e à manifestação de medo e angústia nos processos decisórios. A hipótese com base na qual a pesquisa se desenvolve é a de que os sujeitos que escolhem em conformidade com a direcionalidade ôntica (apontada no sonho) colhem resultados concretos depois do processo de tomada de decisão, manifestando mais saúde e reconhecendo o utilitarismo e a funcionalidade da própria escolha. A pesquisa foi realizada em uma amostra de 42 participantes, dos quais 30 constituem o Grupo Experimental e 12 participantes o Grupo controle, e foram utilizados como instrumentos a análise onírica com base nos pressupostos da escola ontopsicológica, junto a testes psicométricos, projetivos (T6D), e dois questionários. Procura-se, com isso, relacionar a realidade psíquica verificável no sonho, a decisão tomada por cada participante (se decidiu em conformidade com a orientação apontada a partir da análise onírica) e os resultados obtidos posteriormente nos aspectos histórico existenciais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: .....</b>	<b>9</b>
<b>O PROCESSO HUMANO NA TOMADA DE DECISÃO E A CONTRIBUIÇÃO DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA ESSE CAMPO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 ABORDAGENS E TEORIAS NOS PROCESSOS DE TOMADA DE DECISÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 EM BUSCA DAS CAUSAS: POR QUE A INDECISÃO? .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 UMA RESPOSTA EPISTÊMICA E INTERDISCIPLINAR.....</b>	<b>15</b>
<b>1.4 CRITÉRIO NO PROCESSO DECISIONAL.....</b>	<b>19</b>
<b>1.4.1 A CONVENÇÃO E A NATUREZA.....</b>	<b>21</b>
<b>1.4.2 A EXISTÊNCIA DA ESCOLHA OTIMAL PARA CADA SITUAÇÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>1.6 IMAGEM COMO CRITÉRIO NA PRÁTICA CLÍNICA: A DIRETIVIDADE DA PSICOTERAPIA DE AUTENTICAÇÃO E A AUTONOMIA DO CLIENTE NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 HIPÓTESES .....</b>	<b>28</b>
<b>2.4 OBJETO DA PESQUISA .....</b>	<b>28</b>
<b>2.5 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....</b>	<b>28</b>
<b>2.6 MÉTODOS E PROGRAMA DA PESQUISA .....</b>	<b>29</b>
<b>3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....</b>	<b>43</b>
<b>3.2 ANÁLISE DO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO NA PSICOTERAPIA.....</b>	<b>48</b>
<b>3.3 COMPARAÇÃO ENTRE ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E DE PERSONALIDADE DAS PESSOAS QUE DECIDIRAM E DAS QUE NÃO DECIDIRAM (GRUPO 1).....</b>	<b>64</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

A importância do estudo das imagens e dos sonhos é reconhecida pelos seres humanos há milhares de anos. “Em todas as épocas históricas, o sonho inspirou a especulação filosófica e causou fascínio à imaginação humana” (GUTHEIL, 1951, p. 6), e esse não é um acaso: de fato, “o sonho é uma verdade objetiva do sujeito” (MENEGETTI, 2012a, p. 252), e pode ser definido como “feixe de projeções imaginativas que identificam o estado real do sujeito no plano biológico, psicológico e ôntico” (IBID, p. 250). A partir desse entendimento, a análise onírica segundo a metodologia ontopsicológica consente examinar o interior de uma ação, e permite a chegada à formalização da intuição que cada sujeito já possui por natureza.

O sonho, então, se revela como um importante instrumento em psicoterapia. Entretanto, torna-se indispensável o estudo e o esclarecimento de que cada linha teórica e metodológica leva a uma abordagem diferente em psicoterapia e conduz a um modo diverso de analisar os sonhos:

Em relação à função do sonho como instrumento psicoterapêutico, cada uma das abordagens tem sua concepção, sendo que na abordagem psicanalítica é utilizado como realização de desejo, já na abordagem junguiana, o uso do sonho tem função de auxiliar no processo de individuação, por fim a abordagem cognitivo comportamental, que utiliza o sonho para atingir o auto-compreensão do cliente (MACHADO e ALVES, 2009, p. 416).

Segundo a metodologia ontopsicológica, abordagem sobre a qual esse trabalho se sustenta, independentemente das convicções conscientes que alguém possa ter, a gráfica onírica assinala o erro e o sucesso segundo uma hierarquia e, assim, dá uma diretividade que, se analisada corretamente e seguida, aponta a escolha ótima em qualquer tomada de decisão:

Para saber qual é a escolha justa a fazer, é preciso saber ler os sonhos: a Ontopsicologia descobriu como decodificar os símbolos oníricos, tomando o sentido de exatidão da idêntica lógica que a natureza usa no interior do próprio sistema subatômico celular (MENEGETTI, 2012b, p. 251).

A temática dessa pesquisa nasce do interesse em estudar a análise do sonho, segundo a metodologia ontopsicológica, no processo de tomada de decisão. As teorias no tema Tomada de Decisão são vastas e, em diferentes campos do conhecimento são desenvolvidas junto do reconhecimento dos limites do ser humano para escolher, principalmente em situações complexas.

O avanço tecnológico e a produção científica em intensificação nos nossos tempos vêm produzindo ferramentas, métodos e publicação de informações que auxiliam no gerenciamento do tempo, das tarefas e também das escolhas no dia-a-dia. A partir dessa realidade atual, a busca por um critério parece ser ainda mais demandada. É evidente a carência de parâmetros para a

escolha de um instrumento ou outro para a identificação de qual das informações é verdadeira e funcional para a própria identidade, já que são ofertadas tantas opiniões e possibilidades nas ferramentas de busca e nas constatações publicadas em artigos (científicos ou não).

Considerando que, no processo de tomada de decisão, cabe ao decisor a tarefa de renunciar alternativas em detrimento daquela que mais o satisfaz (ABRAMCZUC, 2009, p. 27), entende-se que cada momento de tomada de decisão é uma oportunidade para fazer aquela escolha que proporciona crescimento, aprendizagem e reforça a identidade. Se o sonho formaliza-se sempre a partir das exigências vitais do indivíduo (MENEGHETTI, 2012a), ele pode dar o critério no processo de escolha, em qualquer campo de investimento: em aspectos da situação orgânica do sujeito, das referências afetivas e/ou dos âmbitos profissional, empresarial e social.

Em prática clínica da psicoterapia, tem-se a evidência diariamente de que, sem um critério, o processo psicoterápico pode facilmente tornar-se uma prática feita às cegas, um percurso dirigido inconscientemente pelas projeções e convicções do terapeuta ou por armadilhas das transferências. Percebe-se a necessidade latente de problematizar como e porquê determinadas direções são dadas em psicoterapia. “Descrever precisamente o que os terapeutas fazem em sessão, e como o fazem, é um desafio para os estudos em psicoterapia. Pouco se conhece sobre as variáveis importantes que direcionam as decisões terapêuticas” (MOURA et al., 2009, p. 174). As variáveis relevantes que levam um terapeuta a decidir por tomar uma direção ou outra dentro da condução de um tratamento ainda é tópico de estudo e discussão (HAGOPIAN et al., 1997).

Embora não deixemos de considerar que “os sonhos vêm sendo cada vez mais utilizados em psicoterapia, pois se considera que são meios de acesso a conteúdos psíquicos importantes dos pacientes, podendo ser encontradas várias abordagens diferentes no uso desta técnica” (MACHADO e ALVES, 2009, p. 402), esse trabalho não tem como foco a comparação entre diferentes abordagens na utilização do sonho em psicoterapia. Diferente de um estudo do sonho, da psicoterapia ou da tomada de decisão em diversas perspectivas teóricas existentes, este trabalho se propõe ao aprofundamento dos conhecimentos científicos da Ontopsicologia. Procura, assim, explicitar o modo como ela, com suas descobertas, demonstra a reversibilidade entre imagem e ação, e afirma a existência de um critério de natureza em cada ser humano, que aponta, momento a momento, a escolha ótima.

Em psicoterapia ontopsicológica, para além das opiniões e convicções de cada pessoa, individua-se a intencionalidade de natureza. Tem-se como critério o Em Si ôntico, segundo as 15 fenomenologias homologadas em situação histórica, entre as quais presentes, ao menos,

identidade, utilitarismo e funcionalidade. “O homem escolhe, com base na sua identidade, o que é útil para a funcionalidade da sua individualidade histórica” (MENEGETTI, 2010, p. 136). É possível colher a informação da intencionalidade de natureza, do Em Si ôntico, no sonho, e então decidir por atuar a escolha ótima, que faz funcionalidade, incremento, saúde, globalidade, integralidade à identidade.

Este trabalho se desenvolve com o objetivo primário de verificar resultados de tomadas de decisão baseadas no critério onírico, segundo análise ontopsicológica. Os objetivos secundários se constituem em (a) Investigar quais são os Fatores de Personalidade que caracterizam os sujeitos que não tomam a decisão em concordância com a diretividade apontada pelo sonho; e (b) Comparar respostas dos sujeitos que estão em processo psicoterapêutico e dos que não fazem psicoterapia, para compreender se há diferenças significativas em relação à manifestação do estado de saúde física, e à manifestação de medo e angústia nos processos decisórios.

Os processos de tomada de decisão podem ser vistos neste trabalho como oportunidade de realização da escolha ótima. A direção da informação ôntica é passível de ser colhida por meio do sonho que, portanto, dá o critério para a diretividade em psicoterapia. A imagem contém a ação e age produzindo, inevitavelmente, efeitos concretos. Para considerar o sonho um critério, esse trabalho tem como base o estudo – feito pela ciência ontopsicológica – da reversibilidade entre imagem e ação, e mostra a possibilidade de, por meio da leitura da forma, conhecer e decidir de, forma autônoma, por atuar historicamente aquela escolha que leva à saúde, à funcionalidade e à integralidade da própria identidade.

## **OBJETIVOS**

### **➤ Objetivo primário**

Verificar resultados de tomadas de decisão baseadas no critério onírico, segundo análise ontopsicológica.

### **➤ Objetivos secundários**

**(a)** Investigar quais são os Fatores de Personalidade que caracterizam os sujeitos que não tomam a decisão em concordância com a diretividade apontada pelo sonho;

**(b)** Comparar respostas dos sujeitos que estão em processo psicoterapêutico e dos que não fazem psicoterapia, para compreender se há diferenças significativas em relação à manifestação do estado de saúde física, e à manifestação de medo e angústia nos processos decisórios.

## **HIPÓTESE**

Os sujeitos que escolhem em conformidade com a direcionalidade ôntica (apontada no sonho) colhem resultados concretos depois do processo de tomada de decisão, manifestando mais saúde e reconhecendo o utilitarismo e a funcionalidade da própria escolha.



# **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O PROCESSO HUMANO NA TOMADA DE DECISÃO E A CONTRIBUIÇÃO DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA ESSE CAMPO**

## **1.1 ABORDAGENS E TEORIAS NOS PROCESSOS DE TOMADA DE DECISÃO**

Os estudos sobre a tomada de decisão são desenvolvidos por diferentes linhas teóricas nos mais diversos campos de conhecimento. São presentes na matemática, na sociologia, na psicologia, na economia, na administração e nas ciências políticas.

Sugere-se que a filosofia a estude refletindo “sobre o que uma decisão revela sobre nosso eu e nossos valores”. A história, contando “a decisão tomada por líderes em momentos críticos”. O estudo do risco e do comportamento organizacional teria nascido do desejo de “ajudar o administrador a obter melhores resultados”. Afirma-se também que “a crescente sofisticação da gestão de risco, a compreensão das variações do comportamento humano e o avanço tecnológico que respalda e simula processos cognitivos melhoraram, em muitas situações, a tomada de decisão” (BUCHANAN e O’CONNELL, 2006, p. 20). Parece constituir-se um ponto em comum, entre as teorias decisórias, o reconhecimento das limitações à capacidade do ser humano de tomar a decisão ideal.

Os estudos de meados do século XX compreendiam que o homem, no processo de decisão, chegava a uma escolha por meio de cálculo e comparação de alternativas, de modo a escolher a que lhe gerasse melhor retorno. Com base nisso se desenvolve a teoria da racionalidade pura, junto a estudos normativos que prescrevem passos para que se possa tomar a melhor decisão. Esta teoria “clássica” da decisão

evoluiu de uma orientação simplista, na qual a tomada de decisão incidia em si mesma e baseava-se nas técnicas quantitativas, em particular na matemática e na estatística, para uma orientação mais pragmática e política, na qual se dá um maior enfoque ao processo de decisão do que à própria decisão (BRAGA, 2010, p. 16).

Os pesquisadores John Von Neumann e Oskar Morgenstern, em 1947, propõem a ideia de que a decisão é baseada na busca por benefício. Tal busca se constitui como a teoria da utilidade esperada. Nessa visão, a probabilidade é definida como o grau de confiança para um evento ocorrer. Assim, as escolhas não são baseadas em um resultado objetivo, mas no valor subjetivo da decisão. A teoria da utilidade esperada explica a aversão ou exposição ao risco a que um decisor se submete, considerando que esta escolha é relacionada com o anseio da maximização do valor esperado, ao nível de risco aceitável pelo decisor, e o valor da segurança de um resultado satisfatório.

Simon (1980), em 1955, defende que a racionalidade dos decisores é limitada, uma vez que possuem memória e capacidade cognitiva limitadas. O autor formula inicialmente um conceito amplo de racionalidade limitada, abrangendo

(i) a busca de soluções satisfatórias ao invés de otimizadoras; (ii) a substituição de objetivos abstratos e globais por subobjetivos tangíveis, cujo conseguimento pode ser observado e mensurado e (iii) a divisão da tarefa do processo decisório entre muitos especialistas, coordenando seu trabalho através de uma estrutura de comunicação e relações de autoridade (SBICCA, A.; FERNANDES, 2005, p. 3).

Nessa perspectiva, defende-se que as circunstâncias complexas, o tempo restrito e o poder mental de computação inadequado reduzem o tomador de decisões ao estado de racionalidade limitada. Ainda que considere tal formulação vaga, inicial e genérica, o autor a propõe afirmando a possibilidade de transformar problemas insolúveis em problemas de soluções plausíveis. Com a racionalidade limitada, “os decisores constroem modelos simplificados que captam as características essenciais dos problemas sem considerar toda sua complexidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 76).

Kahneman e Tversky (1974) apresentam outra teoria decisional, propondo três tipos de heurísticas: da representatividade, da disponibilidade e da ancoragem. Tais heurísticas são compreendidas como um conjunto de regras que conduzem a resolução de problemas de forma satisfatória. Segundo os autores, a heurística da representatividade se refere a momentos em que os indivíduos tentam prever intuitivamente um determinado fato baseando-se em estereótipos. A heurística da disponibilidade é relacionada à determinação de probabilidades através da facilidade de lembrar acontecimentos parecidos. A heurística da ancoragem, por sua vez, ocorre quando as pessoas tentam prever probabilidades baseadas em uma informação inicial ou ponto de partida.

Esse viés passou a ser estudado pela teoria da perspectiva, também chamada de Teoria dos Prospectos. Essa teoria, desenvolvida por Kahneman e Tversky (1979), “é apresentada como um modelo alternativo à Teoria da Utilidade Esperada em relação à maneira como as pessoas decidem face a possibilidades de risco. De acordo com a Teoria dos Prospectos, as pessoas definem as perdas e os ganhos com base em um determinado ponto de referência” (MACEDO JUNIOR et. al., 2008, p. 1). Assim, para a teoria dos prospectos,

se o ponto de referência é tal que os resultados são vistos como ganhos, prevalece uma posição de aversão ao risco. Se, ao contrário, os resultados são vistos como perdas, prevalece a propensão ao risco. Isso se deve ao fato de que a sensação associada à perda de um valor é mais forte do que a sensação associada ao ganho do mesmo valor (MACEDO, 2009, p. 79).

Stoner e Freeman (1992), assim como Kahneman e Tversky (1974), também consideram que as pessoas utilizam princípios heurísticos para simplificar a tomada de decisão. Reconhece-se limites nessas abordagens, na medida em que as heurísticas “podem até apressar o processo de tomada de decisão, mas são falíveis se os decisores dependerem demais delas ou se as macularem como ideias preconcebidas e nuances pessoais” (OLIVEIRA, 2009, p. 78). “Heurística significa atalhos mentais utilizados pelo cérebro no intuito de facilitar a tomada de decisão. [...] Tais atalhos podem, na maioria das vezes, levar o tomador de decisão a cometer erros de julgamento” (NUNES et al., 2010, p. 2). Talvez por isso considere-se que “Daniel Kahneman e Amos Tversky identificam fatores capazes de levar alguém a decisões contrárias a seu próprio interesse econômico mesmo quando ciente disso” (BUCHANAN e O’CONNELL, 2006, p. 21).

Autores como Hammond et al (2004) e Clemen (1995) defendem o pensamento estruturado no processo decisório. Eles propõem a separação do processo decisório em partes com o intuito de facilitar o processo decisório em si, e não necessariamente para transformar a decisão difícil em fácil. Defende-se que “o pior que se pode fazer é esperar que a decisão seja imposta a você ou tomada por você” (HAMMOND et al, 2004, p. 21). Clemen (1995), apresenta um fluxo estruturado para o processo de análise da decisão, do qual alguns passos consistem em “identificar alternativas para a solução, incorporar as principais incertezas envolvidas no processo decisório e das preferências e tolerância ao risco por parte do decisor” (OLIVEIRA, 2009, p. 75). Por citarem a demanda de “tolerância ao risco”, como referido acima, essas teorias parecem deixar a evidência de que nem sempre o foco do processo decisório é a escolha ótima para o melhor resultado, mas muitas vezes se trata de calcular ou minimizar riscos e perdas.

Já para Bazerman (2004), o processo de Julgamento e Tomada de Decisão deve ser considerado junto a três pontos: os aspectos cognitivos do processo decisório; o processo mental de formar opinião ou avaliar, através de discernimento ou comparação; e a capacidade de julgar, ou seja, o poder e/ou habilidade de decidir com base em evidências. Para o autor, pode-se classificar o processo de Julgamento e Tomada de Decisão em dois tipos: o Julgamento Probabilístico (julgamento quanto a chances deste ou daquele evento ocorrer), e o Julgamento de Valor (julgamento através do qual indicamos nossas preferências, posição quanto a risco e valores em geral). Embora tal teoria pareça exaltar a capacidade humana de julgar probabilidades e valores e tomar as decisões, outros autores, ao citar Bazerman (2004), concluem que a capacidade da mente humana para solucionar problemas complexos é bastante limitada:

Além disso, deve-se ter em vista que a capacidade da mente humana para formular e solucionar problemas complexos é muito pequena comparada à necessidade para uma decisão racional e estruturada. A conclusão que chegamos é que na verdade não procuramos soluções ótimas, mas apenas razoáveis, e não avaliamos todas as alternativas, mas apenas algumas. (OLIVEIRA, 2009, p. 77).

No próprio campo da administração, é bastante discutida a implicação de outras áreas do conhecimento nos estudos da tomada de decisão. Chiavenato (1999, p. 284), afirma que “[...] cada pessoa decide em função da sua interpretação das situações.” Evidencia-se assim que “o processo de tomada de decisão ganha fundamentos psicológicos importantes para o seu delineamento” (TORCATTO ZANELLA, 2013, p. 101).

Nos campos da filosofia, pode-se encontrar a posição de que, mesmo se houver apenas uma forma de fazer algo, resultando em apenas um curso de ação, ainda é possível optar por agir ou não. “Isso nos ofereceria mais do que uma alternativa, pois não havendo cursos alternativos de comportamento para decidir, sempre pode haver a decisão de fazer ou não fazer, mesmo que isso implique dilemas éticos” (TORCATTO ZANELLA, 2013, pp. 101-102). O autor conclui, em um de seus estudos, que o processo decisório por si não pode se bastar, mas deve ser sustentado pelos pilares da ética empresarial e por sistemas éticos práticos. Entretanto, reconhece-se importantes dificuldades também dessa forma: “encontrou-se extrema dificuldade em definir um sistema ético que pudesse atender à necessidade dos gestores tomadores de decisão e ainda definir como este sistema ético seria inculcido nestes gestores enquanto individuais e nos grupos enquanto coletividade” (IBID, p. 111).

Ainda no campo da filosofia, mas agora fazendo diálogo com a neurologia, outras produções científicas são relevantes no tema “tomada de decisão”. Burns e Bechara (2007) elucidam a relação entre os processos neurais subjacentes e o modo como faz-se escolhas. Os autores reconhecem que muito do que sabemos sobre esses mecanismos cerebrais indicam que a tomada de decisão é grandemente influenciada por processos implícitos que não necessariamente chegam à consciência. Para tanto, eles se apoiam em recentes evidências neurofisiológicas de que lesões cerebrais específicas e relativamente bem localizadas podem alterar, de maneira significativa, a operação normal de alguns desses processos implícitos (ALMADA, 2012, p. 107).

O neurologista português António Damásio lança sua provocação no livro “O erro de Descartes” questionando: Por que pensamos o que pensamos? O autor volta-se ao estudo do sentimento e da emoção, que, segundo sua visão, prescinde o pensar e a razão. Ele “recorre ao estudo de indivíduos com lesões cerebrais para demonstrar que na ausência de emoção é impossível tomar qualquer decisão” (BUCHANAN e O’CONNELL, 2006, p. 21). Outros

autores, como Forgas (2000) Isen (2001), Frith e Singer (2008) também relatam estudos recentes ligados a neurociência e psicologia evolucionista, para propor que a emoção seja inserida em modelos formais de decisão, uma vez que muitas pesquisas têm apontado comprovado que as emoções afetam as decisões (ALVARENGA, 2010).

São inúmeros os modelos formais de decisão e, de acordo com a maioria das teorias, é necessário seguir algum deles.

No processo decisório levamos em conta muitas informações e “práticas” de decisão, o que nos leva a necessidade, indiscutivelmente, de um ‘modelo’ que consiga fornecer uma decisão para ‘otimizar’ o problema enfrentado, tendo como um dos elementos o processo humano de tomada de decisão, com todas suas características e vieses (MACEDO, 2009).

Entre tantas teorias e métodos que procurem dar conta dos limites que se apresentam no processo de decisão, fica em evidência a presença de uma busca por minimizar o erro ou garantir a continuidade de um projeto. Diante da imperfeição do processo decisório, a teoria sempre buscou um jeito de atingir resultados que, se não ideais, fossem ao menos aceitáveis (BUCHANAN e O’CONNELL, 2006, p. 22). Talvez, a busca pela escolha ótima, pela melhor entre todas as possibilidades, não seja considerada possível em todos os casos. Para fazê-la, seria necessário um critério.

Grishina (2007) aponta o estado de incerteza nas diversas esferas da vida social como uma das peculiaridades do funcionamento e do desenvolvimento da sociedade moderna nos diversos campos – economia, política e outros. “A incerteza, como impossibilidade de levar em consideração e analisar todos os fatores operantes, não permite voltar aos procedimentos tradicionais de análise e do processo decisório” (GRISHINA, 2007, p. 269). O aumento geral do ritmo da vida requer a aceleração correspondente do processo decisório e, segundo a autora, nem sempre dá possibilidade à realização de longos procedimentos racionais e analíticos. A intuição, então, é apontada por ela como um meio de conhecimento, “trazendo vantagens indiscutíveis, do momento que uma das suas particularidades consiste na integridade da reflexão do objeto ou da situação” (IBID, p. 269).

Muitas arestas permanecem. O cálculo e a comparação entre as alternativas, propostos pela teoria da racionalidade pura, de meados do século XX, demonstrou foco no processo, mas não apresentou resultados satisfatórios em relação às decisões tomadas. É possível saber todas as alternativas para calculá-las? Calcula-se o resultado em referência a quem? Ao quê? As teorias da racionalidade limitada evidenciam a impossibilidade de que seja feita a melhor escolha, e se sustenta no reconhecimento de limites na tomada de decisão. A teoria dos prospectos, assim como todas as teorias que têm como base os princípios heurísticos, podem

levar a erros de julgamento, como apontado por autores acima citados. A proposta do pensamento estruturado, por trabalhar com base em incertezas envolvidas no processo decisório e na tolerância ao risco, parece ter como foco a consideração de riscos e minimização de perdas, em detrimento da busca por uma escolha que traga o melhor resultado para o tomador de decisão. Junto à teoria de tomada de decisão e julgamento, autores concluem que a capacidade da mente humana para solucionar problemas complexos é bastante limitada e chegam à conclusão não se procura soluções ótimas, mas apenas razoáveis, e não se avalia todas as alternativas, mas apenas algumas.

De fato, há fatores subjetivos que influenciam nos processos de tomada de decisão. Uma vez que o operador da tomada de decisão não é exato, não faz a leitura da realidade de si e de como os fatos ocorrem, e não sabe por que ocorrem de determinado modo, é insuficiente utilizar instrumentos para medir apenas a parte dos fatos que se consegue ver. O critério de exatidão para as decisões está na exatidão de quem as opera.

## **1.2 Em busca das causas: por que a indecisão?**

Observando teorias e procurando compreender os processos de tomada de decisão, permanece a constatação de que esses processos são difíceis de gerenciar e que, portanto, o ser humano não se sente capaz de escolher o que é melhor para si e funcional para o projeto que é. “A constatação que cada um pode fazer é que, observando o homem, resulta irresoluto, incompreendido, um motor de dúvidas e um expositor de conflitos” (MENEGHETTI, 2010, p. 116). Por mais que se crie teorias para compreender fenômenos humanos ou produza-se pesquisas para descrever a realidade, parte-se sempre da realidade do operador, da capacidade de visão, da intenção e da interpretação do sujeito que pergunta e busca as respostas.

Percebe-se facilmente que nos seres humanos há uma dispersão contínua, e tudo é envolvido de confusão, de dúvida, de incerteza. Prova disso é que, para suprir as demandas de tal confusão, tem crescido a oferta e a procura de metodologias, técnicas, livros e cursos sobre planejamento pessoal, direcionamento de carreira, gestão de crise e gerenciamento de risco. Também é comum a procura por receitas ou dicas práticas para tomar decisões. Como é possível constatar a partir dos limites que cada teoria decisional (e seus métodos) apresenta, mesmo com a aplicação de técnicas, o problema continua: o homem não sabe quem é e como agir, e tem dificuldade de se realizar.

Na atualidade, esse problema parece mais visível. Talvez pelas mudanças que ocorrem com maior rapidez, talvez pela ampla possibilidade de acesso a informações dos mais diversos

tipos, talvez pelo fato de que o homem faz tantas descobertas tecnológicas, mas parece afastar-se cada vez mais da sua realização.

A realidade frequentemente é considerada como um conjunto de fenômenos que podem ser observados, tocados, e portanto é estudada a partir dos efeitos de realidade que se possa ver, calcular e medir a partir de uma percepção setorial. Porém, “não é suficiente que o ser humano pretenda compreender a vida, suas regras e sua ordem em base à percepção setorial externa” (VIDOR, 1997, p. 11), sem conhecer o todo de si para medir o todo de realidade que pesquisa ou observa. “Para termos acesso a uma ciência mais humana, mais precisa, necessitamos de um instrumento mais exato, necessitamos da integridade perceptiva do pesquisador” (ibid).

Entretanto, “o homem, no seu organísmico completo, apresenta uma dinâmica que resulta inconsciente. O inconsciente é o quântico de vida psíquico e somático que o indivíduo é, mas do qual não é consciente e que, contudo, age para além da lógica da consciência” (MENEGHETTI, 2010, p. 210). Esse quântico existencial é ativo e não verificável pelo conhecimento responsável ou voluntário. Não foi determinado pela natureza do ser humano e resulta na realidade de ignorância do homem acerca de si mesmo.

Com os estudos de Freud, nos séculos XIX e XX, o inconsciente recebeu esse nome e foi pesquisado, mas é uma realidade que já existia e que indica o caminho de onde se parte para resolver o homem. “Para Freud, entretanto, faltou o acesso à natureza real do homem: ele não viu o aspecto positivo da natureza e nem a exatidão da inteligência desta mesma natureza” (VIDOR, 1996, p. 53). De qualquer forma, evidencia-se um outro mundo no homem, que antecipa aquele consciente e racional, condicionando e alterando o comportamento humano. “Todos os homens são direcionados por esse mundo oculto, negro, que permanece fechado a qualquer possibilidade de indagação consciente e racional” (MENEGHETTI, 2010, p. 119). Pode-se concluir, então, que qualquer ser humano que queira conhecer a realidade e indagar sobre ela deve recuperar a consciência de si antes de operar sua profissão. “É nas camadas da subjetividade que habita o maior potencial de inteligência do homem que, enquanto não for recuperado, produzirá ações incompreendidas e inexplicáveis” (VIDOR, 1997, p. 13).

### **1.3 Uma resposta epistêmica e interdisciplinar**

De uma tomada de consciência sobre o estado de confusão de toda a pesquisa feita por milênios na história humana, nasce a Ontopsicologia, que “analisa o homem em seu fato existencial e histórico; ela tem por objeto a estrutura psíquica e a intrínseca lógica”

(MENEGHETTI, 2012a, p. 193). É uma ciência que parte do problema de “encontrar aquele primeiro que ativa a fenomenologia existencial” (MENEGHETTI, 2006a, p. 13).

“O seu interesse é a autenticidade, a exatidão do operador enquanto homem” (IBID, 2005b, p. 366). Com isso, a Ontopsicologia posiciona-se entre as ciências como refundação epistêmica do conhecimento, é episteme interdisciplinar. “É epistêmica porque reencontra o fundamento do ser para poder proceder no ser: descobriu os processos elementares da formalização lógico-biológica da unidade de ação homem” (CAROTENUTO, 2009, p. 254).

“Em sentido galileiano, a Ontopsicologia é ciência, enquanto possui um objeto, uma racionalidade e um método específicos e é fundada a partir de um princípio certo, a evidência” (IBID, p. 263). Tem como objeto específico a atividade psíquica, que é relevável racionalmente por meio do método bilógico, constituído por um aspecto intuitivo (a racionalidade organísmica) e por um aspecto indutivo-dedutivo (a racionalidade humana), usados sincronicamente; é adicionado ainda um critério exclusivo: o Em Si ôntico.

A Ontopsicologia traz inovações prioritárias e exclusivas junto à descoberta de três realidades cardeais para compreender a existência humana. Sobre tais descobertas, são fundadas toda a sua teoria e práxis: “1) Em Si ôntico (essência virtual e formal), 2) campo semântico (transferência), 3) monitor de deflexão (distorção)” (MENEGHETTI, 2012a, p. 194).

Os instrumentos de conhecimento que a Ontopsicologia utiliza podem ser instrumentos de análise (diagnóstico) ou instrumentos de intervenção. Os instrumentos de análise são (1) a anamnese linguística e biografia histórica, (2) a análise do sintoma ou problema, (3) a análise fisionômico-cinésico-proxêmica, (4) a análise onírica, (5) a análise do campo semântico e (6) a análise do resultado. Os primeiros quatro não são exclusivos da ciência ontopsicológica. O quinto, é exclusivo da ontopsicologia. Os instrumentos de intervenção são todas as técnicas de psicoterapia de cura e de autenticação: psicoterapia individual e de grupo, consultoria de autenticação, consultoria empresarial, imagogia, cinelogia, psicotea, melolística, melodance, hidromúsica solar, residence e isomaster (CAROTENUTO, 2009, p. 263).

A Ontopsicologia é complementar a qualquer outra ciência e profissão, à medida que pode auxiliar e qualificar o operador, cientista e/ou profissional, para torna-lo exato na leitura de realidade e no exercício de sua profissão. Ela oferece a possibilidade de conhecer em antecipação o que entrará em processo histórico-biológico, antes que se inicie o processo de informação no orgânico do sujeito; “é a leitura do projeto antes que seja executado” (MENEGHETTI, 2012a, p. 195). Isso é possível porque

com o conhecimento ontopsicológico, um indivíduo, como primeira coisa, está em condições de compreender a estrutura total do próprio inconsciente;



em segundo lugar, pode conhecer os impulsos, as dinâmicas e os determinismos que o sujeito opera nas e com as pessoas que estão em seu ambiente; por fim, pode saber as interferências que as outras pessoas fazem em sua vida (campos semânticos) (IBID, pp. 194-195).

É uma proposta que responsabiliza o sujeito operador de ciência e profissão a conquistar a própria sanidade-base. A partir daí, torna-se possível conhecer e tocar outros fenômenos e suas causas: “Uma vez que recupera a sanidade base radical, o homem pode inserir-se na radicalidade de todas as outras coisas que lhe são próximas. Pode fazer ciência sobre todo o mundo criado que lhe é relativo (quanto ao resto, é impossível, porque falta a possibilidade de metabolização) (CAROTENUTO, 2009, p. 261).

O ser humano conhece o mundo, formula perguntas, busca respostas e opera suas tarefas a partir do seu próprio posicionamento. Tem como parâmetro o quanto sabe de si mesmo, o quanto se posiciona no mundo de forma coerente com o que é e, a partir disso, conhece e opera a realidade relativa a ele. Administra a realidade, na sua radicalidade, pelo quanto a sabe e, para sabe-la, deve revisar a própria consciência.

A Ontopsicologia é criada a partir da busca de Antonio Meneghetti por descobrir se a nossa consciência é capaz de ser ontológica (CAROTENUTO, 2009). Ele busca a resposta no que está ao alcance da experiência humana, o seu concreto existir consciente, mas integralmente considerado, e a encontra confrontando-se com o dilema na sua experiência de ser humano concretamente existente, aqui e agora. Encontrou solução ao individuar o princípio que é definido por ele Em Si ôntico ou Em Si do homem. Carotenuto (2009, p. 251) afirma que “a descoberta do Em Si ôntico é a maior revolução científica na história da humanidade terrestre, porque é o descobrimento do ponto fundante de toda a fenomenologia existencial humana. “O Em Si ôntico é a forma ‘inteligente’ do mundo-da-vida ao constituir o indivíduo. Para além do núcleo do Em Si ôntico existe o nada da individuação; do Em Si ôntico em diante existe a medida do homem (MENEGHETTI, 2010, p. 29). Essa medida é o critério que permite conhecer e agir de forma exata: “O homem que possui a própria medida (o Em Si ôntico) pode administrar a realidade, portanto, fazer ciência exata. A prova é dada pela evidência dos resultados e pela reversibilidade entre símbolo e real: funciona, está bem, tem a vida” (MENEGHETTI, 2010, p. 22).

Tendo a medida de si mesmo, ser humano é e faz ciência (do latim *scio ens* = sei o que é) e pode tornar-se consciente no interior da ação da vida.

Descoberto o princípio que faz o homem existir e estabelece suas coordenadas fenomenológicas, foi possível apoiar o conhecimento – aquele do homem e aquele de tudo o que o homem, usando a si como metro objetivo, efetua – sobre a única base possível e certa: o mundo-da-vida, a realidade, enquanto primeiro dado da experiência evidente humana. A Ontopsicologia é

exatamente a ciência que individua a existência e as coordenadas do Em Si ôntico e consente à individuação homem recuperar a consciência e estruturar a conexão estável com tal ponto fundante (CAROTENUTO, 2009, p. 252).

Esse critério epistêmico que constitui a principal descoberta da Ontopsicologia não é estático, é dinâmico-semântico e verifica-se por meio de identidade e funcionalidade do sujeito, ou seja, nos resultados de reforço de identidade funcional do homem, e certifica-se a partir da evidência de tais resultados. Foi possível isolá-lo e identificá-lo somente após a recuperação da comunicação base que a vida usa no interior das individuações: o campo semântico, uma das três descobertas da Ontopsicologia. Uma comunicação que pode ser colhida pelo homem uma vez que ele está imerso no mundo-da-vida, de ser uma individuação dele, conexa, inteira, ao inteiro de todas as outras individuações. “o campo semântico é um transdutor de informação. Transmite uma informação, um código, uma imagem que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, comportando uma variante emotiva orgânica. Não transfere energia, mas é com a energia. ‘Transdução informática’ significa que o módulo dá a forma da passagem à energia, mas não dá a passagem à energia” (MENEGHETTI, 2012a, pp. 38-39). Por ter a racionalidade do campo semântico, é que Meneghetti chegou à individuação, isolamento e experimentação da ação imanente da vida (Em Si ôntico).

Contemporaneamente, é feita a terceira descoberta. É encontrado o mecanismo que impede a conscientização da comunicação base da vida, que subtrai a consciência do Em Si ôntico, e possibilita que o homem torne-se inconsciente de si mesmo. Tal mecanismo é denominado monitor de deflexão, e é um “engenho psicodélico deformador das projeções do real à imagem” (MENEGHETTI, 2012a, p. 175). Com o conhecimento das três descobertas pode-se chegar à compreensão do porquê se dá a inexatidão da reflexão da consciência no ser humano.

O monitor de deflexão é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância. Sucessivamente, o monitor renova continuamente essas imagens, por meio dos sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada (IBID, p. 176).

Outra definição para o conceito de monitor de deflexão é “uma constante interferência axiomática (síntese definida e imposta, portanto, categórica e comum) de poucos princípios” (MENEGHETTI 2006b, p. 122). Carotenuto (2009, p. 255), cita essa definição junto ao esclarecimento de que “‘axiomática’ significa que se manifesta como princípio indiscutível e não demonstrado”, tratando-se então o monitor de deflexão de uma interferência que deve ser aceita categoricamente. É como um dogma usado como ponto de partida, sem escolha prévia.

A autora explica que “é como se a consciência fosse uma balança alterada, que antes de pesar não é tarada no zero, e isso sem conhecimento de quem a usa, ou seja, do homem (Ibid, p. 256).

A impossibilidade de fundar o conhecimento sobre as bases certas não é, portanto, um limite da natureza do ser humano, intrínseco à sua racionalidade, mas um problema de consciência: “o ser humano é baseado sobre formais racionais exatos, mas escolhe o erro” (MENEGHETTI, 2013a, p. 12). É a consciência, então, que precisa ser revista. “Toda a pesquisa de Meneghetti foi aquela de reconquistar o momento ôntico à consciência humana, recuperar a conexão entre a realidade e a consciência” (CAROTENUTO, 2009, p. 257).

A ciência ontopsicológica evidencia o princípio elementar que se faz critério de realidade funcional para a lógica humana. Ela “revê, requalifica a posição de responsabilidade do homem enquanto tal, no seu posicionamento natural e original, isto é, como o homem é constituído pelas leis de natureza” (MENEGHETTI, 2005b, p. 366). Para isso, a Ontopsicologia “não só formalizou o método para purificar a consciência das aderências impróprias à identidade do homem, como descreveu as características fenomenológicas do Em Si ôntico. Tais características servem de critério da vida humana” (VIDOR, 2013, p. 133).

#### **1.4 Critério no processo decisional**

Com o conhecimento das três descobertas da Ontopsicologia, pode-se compreender o processo de tomada de decisão de modo bastante diferente em relação aos modelos que foram descritos pelas teorias de tomada de decisão e suas metodologias. Isso ocorre porque, sem o conhecimento ontopsicológico, falta um critério com base no qual o operador da decisão observa, calcula, escolhe e age. Além disso, uma vez que se tem a exatidão de consciência e, portanto, a medida de si mesmo, é possível considerar que exista sim (diferente da visão das teorias de tomada de decisão) uma única escolha ótima, a melhor escolha entre todas as possibilidades apresentadas por cada situação.

Critério significa “norma, regra para discernir o verdadeiro do falso. Juízo feito ou fundado” (MENEGHETTI, 2012a, p. 69). Faz-se necessário ao fazer ciência, mas também para gerir a própria existência, decidir sempre conforme um critério. “O critério é o constituinte que garante a existência ou não de todos os seus correlatos, é um simples que pode tolerar um genérico vastíssimo” (IBID, 2010, p. 146). Com que critério age um operador de sociedade, seja ele cientista, político, empreendedor ou líder de qualquer setor? Há critérios preestabelecidos? Quais?

Meneghetti (2002) aborda o problema da falta de parâmetros explicando que, hoje, coloca-se tudo em crise. Ele assinala três fatores para que isso esteja ocorrendo: *a globalização em ato, a preocupação presente em todos os chefes políticos e religiosos do mundo, e os jovens.*

*A globalização em ato*, por levar para cada casa desse planeta uma cultura futurística que é difundida pela televisão, pelos satélites, pelo mercado dos melhores e mais avançados. “Não é o mercado popular a caminhar em todo o mundo, mas o mercado mais sofisticado. Tudo que existe de mais qualificado, hoje, está ao alcance de todos e [...] todos querem o objeto mais sofisticado. Isso significa automaticamente a subversão e a perda de qualquer passado” (MENEGHETTI, 2002, p. 15). Essa situação tende a uma desigualdade mais forte, e a uma desproporção entre nações e pessoas, uma vez que

algumas nações tornar-se-ão sempre mais potentes, enquanto a maioria das pessoas terá a normal pobreza e estabilização das exigências biológicas. [...] Os povos pobres poderão ter somente mercado e, se não estudarem e se desenvolverem, é inevitável sua regressão sócio-política e psicológica (IBID, pp. 15-16).

*A preocupação presente em todos os chefes políticos e religiosos* diz respeito à necessidade sentida pelos chefes políticos, religiosos, de movimentos intelectuais ou filosóficos de se unirem para sobreviver.

Hoje o mundo não aceita o institucionalismo religioso de nenhuma parte. [...] Cada pessoa regula sozinha a própria responsabilidade e a própria atitude em relação a tudo que é o transcendente da vida. Mesmo no plano filosófico e científico, não existe uma enciclopédia que formalize qual é o ponto de referência crítico, racional, científico ao nosso modo de fazer pesquisa. Estamos no mais aberto pluralismo relativístico (IBID, pp. 16-17).

E, por último, o fator denominado *os jovens* faz referência ao fato de que hoje os jovens estão abertamente em uma dimensão própria. “Espontaneamente reúnem-se em qualquer lugar em que exista sua música e são completamente ausentes de todas aquelas referências onde as instituições os chamam” (IBID, p. 17). Por jovens, aqui, entende-se aqueles na faixa etária dos quatorze aos trinta anos, aproximadamente. No âmbito dos jovens de todo o planeta têm nascido inteligências particulares, indivíduos que parecem ter uma cultura e um conhecimento muito superiores à idade que têm. No plano prático-consciente, estão à espera de assumir o poder social. Jovens que,

por ora desmotivados, agregam-se sob o cosmopolitismo musical por eles mesmos definido e aceito; são eles que escolhem e estabelecem o deus da vez. [...] esses jovens ainda não encontraram um núcleo onde identificar a coragem para existir no próprio futuro. Por ora, contentam-se de não estar juntos ao que veem já acabado; mas ainda buscam (porque, definitivamente, é o capitalismo da vez que manipula o mercado das referências juvenis) (IBID, p. 18).

Considerando esses três fatores, é possível perceber a carência de princípios para formalizar um futuro geral, principalmente se tem-se a ambição de um protagonismo na existência. Meneghetti (2002) finaliza a descrição desses três fatores, acima citados, afirmando que prevalece a doença, uma vez que, frente a uma análise dos fatos, pode-se facilmente chegar à conclusão de que quase todos são um pouco doentes e é difícil encontrar um homem sadio. O problema fundamental, esclarece o autor, é exatamente o de refundar um critério ético dentro do humanismo. A Ontopsicologia traz conhecimento e método que permitem afrontar esse problema.

#### **1.4.1 A convenção e a natureza**

A natureza é maravilhosa; há algo de errado na nossa cultura.  
(MENEGETTI, 2002, p, 18)

Os critérios, para produzir ciência e gerir a própria história existencial, podem ser de dois gêneros: o critério convencional (a opinião) e o critério de natureza. O critério convencional é aquele estabelecido e definido para que se possa proceder sempre com base na mesma medida preestabelecida. É como a definição do metro, que depois de feita, é seguida por todos da mesma forma para o trabalho com medidas espaciais. “Nas ciências oficiais, baseadas no critério convencional, quando o critério não é adaptável à ideologia, o discurso não é considerado válido. Isso significa que não se busca o que é real, mas sim o que é conforme” (MENEGETTI, 2010, p. 147). O critério convencional responde sempre à intencionalidade de um grupo, que pode ser social, filosófico, teológico ou pragmático.

Já o critério de natureza “é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza, e concretiza o objeto ou o campo pré-escolhido” (IBID, p. 147). O critério de natureza é o único capaz de oferecer o critério de exatidão para julgar qualquer situação, a medida que a natureza já tem na sua base uma lei fundamental, à qual o homem não pode se subtrair, porque existe. Cada ser humano é um projeto previsto pela natureza. Portanto, o critério de natureza não é subjetivo, é anterior à subjetividade histórica.

Para exemplificar o que significa um critério anterior à subjetividade histórica, poder-se-ia ousar a seguinte explicação: um conjunto de pessoas define que determinada distância será identificada como metro para medir qualquer espaço (critério convencional) e, com isso, cria-se a convenção de que todas as medições deverão seguir aquele critério, o metro. Mas, se um conjunto de seres humanos quiser definir que um ser humano tem valor pelo quanto de pedras conseguir comer e digerir, o resultado trará sérios problemas. Não se pode escolher para si mesmo algo que diverge da própria natureza. A incapacidade que um ser humano tem de

comer e digerir pedras é anterior à cultura, às convicções e à subjetividade histórica. Cada pessoa é um projeto objetivo, que se especifica conforme faz-se na história. Contradizê-lo em nome das convicções ou convenções gera sempre frustração: espera-se um resultado e não se obtém retorno.

O critério fundamental da natureza é o que se define por Em Si do homem: “a ordem apriórica e categórica de qualquer ser humano” (MENEGETTI, 2010, p. 148). Segui-lo como critério significa que partimos de onde somos reais, de onde existimos.

A verificação do critério faz-se nos fatos, porque “o critério da vida carrega consigo os fatos da vida” (IBID, p. 150).

O que é conforme ou coincidente ao Em Si ôntico é sanidade e criatividade para o homem, no plano biológico (=plano total de saúde em sentido médico), psicológico (personalidade funcional; entre as funções da personalidade está também a inteligência, a lógica, o pensamento, a reflexão a exigência de verdade) e social (=funcionalidade em todos os setores da sociedade, como, por exemplo, economia, política, efetividade, pesquisa etc) (MENEGETTI, 2010, p. 166).

Assim, pelo critério de natureza, é possível saber qual é a melhor escolha a ser feita (não por cálculo de riscos, mas a melhor na qualidade de única escolha ótima), momento a momento, no aqui agora existencial.

#### **1.4.2 A existência da escolha ótima para cada situação**

A cada interação entre pessoa e ambiente, o Em Si ôntico colhe o máximo de funcionalidade e utilitarismo àquela identidade. O Em Si ôntico

é o gerador contínuo que atua a própria formalização histórica através do momento do Eu a priori. O Eu a priori é a reflexão última entre Em Si ôntico e a situação histórica. [...] O Em Si dá a discriminante de ser ou não-ser, o Eu a priori dá o ótimo (MENEGETTI, 2010, p. 208).

Uma vez que a Ontopsicologia permite a entrada no primeiro interior das causas dos processos psíquicos, ela possibilita colher a imagem decisional. Essa imagem é conexas ao Em Si e informa o como o sujeito deve evoluir. Ela “exprime a vetorialidade ótima da situação entre Eu e mundo, em vantagem do Eu integral ou Em Si organísmico. Constitui aquele possível ótimo a ser concretizado por sucessiva tomada de consciência e de vontade, para o nascimento constante do Eu histórico em processo intrínseco” (IBID, 2012a, p. 105).

Com isso, constata-se que a identificação da virtualidade da informação ôntica, possibilitada pelo método ontopsicológico, corresponde à garantia de acerto, porque se tem um critério que faz reversibilidade com o real. Ele permite que os processos de tomada de decisão sejam oportunidade de fazer crescimento e realização da escolha ótima.

## 1.5 A IMAGEM E O SONHO NA PERSPECTIVA ONTOPSICOLÓGICA

Já no prefácio da obra *Manual de Ontopsicologia* (2010), Meneghetti situa a grande contribuição da ciência ontopsiológica nas descobertas científicas do campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão na psique humana, e a imagem alfabeto da energia. A partir dessa declaração, pode-se colher a relevância do estudo da imagem para a compreensão de quem é o homem e como ele pode conhecer. O autor, em outra obra, (2005c) afirma a Ontopsicologia como uma técnica científica que se coloca alguns fins, e individuou os modos e os meios para realizar estes fins. Para isso, primeiro há uma técnica, uma passagem: fazer bem as pequenas coisas de todo dia.

Temos um juiz da nossa administração quotidiana: o sonho. Em diferentes momentos históricos da humanidade, os sonhos parecem despertar curiosidade, seja por seu caráter premonitório, seja por parecerem-se com uma espécie de fenda que permite colher alguma informação advinda do inconsciente. Tal curiosidade não se daria por acaso: o sonho revela o máximo de realidade que um ser humano vive em um determinado momento. É “o espelho holístico da atividade orgânica e funcional do nosso existir” (MENEGETTI, 2012a, p. 250).

A Ontopsicologia propõe a análise onírica como instrumento de critério diagnóstico, tendo como fim a autenticação do ser humano e a abertura à atuação da criatividade. Para isso, considera a contribuição das suas descobertas – campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão na psique humana – e consente o nexos ontológico. “O sonho fala documentando a realidade físico-orgânica e histórica do sujeito, mas para ser admitido no interior desse arquivo de atividade lógica, devemos possuir a introdução linguística. Exatamente como não podemos saber o que um indivíduo diz, se não possuímos o código da língua que ele usa para se exprimir” (IBID, 2010, pp. 296-297).

O sonho completo sempre expõe a situação atual, sua causa e a solução. As instâncias que contribuem para a formação do sonho são a memória, o Eu ideal, o organismo, o monitor de deflexão e o Em Si. A memória, porque a consciência pode recordar apenas o que já fora fixado. O Eu ideal representa as aspirações e referências ideais do sujeito. O organismo, no que consente a necessidade de satisfação das exigências orgânicas. O monitor de deflexão se constitui uma das instâncias na medida em que pode induzir um sonho e, nesse caso, pode-se identifica-lo na presença de imagens precisas e categóricas. Já o Em Si fornece a ótica total da vida em relação ao quadro geral do indivíduo. A referência de todas essas instâncias é o Eu psicológico.

O método para ler do sonho, segundo a ciência ontopsicológica, baseia-se em três princípios universais de análise do símbolo, quatro fontes das quais derivam os símbolos e quatro aspectos para serem lidos na cena onírica. A eles é acrescido ainda a imissão informática ou interferência programática do monitor de deflexão, que no interior dos sonhos sempre faz sua marca.

A leitura do sonho deve ser feita sempre e exclusivamente na lógica funcional do sonhador e o critério universal para ler o símbolo no sonho é o biológico. Depois, o critério de verificação sobre um signo são três: (1) natureza causal, que significa verificar o valor do símbolo com base na utilidade real conhecida pelo ser humano neste planeta, (2) Efetualidade funcional do símbolo para o sujeito, isto é, o que o símbolo produz para o sujeito aqui e agora, (3) e o critério semântico, através do qual o técnico pode distinguir o sonho verdadeiro do sonho falso, e colher a diretividade ôntica, que “é a volição contínua à autorrealização do sujeito” (MENEGHETTI, 2010, p. 301).

As fontes da psicogênese do símbolo são: a realidade social, a visualização dos nossos instintos, as formalizações semânticas derivadas do externo e as pulsões meta-históricas da humanidade. Já o aparato cênico narrativo da direção onírica são ação em mutação, ambiente, pessoas ou indivíduos, e os sentimentos.

“Quando o sonho dá imagens, não são símbolos, mas deslocamentos de realidade” (MENEGHETTI, 2010, p. 54). Assim, os signos apresentados no sonho são formas que carregam energia psíquica e dão a ela um escopo, um vetor, uma direção. Meneghetti, compreendendo as imagens como projetos quânticos em ação, possibilitou com a metodologia ontopsicológica que através delas se saiba individuar como a causa escreve seus projetos. Projeto, segundo o autor, “é um arremessar para, dinâmica para, inexorável ao efeito específico”. Devemos saber lê-los como acontecimentos energéticos.

### **1.6 IMAGEM COMO CRITÉRIO NA PRÁTICA CLÍNICA: A DIRETIVIDADE DA PSICOTERAPIA DE AUTENTICAÇÃO E A AUTONOMIA DO CLIENTE NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO**

Se de um lado são reconhecidas as dificuldades do ser humano para tomar suas decisões cotidianamente, e a falta de critério para o exercício das suas escolhas, de outro é sabido que a Ontopsicologia, como ciência interdisciplinar, constitui-se como resposta epistêmica e apresenta em sua estrutura metodológica instrumentos capazes de consentir a autenticação do homem. A psicoterapia é um dos instrumentos da Ontopsicologia e significa a “análise dos processos psíquicos para individuar o ótimo de comportamento global do sujeito”



(MENEGHETTI 2012a, p. 227). Sendo assim, pode-se compreendê-la como uma ferramenta que permite ao cliente o direcionamento da própria existência segundo o critério de natureza e isso se refere à possibilidade de “ver aonde a ação psíquica vai, onde é impedida e como ajudar a pulsão constante variando os comportamentos do Eu consciente sem jamais lhe inserir nada alheio” (IBID, p. 228).

O fim primário e único da psicoterapia é a autenticação do humano, enquanto o fim secundário é o desaparecimento do sintoma. Para tais fins, o percurso psicoterapêutico possibilita 1) a identificação do Em Si; 2) a autenticação; e 3) a evolução. A identificação do Em Si

é já um grande empenho, porque se deve passar através de tantos véus constituídos pelos estereótipos, pelos complexos e pelas ideologias sobre a verdade: *estereótipos* são os modos de conduta de um sistema; *complexos* são as deformações estruturais que, do núcleo familiar, inseriram-se no amadurecimento existencial do sujeito; *ideologias* são tudo aquilo que é considerado absoluto. Esses três fatores agem de modo sinérgico estão em interação contínua e um se esconde no outro (MENEGHETTI, 2010, p. 311).

O processo de autenticação se dá na medida em que o Eu lógico-histórico seja correspondente ao previsto pelo desenho operativo da natureza do sujeito. A autenticidade é “*um pôr-se histórico conforme a própria origem metafísica por meio do real mais aderente. A realidade, de qualquer experiência que seja, diz-se mais aderente somente quando o impacto com ela consente, no indivíduo homem, a melhor gestalt do originário metafísico no contexto histórico do indivíduo*” (MENEGHETTI, 2003, p. 47).

Já a evolução é compreendida no percurso ontoterapêutico como “ação à própria ulterior virtualidade (sendo o homem um projeto virtual aberto)” (MENEGHETTI, 2010, p. 311), e ocorre depois de feita a identificação, e de reativada a autenticidade.

A psicoterapia, em seu caráter diretivo, propõe que o terapeuta comece a impulsionar na direção já assinalada pela espontaneidade do inconsciente do cliente. “Entre as características que qualificam e distinguem a nossa escola existe a *diretividade ôntica*”, isto é, “verbalizar o formal intencionado pelo Em Si inconsciente do sujeito” (MENEGHETTI, 2004a, p. 218). “O esquema-base do processo ontoterapêutico é: individuar a pulsão ou intencionalidade do Em Si ôntico no aporético contexto psicológico do indivíduo (tecido anamnético), evidenciar a sua exigência autêntica em ação situada e provocar sua atuação possível” (MENEGHETTI, 2010, p. 310). Assim, o “objeto específico da psicoterapia em sentido ontopsicológico é verificar, identificar, recuperar a intencionalidade da ecceidade do Em Si, porque onde se intenciona o Em Si, lá e assim eu sou, lá e assim eu de venho e sou existência” (MENEGHETTI, 2004a, p. 156).

Com base em um critério se pode fazer realidade, autoridade, certeza, dialética, verdade, funcionalidade. “O primeiro momento da pesquisa ontopsicológica foi encontrar o critério que levasse à saúde (como curar)”; sucessivamente, verificou-se que o critério de sanidade “era distribuído de forma proporcionada em todas as atitudes ou modos existenciais do sujeito” (MENEGETTI, 2004a, p. 266). Portanto, a verificação do critério está nos fatos. Não pode existir contradição entre o critério de natureza (Em Si ôntico) e os fatos, “porque critério da vida carrega consigo os fatos da vida. A solução para sair de qualquer problema está em seguir os elementos que os iso identifica como próprios da ótica ecceica do indivíduo” (MENEGETTI, 2010, p. 150).

A partir disso, pode-se perguntar como poder-se-ia verificar se uma escolha, uma tomada de decisão, um direcionamento é feito em congruência com a diretividade ôntica. A escola ontopsicológica propõe percursos fenomênicos para identificar e aplicar o iso ao holístico-dinâmico da pessoa: (1) a anamnese linguística e biografia histórica, (2) a análise do sintoma ou problema, (3) a análise fisionômico-cinésico-proxêmica, (4) a análise onírica, (5) a análise semântica e (6) o resultado. “O uso sincrético e contemporâneo de tais linguagens consente as interceptações do Em Si ôntico” (MENEGETTI, 2010, p. 167). Esses percursos fenomênicos são aplicados no processo diagnóstico, proporcionando a profissionais de diferentes áreas do conhecimento a total compreensão da situação, o problema, sua causa e sua solução.

Ainda é importante ressaltar que o processo ontoterapêutico possui um esquema lógico, que é articulado em cinco tempos: (1) situação de impacto, (2) anamnese retroativa, (3) diagnose fideística, (4) individuação do Em Si ôntico e (5) verbalização raciocinada e repetida do Em Si ôntico (psicoterapia centrada sobre a pulsão) (MENEGETTI, 2010). O primeiro tempo define que o psicoterapeuta impacta o cliente em disponibilidade à sua novidade, ausculta e interpreta sobretudo as mensagens inconscientes, e percebe a discordância entre expressão lógico-verbal e a cinessomática. O segundo tempo se trata do momento de habituar o cliente à introspecção, de conhecer o panorama do ambiente familiar, de trabalho, dos interesses pessoais, sociais, afetivos. Aqui ocorre a indicação precisa do problema e o cliente deve reencontrar todas as negações ou deformações que impôs a determinadas experiências e, por tê-lo feito, o crescimento pessoal se bloqueou. No terceiro tempo, compreende-se o esquema de referência interna ideal e emotiva do cliente. No quarto, o cliente deve colher a unidade do próprio dever ser, e na quinta fase, o ontoterapeuta chama constantemente o cliente à atenção de si. A diretividade empática do terapeuta deve centrar o cliente, “para que seja capaz de auscultar-se onticamente e individuar-se originalmente. A diretividade não é imposição externa, mas ausculta no mais íntimo como determinante último” (IBID, p. 320).

Uma vez que o critério de natureza é distribuído no campo existencial do sujeito, constituindo-se “aquele valor-base presente em todos os aspectos da personalidade” (MENEGHETTI, 2004a, p. 266), é possível então estudar os resultados, os efeitos de escolhas feitas em acordo ou desacordo da diretividade ôntica. “O iso é determinado pela constante presença em todas as análises: fenomenicamente exprime-se, evidencia-se em uma constante”. Com “fenomenicamente” entende-se “qualquer coisa real: a pele, os cabelos, aquilo que como, o tumor, a morte, o nascimento. É fenomênico qualquer coisa ou aspecto que é objeto da percepção dos sentidos” (MENEGHETTI, 2004a, p. 267).

De acordo com Meneghetti (2004a), o que é conforme ou coincidente ao Em Si ôntico é sanidade e criatividade para o homem, nos planos biológico, psicológico e social. Nessa afirmação, o autor especifica o plano biológico como “plano total da saúde em sentido médico”, o plano psicológico como “personalidade funcional” e explica que “entre as funções da personalidade está também a inteligência, a lógica, o pensamento, a reflexão, a exigência de verdade”, e o plano social como “funcionalidade em todos os setores da sociedade, por exemplo, economia, política, efetividade, pesquisa etc” (MENEGHETTI, 2004a, p. 265).

Para analisar a tomada de decisão no processo psicoterapêutico é importante considerar que seus efeitos são colhidos a partir da tomada de decisão do cliente, e não somente na intenção ou atitude de trazer à consciência o significado das imagens oníricas ou a identificação da pulsão do Em Si na psicoterapia. Assim, a tomada de decisão por parte do Eu lógico-histórico do cliente é parte fundamental. “A grande psicoterapia ajuda o indivíduo, mas não lhe ensina o caminho: o último a decidir é sempre o cliente. Na situação da psicoterapia ele encontra uma escola onde exercitar a própria autenticidade em crescimento contínuo, para construir horizontes sempre novos e mais amplos” (MENEGHETTI, 2010, p. 311).

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO**

Verificar resultados de tomadas de decisão baseadas no critério onírico, segundo análise ontopsicológica.

### **2.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS**

(a) Investigar quais são os Fatores de Personalidade que caracterizam os sujeitos que não tomam a decisão em concordância com a diretividade apontada pelo sonho;

(b) Comparar resultados dos sujeitos que estão em processo psicoterapêutico e dos que não fazem psicoterapia, para compreender se há diferenças significativas em relação à manifestação do estado de saúde física, e à manifestação de medo e angústia nos processos decisórios.

### **2.3 HIPÓTESES**

1. Os sujeitos que escolhem em conformidade com a direcionalidade ôntica (apontada no sonho) colhem resultados concretos depois do processo de tomada de decisão, manifestando melhores condições de saúde, e reconhecimento do utilitarismo e da funcionalidade dos resultados obtidos.

2. No estudo comparativo entre Grupo Experimental e Grupo Controle, os sujeitos que estão em psicoterapia apresentam mais saúde física, maior concordância com os módulos comportamentais característicos da fase da autóctise histórica em que vivem e maior índice de medo e angústia nos processos decisórios.

### **2.4 OBJETO DA PESQUISA**

A tomada de decisão baseada no critério onírico, segundo análise ontopsicológica.

### **2.5 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA**

Indivíduos adultos, jovens de 18 a 42 anos, brasileiros, que tenham concordado e assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Trinta participantes, que constituem o grupo 1,

devem estar em processo de psicoterapia ontopsicológica. Doze participantes, que constituem o grupo 2, não devem conhecer o método ontopsicológico de psicoterapia.

## 2.6 MÉTODOS E PROGRAMA DA PESQUISA

### (A) SELEÇÃO DA AMOSTRA:

Os participantes serão convidados a participar da pesquisa pelo fato de estarem vivenciando um processo psicoterapêutico. Como critério de inclusão, têm-se a exigência de que os participantes aceitem e queiram participar da pesquisa. Os critérios de exclusão para participar da pesquisa são a ausência de resposta de alguma parte da pesquisa e a não aceitação, por parte dos sujeitos, de participar dela.

Para o estudo comparativo, que visa responder a um dos objetivos específicos, será utilizada a metodologia conhecida como “bola de neve” ou *chain referral* – quando participantes para pesquisa são selecionados a partir da indicação de sujeitos que já foram contatados (KATZ, 2006; HUDELSON, 1994). Assim, os clientes de psicoterapia que responderam inicialmente à pesquisa e constituíram o grupo 1, indicaram pessoas de seu círculo de convívio para participarem. Assim, a partir de tais indicações, formou-se o grupo 2, constituído por pessoas que não estão vivenciando o processo terapêutico.

### (B) APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA

A avaliação psicológica é aqui compreendida como um processo constituído por diversas etapas e diferentes instrumentos. Portanto, a diagnose de cada participante da pesquisa não é realizada a partir de um teste, mas é considerada a capacidade técnica e profissional do pesquisador, juntamente com o conjunto de instrumentos diagnósticos que a pesquisa se propõe a utilizar.

É importante salientar ainda que o processo de aplicação de cada instrumento segue a metodologia proposta pelos seus respectivos manuais (NAKANO et. al., 2008; LEME et. al., 2013; NUNES et. al., 2010). Foram utilizados como instrumentos: a **Bateria Fatorial de Personalidade (Big Five)**, o **Inventário Fatorial da Personalidade (IFP II)**, um questionário (**Questionário 1**) que investiga a situação do momento existencial do sujeito em relação às fases da autócrite histórica e a características do Em Si ôntico, e um questionário (**Questionário 2**) feito com base na metodologia ontopsicológica (AZEVEDO, 2007, 2013a e 2013b), que é organizado em três partes: Identificação do sujeito, Caracterização da escolha individual do sujeito e Avaliação dos resultados.

### **(b.1) BFP: Big Five**

Sendo a amostra dessa pesquisa constituída por participantes brasileiros, optou-se por utilizar o teste Bateria Fatorial de Personalidade (BFP ou Big Five) em uma versão brasileira. No Brasil, atualmente, existem algumas escalas para avaliação da personalidade aprovadas no Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (Satepsi) do Conselho Federal de Psicologia. Silva e Nakano (2011) esclarecem que três das escalas aprovadas no Brasil avaliam os fatores separadamente: a Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (HUTZ & NUNES, 2001), a Escala Fatorial de Socialização (NUNES & HUTZ, 2007b) e a Escala Fatorial de Extroversão (NUNES & HUTZ, 2007a). Outras duas, dizem as autoras, contemplam os cinco fatores: Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R), cuja versão brasileira foi desenvolvida por Flores-Mendoza (2008), e a Bateria Fatorial de Personalidade, publicada por Nunes, Hutz e Nunes (2010), que será utilizada na presente pesquisa. Entretanto, no ano de 2013, dois anos após a publicação do trabalho de Silva e Nakano (2011), foi lançado também uma versão atualizada do IFP – Inventário Fatorial de Personalidade (ALMEIDA DE SÁ LEME ET AL., 2013), que também fará parte desse trabalho.

Sabe-se que o uso do BFP (Big Five ou Bateria Fatorial de Personalidade) pode ser indicado em pesquisas que buscam correlacionar os fatores da personalidade com a saúde. Nunes, Hutz e Giacomoni (2009), por exemplo, estudaram a associação entre bem-estar subjetivo (BES) e os fatores Neuroticismo, Socialização e Extroversão. Sendo o construto “bem-estar subjetivo” compreendido pelos autores como uma avaliação geral das próprias vidas ou da qualidade de vida, a pesquisa teve em seus resultados a comprovação da correlação de fatores da Bateria Fatorial de Personalidade com os fatores de Bem-estar subjetivo medidos por eles. “De modo geral, as percepções de maior dependência dos outros, de níveis mais elevados de ansiedade e sentimentos de solidão e incapacidade para lidar com problemas, associaram-se negativamente com a percepção de qualidade de vida” (Nunes et al, 2010, p. 33).

Na presente pesquisa, será utilizada a medição dos fatores de personalidade para compreender (1) o quanto o sujeito é saudável e qual é a sua condição atual em relação à autonomia (principalmente a autonomia psicológica, possivelmente compreendida com base nos índices de *Vulnerabilidade, Instabilidade Emocional, Passividade e Depressão* – medidos no *Fator Neuroticismo*); (2) como o sujeito considera as ideias novas, a novidade que se apresenta nele mesmo e ao seu redor (considera-se para isso os índices do *Fator Abertura*); (3) o nível de ambição e realização que o sujeito apresenta (para medi-lo considera-se os índices de *Altivez, Dinamismo* – do *Fator Extroversão* – e o *Fator de Realização*). Com isso, ter-se-á

um conjunto de dados interessante para depois correlacionar com a atitude frente ao processo de tomada de decisão, com a direção apontada pela análise onírica e também com as condições de saúde e o nível de autonomia de quem toma a decisão.

Outros trabalhos acadêmicos já encontraram relação entre Fatores de Personalidade e a atitude na tomada de decisão. Em pesquisas que correlacionam os Fatores de Personalidade e o Inventário de Dificuldades de Decisão Profissional (LOUNSBURY et al., 2005; SAKA et al., 2008), foi encontrada maior associação entre Neuroticismo e os Fatores de Indecisão. “Esse resultado sugere que níveis mais elevados de vulnerabilidade a comentários dos outros, dependência da opinião de outras pessoas, instabilidade de humor e visão pessimista sobre o futuro estiveram mais associados à indecisão profissional” (NUNES ET AL., 2010, p. 80).

Ainda houve correlações significativas e negativas entre *Realização* e alguns fatores do IDDP, o que indica que pessoas com senso mais positivo sobre sua capacidade e mais comprometidas com suas tarefas tendem a apresentar níveis mais baixos de dificuldades de escolha profissional.

Compreendemos, então, que os *Fatores de Personalidade* podem ser relacionados ao processo de tomada de decisão, na medida em que o índice que um sujeito demonstra alcançar em cada Fator de Personalidade pode explicitar a sua capacidade de autonomia na tomada de decisão, a salubridade nas interações sociais e a abertura a ideias novas (pode-se compreender esse fator como importante para medir a rigidez de cada sujeito em mover-se com base em estereótipos e/ou determinadas ideias e ideologias, que depois podem constituir um peso e/ou critério para a tomada de decisão).

Referente ao *Fator Abertura*, encontrou-se nos resultados de pesquisas já citadas a interpretação de que as pessoas com maior nível de *Abertura a Ideias* devem ter comportamentos exploratórios associados à carreira e conseqüentemente podem se tornar mais maduras para a escolha (NUNES ET AL., 2010).

No *Fator Socialização*, observou-se que níveis mais elevados de *Socialização* associaram-se à maior ênfase no retorno financeiro e na busca por status por meio da profissão (IBID). Essa afirmação leva-nos à possibilidade de afirmar que a ambição e a autonomia econômica (que serão depois avaliadas em um dos questionários nessa pesquisa, e que constituem aspectos que permitem compreender as fases da autóctise histórica), podem estar relacionadas também ao *Fator Socialização* do instrumento BFP.

## **(b.2) Inventário Fatorial de Personalidade (IFP II)**

Considerando a importância de medir Fatores de Personalidade para relacionar com a capacidade decisional, foi escolhido também o *Inventário Fatorial de Personalidade (IFP)*, em sua versão atualizada, lançada no ano de 2013, adaptada ao Brasil. O uso deste instrumento, assim como do BFP, é autorizado pelo Conselho Federal de Psicologia somente na versão aqui apresentada.

O IFP II é um inventário de traços de personalidade fundamentado no Edwards Personal Preference Schedule (EPPS) desenvolvido por Pasquali, Azevedo e Ghesti em 1997 (GODOY e NORONHA, 2010). Tal versão desse teste avalia 15 fatores em 155 itens (sendo 135 itens referentes aos traços de personalidade e duas escalas que avaliam a desejabilidade social e a validade das respostas dos sujeitos aos instrumentos). Entretanto, o IFP configurado do modo acima descrito recebeu Parecer Desfavorável do Conselho Federal de Psicologia.

Em 2013, Leme, Rabelo e Alves (2013) lançaram o Manual Técnico do IFP – II, que consiste em uma atualização do IFP, apresentando tabelas atualizadas, 100 itens (em vez de 155 como na antiga versão), e com a exclusão de alguns fatores existentes na versão anterior, tais como o *Fator Heterossexualidade*, que não consta no IFP – II. O teste, em sua versão atualizada, recebeu Parecer Favorável do Conselho Federal de Psicologia (Brasil) e tem por objetivo traçar o perfil de personalidade do indivíduo, com base em 13 necessidades ou motivos psicológicos: *Assistência, Intracepção, Afago, Autonomia, Deferência, Afiliação, Dominância, Desempenho, Exibição, Agressão, Ordem, Persistência e Mudança*.

Nessa pesquisa pretende-se, com ele, medir os índices dessas necessidades psicológicas para correlacionar a condição apresentada pelo sujeito em cada uma delas com o processo de tomada de decisão, que será medido com o uso de outros instrumentos. Cada necessidade estudada por meio desse teste pode auxiliar a compreender de que modo o sujeito vive, defende-se e coloca-se perante os desafios da vida. Pode auxiliar também nessa pesquisa na correlação das *Fases da Autóctise Histórica* com as condições vividas pelo sujeito em diferentes aspectos da sua personalidade.

O Fator Intracepção, por exemplo, quando apresentado em escores altos na avaliação de um sujeito, refere-se à tendência de deixar-se conduzir por sentimentos e pela introspecção, à disponibilidade de conceituar fatos da própria vida interior e à busca por entender os próprios comportamentos e os dos demais. Assim, a medição desse fator pode ser relacionada depois com a capacidade de autonomia psicológica, uma vez que entrar em introspecção e pensar as causas dos próprios comportamentos pode ser uma característica do sujeito que vive a psicoterapia e que busca profundidade nos conhecimentos e no entendimento das próprias experiências.



O Fator Afago está relacionado à busca de apoio e proteção. Sendo assim, os índices apresentados nesse aspecto pode auxiliar a compreender o nível de autonomia que o sujeito tem, uma vez que sujeitos com alta pontuação nesse fator “esperam ter seus desejos satisfeitos por alguma pessoa querida e amiga; desejam ser afagados, apoiados protegidos, amados, orientados e consolados. Precisam constantemente de alguém que os entenda e proteja” (LEME, RABELO e ALVES, 2013, p. 84).

O Fator Dominância é definido pela expressão de autoconfiança e o desejo de controlar, influenciar ou dirigir o comportamento dos outros. Pode, assim, ser compreendido nessa pesquisa como um fator que auxilia na compreensão do nível de ambição à liderança que o sujeito apresenta.

Desempenho é também um fator que pode indicar o teor de ambição que um sujeito apresenta, uma vez que

pessoas com alta pontuação em Desempenho tendem a apresentar percepções favoráveis a respeito da sua capacidade e atitudes ativas na busca de objetivos pessoais, profissionais ou acadêmicos, com extrema dedicação e detalhismo. Podem se desenvolver em diversas tarefas simultaneamente, planejando detalhadamente os passos para a realização de atividades complexas e desafiantes, as quais revisam cuidadosamente antes de expô-las. Em contrapartida ao alto nível de exigência pessoal que imprimem em seus afazeres, esperam obter reconhecimento por seu esforço. De forma moderada, tendem a tomar iniciativa das atividades que exercem, de forma assertiva e proativa (LEME, RABELO e ALVES, 2013, pp. 84-85).

Assim, o Fator Desempenho representa uma parte importante dos aspectos da personalidade estudados no presente trabalho, uma vez que as pontuações que um sujeito demonstra nesse fator mostra o quanto se coloca com vontade, força e capaz de realizar qualquer processo, novidade, metabolização, aprendizagem, enriquecimento. Tal vontade é característica da “Fase III” da Autóctise Histórica (MENEGHETTI, 2013, pp. 31-32). A realização da ambição também é passível de ser estudada por meio desse fator, e constitui um dos aspectos importantes que caracterizam a “Fase IV” da Autóctise Histórica (IBID, pp. 32-36).

O Fator Agressão é visto aqui como um indicador que mede o nível de saúde em que vive o sujeito no momento. Trata-se da saúde mental e psicológica, já que “pessoas com altas pontuações de Agressão tendem a ser irritáveis, nervosas e com grandes variações de humor, com dificuldades para controlar seus sentimentos negativos e apresentam baixa tolerância à frustração” (LEME, RABELO e ALVES, 2013, p. 85). Os autores também afirmam que se trata de pessoas que tendem a ser inseguras, que se abstêm de tomar decisões importantes da vida e que podem vivenciar sofrimento psicológico em decorrência da aceitação externa, uma vez que

buscam agradar as pessoas para receber atenção. Também tendem a apresentar baixa expectativa em relação o futuro, o que parece ter relação com falta de ambição.

Da mesma forma, o Fator Ordem pode contribuir para a compreensão da condição de saúde que vive o sujeito, já que as pesquisas demonstram que pessoas que apresentam alta pontuação em Ordem tendem a dedicar-se ativamente na busca de seus objetivos, “planejando cada passo e revisando cada avanço na realização das tarefas” (IBID). Para o estudo dos processos de tomada de decisão, o Fator Ordem também pode contribuir para o entendimento de como o sujeito decide: Pessoas com altos índices de *Ordem* ponderam em momentos de tomada de decisão, calculando as consequências e evitando ir contra normas ou regras vigentes.

O Fator Persistência parece trazer respostas significativas para depois compreender o nível de ambição que um sujeito apresenta. Para Meneghetti (2013), ambição está relacionada ao agir no social, na história, na existência segundo a própria identidade interior, e pode significar preparar-se para poder se realizar e também saber servir melhor as necessidades do contexto circunstante. O Fator Persistência não demonstra se o caminho escolhido pelo sujeito corresponde à sua identidade, mas pode mostrar o quanto ele finaliza os trabalhos iniciados, e o nível de disposição que ele tem para fazer sacrifícios em razão das conquistas que almeja. As pessoas com altas pontuações em Persistência tendem a ser dedicadas e confiantes na própria capacidade, e em geral, são atenciosas e empáticas com os demais.

O Fator Mudança se trata de um indicador da busca por novidade e da capacidade de desligar-se de lugares, pessoas ou objetos. A facilidade para a mudança de hábitos e a busca ativa por situações que permitam interações sociais são característicos de pessoas que apresentam altas pontuações no Fator Mudança. Sendo assim, esse fator pode ser relacionado ao aspecto estudado no item 1b do questionário aplicado junto à análise onírica nessa pesquisa.

Autonomia é o fator que se parece mais significativo para compreender todos os itens levantados por Meneghetti (2013) para que um sujeito realize-se na Fase IV da Autóctise Histórica: saúde, economia, liberdade e ambição. Pessoas com escores altos no Fator Autonomia tendem a se sentir livres, e gostam de agir independente e livremente, seguindo seus impulsos. “Desafiam qualquer convenção” (LEME, RABELO e ALVES, 2013, p. 86). Entretanto, deve ser sublinhado que o conceito de autonomia que se considera para o entendimento do Fator Autonomia no IFP não tem total convergência com o modo como se entende autonomia na presente pesquisa. Esse termo tem suas origens do grego, *αὐτονομία*, - *ας*: *αὐτός* (próprio, si mesmo) + *νόμος* (lei, norma, regra). Segundo o *Vocabolario Etimologico di Pianigiani* (2006), AUTÒS ele mesmo e NÒMOS lei: Liberdade de viver com as próprias leis. Uma vez que o Manual Técnico do IFP II menciona que pessoas com altas pontuações em

Autonomia tendem a “procrastinar frente a afazeres longos e difíceis e necessitam da atenção de outras pessoas” (LEME, RABELO e ALVES, 2013, p. 86), fica evidente que esse fator precisará ser estudado junto aos demais fatores e dos outros testes, para que a autonomia propriamente dita possa ser medida.

### **(b.3) Questionário 1**

Este questionário foi criado para servir como instrumento para avaliar a situação atual do indivíduo antes da análise do sonho e da intervenção terapêutica e após a escolha ter sido feita pelo sujeito. Tal conjunto de indagações foi confeccionado exclusivamente para a presente pesquisa, e é composto por perguntas que permitam obter informações sobre a situação que o sujeito vive no presente momento histórico temporal. Sabe-se, porém, que tais condições podem mudar, momento a momento. Uma vez que a autóctise histórica se dá na medida em que se fornece quântico de existência ao próprio Em Si ôntico, “nasce-se continuamente ou, caso não se faça bem as próprias coisas, envelhece-se a cada dia” (IBID, p. 47).

Considerando que uma das primeiras definições de Em Si ôntico que se encontra na obra Dicionário de Ontopsicologia é “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (MENEGHETTI, 2012a, p. 84), esse questionário é construído para permitir descobrir o quanto o sujeito percebe, em efeitos concretos do próprio dia-a-dia, a manifestação em si mesmo das características que o Em Si ôntico apresenta e que fazem possível sua identificação.

Optou-se pela formulação de perguntas que também abrangessem algumas características do Em Si ôntico porque

*as projeções ou adaptações categóricas do Em Si ôntico na existência foram racionalmente verificadas em constante presença em estados sadios, maduros e de evoluções superiores. Sem exceções, verificou-se a sua ausência ou diminuição em todos os casos patogênicos, anômalos e confusionais do sujeito. Elas especificam os módulos de sanidade e crescimento para o sujeito e dão a congruidade com o iso de natureza (MENEGHETTI, 2013, pp. 44-45).*

Destaca-se aqui aquelas características do Em Si ôntico que foram consideradas, até esse momento e ao que parece à pesquisadora, passíveis de verificação por meio da resposta de um breve questionário. Além de objetivar a análise de aspectos da condição histórico existencial dos participantes, tal questionário propõe perguntas que permitam investigar se predomina no sujeito (participante) a evidência da presença de características do Em Si ôntico ou da ausência delas.

Das características que Meneghetti descreve, a “vencedor” e a “alegre” contribuem com a compreensão de que o Em Si “não conhece o erro, conseqüentemente não conhece o medo e

a angústia” (IBID, 2013, p. 47). Essa premissa faz-se presente no questionário que compõe o conjunto de instrumentos usados nessa pesquisa.

#### **(b.4) Questionário 2**

O segundo questionário auxiliará na coleta dos dados que devem ser coletados para o processo de análise do sonho segundo a metodologia ontopsicológica. Ele é muito completo, já que considera, no decorrer das perguntas por ele propostas, os momentos que compõem uma entrevista psicoterapêutica, os aspectos a serem considerados no processo diagnóstico e, a partir de tais dados, investiga a diretividade da intencionalidade ôntica para o sujeito no momento da tomada de decisão. Já tendo sido utilizado em outras pesquisas (AZEVEDO, 2007, 2013a e 2013b), tal questionário possui um método próprio de tabulação dos dados e é ligado diretamente ao método ontopsicológico. Assim, vem ao encontro dos objetivos dessa pesquisa.

Ao indagar sobre

❖ **a identificação do sujeito**, esse questionário:

- **(1a)** Releva a autoavaliação e investiga as suas máximas referências afetivas;
- **(1b)** Investiga os estereótipos do sujeito em âmbito econômico;
- **(1c)** Investiga o “Eu perdido” do sujeito (diagnose fideística); e
- **(1d)** Investiga Relação / tipo corporal.

Ao tratar

❖ **da caracterização da escolha individual do sujeito**,

- **(2a)** Investiga o grau de satisfação nos diversos setores da vida;
- **(2b)** Explora a descrição livre da escolha a fazer;
- **(2c)** Solicita a qualificação do problema e das dificuldades da escolha;
- **(2d)** Releva as “soluções conscientes”, ou seja, as preferências reveladas;
- **(2e)** Releva, com o método ontopsicológico, a preferência ôntica.

Por último,

❖ **na avaliação dos resultados**,

- **(3a)** Avalia a análise ontopsicológica e a preferência ôntica, feita imediatamente após a entrevista; e
- **(3b)** propõe que o sujeito avalie qualitativa e quantitativamente a escolha efetivamente feita e os resultados concretos obtidos historicamente. Essa última parte é realizada com perguntas respondidas posteriormente à escolha feita e os resultados obtidos (tempo 2 da pesquisa).

Considerando os seis aspectos que caracterizam a diagnose ontopsicológica e também os tempos do esquema lógico da psicoterapia, esse questionário considera, de acordo com Azevedo (2007, 2013a, 2013b), que

os pontos 1a, 1b e 1c documentam, de maneira muito sintética, aquilo que habitualmente ocorre na anamnese linguística e biografia histórica. [...] No ponto 1a, o sujeito responde a dezesseis perguntas para si mesmo e para um grupo, constituído por um máximo de dez pessoas por ele escolhidas como o seu grupo de referência afetiva ou grupo de valor. Com essas perguntas, é possível conhecer melhor: 1) o sujeito; 2) o seu grupo de referência; 3) o modo como o sujeito avalia o grupo de referência; 4) o modo como o sujeito avalia a si mesmo em relação ao grupo de referência; 5) se o sujeito tem ou não um estilo de vida próximo ao de seu grupo de referência (AZEVEDO, 2013a, p. 150).

O ponto **1b**, solicita que o sujeito responda o quanto cada uma das frases corresponde, de 0 a 10, aos **seus valores e aos valores do grupo** que ele escolheu no ponto **1a**.

As questões têm por escopo compreender eventuais rigidismos ou radicalismos com relação aos lugares comuns, ou estereótipos, que se referem à vida econômica de um sujeito. As perguntas, portanto, são propositadamente estereotipadas, não havendo qualquer juízo de valor sobre elas. Servem apenas para favorecer a tomada de posições dicotômicas por identificação de estereótipos. [...] Importante é procurar compreender como o sujeito pensa, como julga, como reage ou qual atitude tem diante de certos estereótipos que se referem à vida econômica em geral, quais são para ele fundamentais, quais não etc (IBID, p. 151).

Para realizar a análise dos dados obtidos nesse ponto, utiliza-se um conceito matemático sintético para medir o conjunto de questões. Define-se uma variável chamada distância entre o sujeito e o grupo para sintetizar a diversidade de respostas entre o sujeito e o seu grupo, com valores entre 0 e 100%. O cálculo da distância funciona da seguinte forma:

Para cada pergunta se calcula o valor do quadrado da diferença entre a resposta do sujeito e aquela que ele deu para o grupo. Somam-se todos esses valores e depois se extrai a raiz quadrada do total. Ao final, o resultado é dividido pelo número de perguntas e, desse modo, temos um índice de 0 a 100%. A distância igual a 0% significa que o sujeito respondeu de maneira absolutamente idêntica ao grupo; uma distância de 100% significa que o sujeito respondeu de maneira absolutamente oposta ao grupo.

$$\text{Distância} = \frac{\sqrt{\sum_i (P_i - G_i)^2}}{N}$$

Por meio desse artifício matemático, podemos generalizar a análise dos estereótipos culturais segundo as coordenadas espaço-temporais nas quais o método for aplicado (IBID, p. 153).

No ponto **1c**, documenta-se a **diagnose fideística**, que constitui o terceiro tempo do “esquema lógico do processo ontoterapêutico” (MENEGETTI, 2010, p. 318). “Para alguns setores da sua vida, o sujeito responde se faria diversamente. Caso afirmativo, responde também o quanto é disposto hoje a investir para mudar aquele ponto ou situação. A unidade de medida nesse caso não poderia ser outra que a sua vontade de fazê-lo, mas em termos práticos, pode-se

também falar de quanto tempo, dinheiro, esforço etc” (AZEVEDO, 2013a, p. 153). Por meio das perguntas propostas nesse ponto, busca-se compreender em quais setores da vida o sujeito quer investir e em quais não quer mais mudar, ao menos naquele momento.

O ponto **1d** corresponde à **análise fisionômico-cinésico-proxêmica**. Esta análise corresponde a um dos itens que compõem o processo diagnóstico segundo a escola ontopsicológica. Entretanto, reconhece-se a dificuldade de documentar dados a respeito dessa análise, “seja pela diversidade de abordagens no interior dos conhecimentos acerca da fisionômica, dos comportamentos cinésicos, seja pelas diversas sensibilidades às atitudes proxêmicas, segundo a origem cultural, por exemplo: por um africano ou por um europeu, pode não ter a mesma interpretação para um russo, ou para um japonês” (IBID, p. 154). Mesmo assim, considera-se válido coletar dados sobre esse aspecto, uma vez que a análise fisionômico-cinésico-proxêmica constitui um fator muito importante para a compreensão da situação atual do sujeito.

Os pontos **2a**, **2b** e **2c** permitem a **análise do sintoma ou problema**, que constitui o segundo aspecto do processo diagnóstico, segundo a metodologia ontopsicológica.

No item **2d** é que começa-se a explorar a documentação das **preferências reveladas pelo sujeito**. Propõe-se, então, fazer um elenco das soluções (ou escolhas) que o sujeito releva, factíveis ou não, e para cada uma delas o sujeito indica o quanto considera aquela escolha ideal e o quanto a considera factível. Depois de elencar inicialmente as preferências reveladas, o sujeito conta um ou mais sonhos feitos nos dias precedentes à entrevista.

A este ponto, tem-se já os elementos racionais mais que suficientes para compreender o sujeito em seu contexto e, portanto, compreender racionalmente o seu problema. Após ter feito a análise onírica segundo o método ontopsicológico, reporta-se à consciência do sujeito aquela diretiva-escolha autêntica que, até então, ele não conseguiu individuar, total ou parcialmente que seja, e que denominamos de preferência ôntica. Logo a seguir, o sujeito avalia a preferência ôntica nos mesmos termos com que avaliou as preferências reveladas (IBID, p. 156).

O método ontopsicológico permite então a análise do sonho para a individuação da, assim chamada, consciência ôntica. “[...] é preciso aplicar a metódica ontopsicológica, ou seja, usar o método bilógico com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão, de outro modo, não é Ontopsicologia: teríamos apenas uma enésima opinião sobre a situação do sujeito e seria um grave erro verbalizá-la” (IBID, 157).

A terceira parte do questionário é aquela que se refere à avaliação dos resultados, e se divide em dois momentos. Da pergunta **R1** à **R5** o **sujeito avalia a análise ontopsicológica e a solução por ela revelada**. Em um segundo momento, da pergunta **R6** à **R11**, faz-se a

**avaliação dos resultados concretos** obtidos pelo sujeito após a escolha, como quer que tenha sido. “A variável claramente fundamental deste encontro é R7, ou seja, quanto o sujeito atuou a indicação do seu Em Si ôntico” (IBID, p. 157).

#### **(b.5) Teste dos seis desenhos (T6D)**

O Teste dos seis desenhos é um dos instrumentos diagnósticos propostos pela Ontopsicologia e consiste em uma “técnica projetiva não estruturada: é dado somente o argumento dos seis desenhos, que o cliente pode realizar livremente seguido a própria fantasia” (MENEGHETTI, 2012b, p. 317). Segundo Meneghetti (IBID), o princípio-base para interpretar as correlações do espontaneísmo gráfico centrado sobre seis conjuntos simbólicos (os quais refletem o conjunto de ação existencial do sujeito) está em verificar se, quanto e como a identidade intencional do sujeito é ou não funcional e útil no contexto segundo os paradigmas normais e comuns do real biossocial (para o sujeito).

A escolha desse instrumento vai ao encontro das características da amostra e da proposta da pesquisa, uma vez que “o T6D é destinado a pessoas a partir dos 3 anos; não está ligado ao desenvolvimento mental, porque é um teste essencialmente dinâmico” (MENEGHETTI, 2012b, p. 318). No T6D, evidencia-se o prospecto geral de um ser humano em sentido psicodinâmico, e tem-se como base a figura de seis ideias universais bastante simples: árvore, homem, mulher, família de origem, situação atual e situação futura. Nessa simplicidade essencial, é possível escrever uma série infinita de caracteres.

Para fazer a análise dos seis desenhos, utiliza-se o mesmo critério universal de análise dos símbolos do sonho: “A decodificação desse teste não é baseada em códigos culturais, mas no critério biológico: o critério é extraído da ordem organísmica, que é o Em Si ôntico. O sinal é positivo se confirma e aumenta a identidade e a funcionalidade do holístico dinâmico do indivíduo” (IBID, p. 321).

Para facilitar a comparação e relação entre caracteres e dinâmicas demonstrados no T6D respondido por cada participante da pesquisa, foram criadas no presente estudo algumas categorias a serem observadas em cada desenho e tabuladas para posteriores análises nesse estudo:

- **Presença de vincos ou buracos na árvore:** segundo Meneghetti (2012b), se a árvore é desenhada com buracos, estamos diante de um tipo de complexo ou de uma experiência traumática (que pode ser doença ou violência sofrida) ou de uma frustração violenta. De qualquer forma, nos demais desenhos é possível que apareçam sinais e imagens que podem

auxiliar o psicoterapeuta individualizar em relação a que fato, pessoa, ocasião esse buraco que encontra-se na árvore se refere.

- **Proporção entre o tronco e a copa.** Considera-se de extrema importância a observação desse aspecto no desenho da árvore, pois indica o quanto o sujeito está baseado em referências válidas ou disfuncionais para si.

- **Presença de base na árvore:** “A árvore com pouca base indica também que o sujeito está baseado de modo superficial e leviano, que ainda não encontrou a sua estrutura fundamental e não tem uma referência de base válida com o seu inconsciente; conseqüentemente, o seu Eu não tem segurança dentro de si mesmo. Pode significar uma excessiva repressão de personalidade, com necessidade de estar mais em dialética extrovertida com os outros” (IBID, p. 330).

- **Presença de frutos sadios na árvore:** indicam autorrealização: “é sempre indício de bem-estar psíquico atual no sujeito, isto é, ele está colhendo satisfações, está realizando a si mesmo. Se a árvore não tem frutos, em pessoas jovens, pode significar que estamos diante de uma atitude que vai adiante, mas a personalidade ainda deve ser construída” (IBID, p. 331).

- **Figuras pequenas e no alto da folha:** Compreende-se que “se as figuras são muito pequenas e colocadas no alto da folha, significa que o desenhista tem pouca realização histórica” (p. 332).

- **Exposição da mesma dinâmica na Situação Atual e Situação Futura:** Entende-se que “se o desenho da situação atual e o do escopo ou situação futura expõem a mesma dinâmica, quer dizer que o sujeito – naquele momento – não tem intenção de se empenhar para um crescimento. Nesse caso, espera-se uma decisão pessoal” (p. 333).

- **Centralidade dos desenhos:** O espaço da folha de papel indica a amplitude do desejo de ambição do sujeito (p. 330).

### (C) ETAPAS DA PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa, foi importante primeiro um estudo mais aprofundado sobre o processo humano de tomada de decisão, segundo abordagens teóricas. Concluiu-se que o processo de tomada de decisão é reconhecido pelas correntes que o estudam como um processo muito complexo, sendo a falta de critério um dos fatores que agrava esse problema. Ainda na fundamentação teórica, apresenta-se então a contribuição que a Escola Ontopsicológica pode trazer a esse campo, uma vez que consente, através da descoberta do Em Si ôntico, a identificação, em cada ser humano, de um princípio formal inteligente que “constitui o critério-base da identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como relação” (MENEGHETTI, 2012a, p. 84). Sendo critério, o Em Si ôntico estabelece identidade ou



diferença do sujeito em relação a um ponto, a uma hipótese, a uma lei, a uma ação. A diretividade dada por esse princípio pode ser colhida através da análise onírica (se feita segundo a metodologia ontopsicológica), que é um instrumento importante utilizado na psicoterapia. “O homem produz autorrealização quando a sua ação é conforme, ou iso, ao próprio Eso” (IBID, p. 85).

A partir disso, para verificar resultados de tomadas de decisão baseadas no critério onírico, segundo análise ontopsicológica, essa pesquisa se propõe às seguintes etapas:

- ❖ (1) Investigar aspectos da situação histórico-existencial do sujeito para conhecer o tipo de resultado que ele vive no dia-a-dia. Para isso, deve-se aplicar:
  - A Bateria Fatorial de Personalidade (BFP ou Big 5),
  - O Inventário Fatorial de Personalidade (IFP),
  - O “Questionário 1”, composto por perguntas produzidas especialmente para essa pesquisa, que investiga sanidade e modos especificantes da ética de comportamento do sujeito e suas manifestações no seu dia-a-dia;
- ❖ (2) Investigar a diretividade da intencionalidade ôntica para o sujeito no momento da tomada de decisão. Para isso deve ser aplicado:
  - O “Questionário 2”: Um questionário desenvolvido com base na metodologia ontopsicológica, que é composto por três partes: a identificação do sujeito, a caracterização da escolha individual do sujeito, e a avaliação dos resultados. Nesse questionário, é apresentada a decisão a ser tomada, as opções de escolha já ponderadas pelo sujeito e, posterior à análise onírica, a diretividade ôntica apontada pelo sonho.
- ❖ (3) Em um segundo momento, duas ou três semanas após a aplicação desses instrumentos, cada sujeito deve responder:
  - A parte final do questionário 2 (que se propõe a investigar se a decisão feita pelo sujeito foi aquela que havia sido indicada pelo sonho) e o modo como o sujeito percebe a escolha feita.
  - O “Questionário 1” novamente (tempo 2), para saber se depois de feita a decisão o sujeito manifesta alguma diferença no modo como vive a própria saúde física, o bem-estar e a percepção de si frente aos desafios e novidades do dia-a-dia.
- ❖ (4) Análise dos resultados:

- Verificar os resultados manifestados na realidade histórico existencial **dos sujeitos que escolhem com base na intencionalidade de natureza** – apontada pelo sonho – nos tempos 1 e 2 da pesquisa.
- Investigar quais são os Fatores de Personalidade que caracterizam os sujeitos que não tomam a decisão em concordância com a diretividade apontada pelo sonho;
- Relacionar os resultados da análise do sonho e do T6D de cada sujeito com os resultados obtidos no Inventário Fatorial de Personalidade e na Bateria Fatorial de Personalidade (Big Five).
- Comparar resultados dos sujeitos que estão em processo psicoterapêutico e dos que não fazem psicoterapia, para compreender se há diferenças significativas em relação à manifestação do estado de saúde física, e à manifestação de medo e angústia nos processos decisórios.

### 3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

#### 3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa dividem-se em dois grupos. O primeiro (Grupo 1), de trinta pessoas, que estão em processo de psicoterapia, e o segundo, de 12 pessoas (grupo controle), constituído por sujeitos que nunca tiveram contato prévio com a psicoterapia e o método ontopsicológico. A idade dos participantes varia dos 18 aos 43 anos, sendo que os participantes do Grupo 1 variam entre a idade de 18 e 43 anos, e os participantes do Grupo 2 têm de 22 a 42 anos.

#### Idade (grupos 1 e 2)

<b>Média</b>	32.00
<b>Desvio padrão</b>	6.54
<b>Idade mínima</b>	18
<b>Idade máxima</b>	43

#### Idade Grupo 1

<b>Média</b>	32.37
<b>Desvio padrão</b>	6.45
<b>Idade mínima</b>	18
<b>Idade máxima</b>	43

#### Idade Grupo 2

<b>Média</b>	31.08
<b>Desvio padrão</b>	6.97
<b>Idade mínima</b>	22
<b>Idade máxima</b>	42

#### Gênero

Os participantes dividem-se em 22 homens e 20 mulheres, sendo que o Grupo 1 é composto por 17 homens e 13 mulheres e o Grupo 2, por 5 homens e 7 mulheres. Vale ressaltar que, no Grupo 1, as trinta pessoas convidadas para participar da pesquisa o aceitaram. Entretanto, o Grupo 2, que inicialmente era composto por 30 indicados, e em sua maioria homens, foi constituído por apenas 12 pessoas, que aceitaram fazer parte da pesquisa. Portanto, é possível observar que um maior número de mulheres aceitou fazer parte da pesquisa, enquanto os homens, em maioria, resistiram.

<b>Gênero</b>	<b>Frequência</b>
<b>MASCULINO</b>	22
<b>FEMININO</b>	20

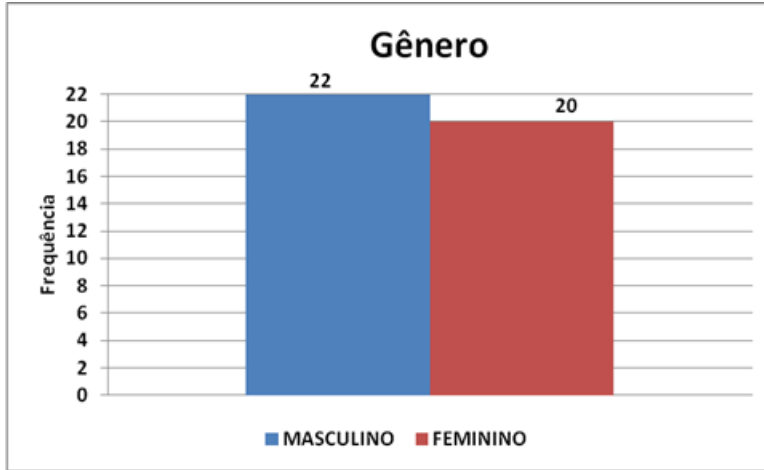


Figura 1: O gênero dos participantes da pesquisa (Grupos 1 e 2 juntos).

### Gênero Grupo 1

<b>Gênero</b>	<b>Frequência</b>
<b>MASCULINO</b>	17
<b>FEMININO</b>	13

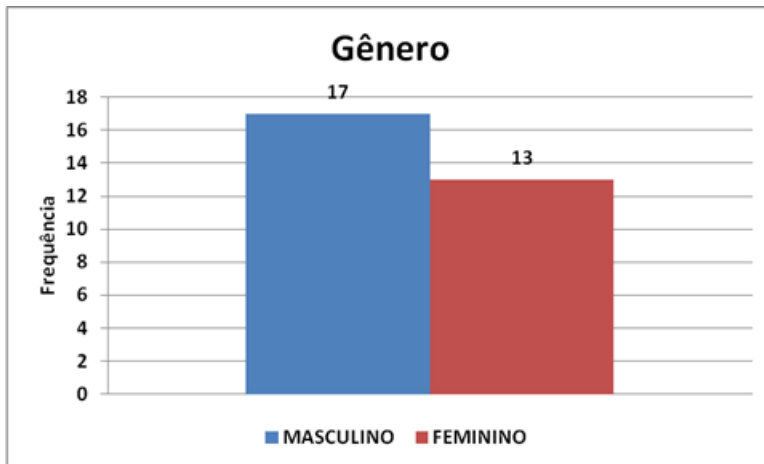


Figura 2: O gênero dos participantes do Grupo 1

### Gênero Grupo 2

<b>Gênero</b>	<b>Frequência</b>
<b>MASCULINO</b>	5
<b>FEMININO</b>	7

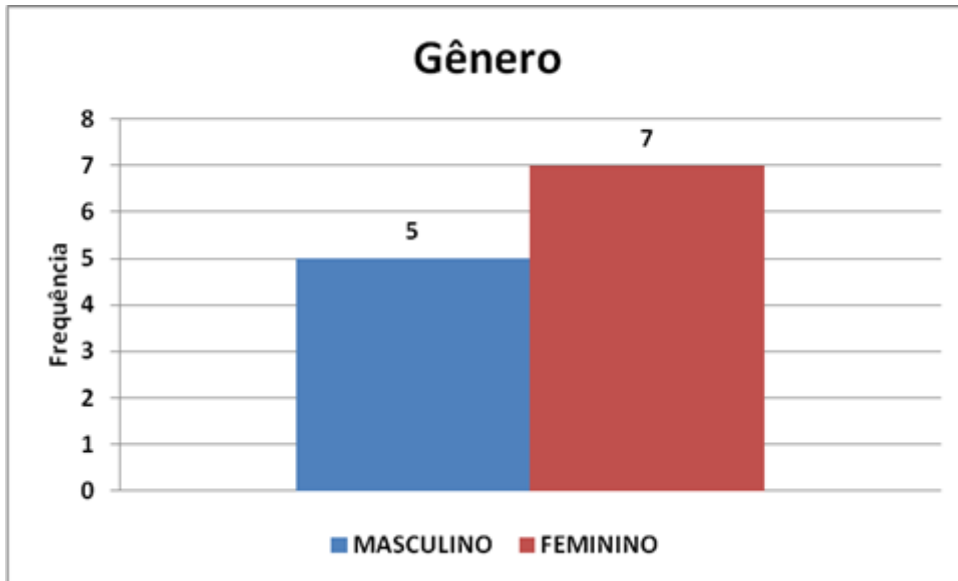


Figura 3: O gênero dos participantes do Grupo 1.

### Profissão

A maioria dos participantes da pesquisa é constituída por gestores e empresários. Depois, observa-se também um número expressivo de designers, advogados e arquitetos. Na análise estatística, nos testes  $\chi^2$ -quadrado, constata-se que não há diferença significativa em relação a profissão e gênero entre o Grupo 1 e o Grupo 2. Esse dado permite conceber o Grupo 2 como um Grupo Controle, pois a proposta, para isso, é que os dois grupos apresentem exatamente todas as características do grupo experimental, menos a variável a ele aplicada.

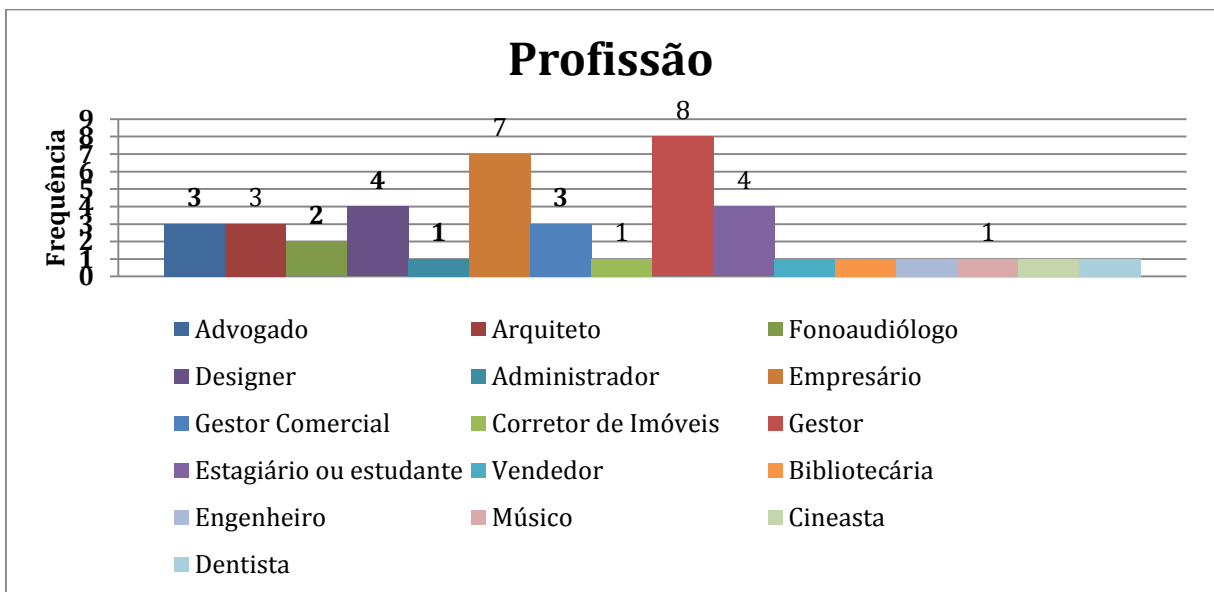


Figura 4: A profissão dos participantes da pesquisa.

## Profissão Grupo 1

Profissão	Frequência	Porcentual
Advogado	2	6,7
Arquiteto	3	10,0
Fonoaudiólogo	1	3,3
Designer	3	10,0
Administrador	1	3,3
Empresário	5	16,7
Gestor comercial	3	10,0
Corretor de imóveis	1	3,3
Gestor	5	16,7
Estagiário ou estudante	2	6,7
Vendedor	1	3,3
Bibliotecário	1	3,3
Engenheiro	1	3,3
Músico	1	3,3
Total	30	100,0

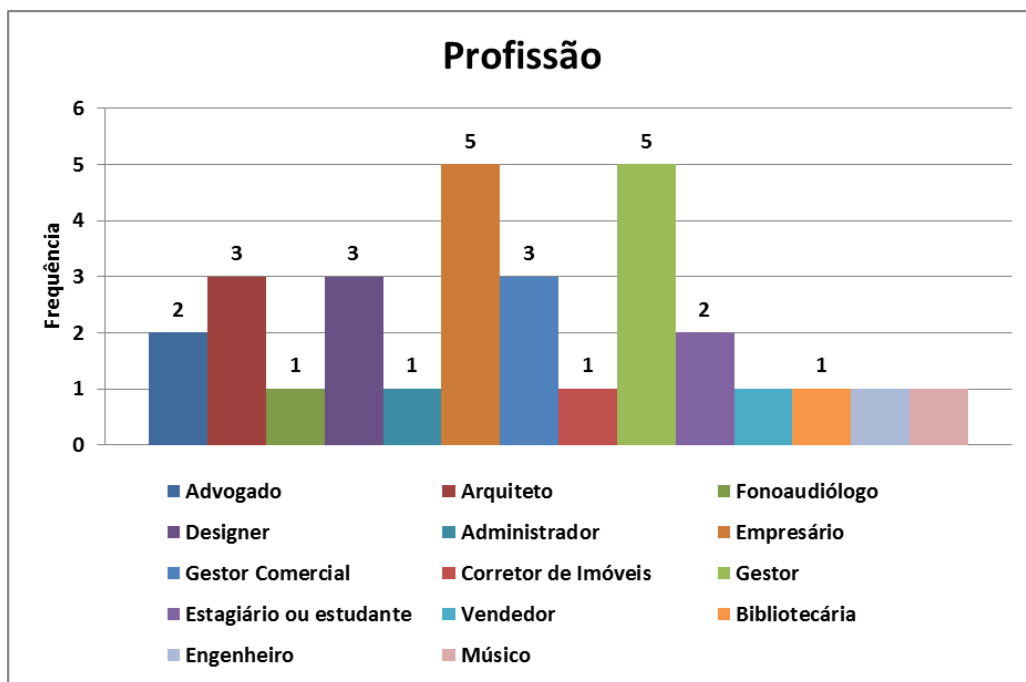


Figura 5: A profissão dos participantes do Grupo 1.

## Profissão Grupo 2

Profissão	Frequência	Porcentual
Advogado	1	8,3
Fonoaudiólogo	1	8,3
Empresário	2	16,7
Designer	1	8,3
Gestor	3	25,0
Estagiário ou estudante	2	16,7
Cineasta	1	8,3
Dentista	1	8,3
Total	12	100,0

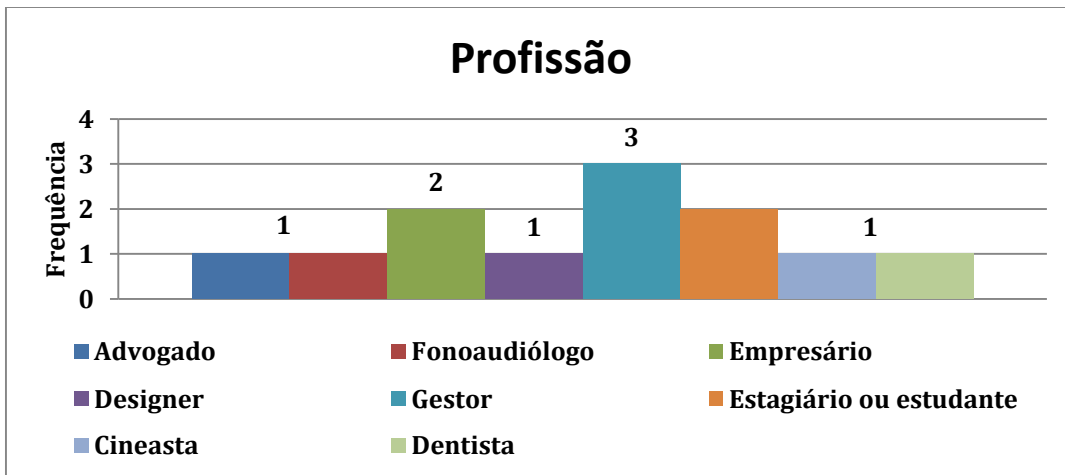


Figura 6: A profissão dos participantes do Grupo 2.

Os sujeitos que compõem o Grupo 1, entretanto, no momento em que participaram da pesquisa, estavam em processo psicoterapêutico por períodos que variam de 1 a 30 meses. Isso significa que alguns participantes haviam começado tal processo a 1 mês apenas, e outros já haviam iniciado há 30 meses. É importante ressaltar, de qualquer forma, que cada sujeito vive o processo psicoterapêutico de modo particular também no que se refere ao tempo de tratamento. Nos primeiros três a seis meses, é recomendável que o cliente faça sessões semanais ou quinzenais. Porém, depois, deve buscar o psicoterapeuta e marcar as próprias sessões apenas quando demanda e deseja a abertura à revisão crítica e à possibilidade de crescimento que cada

encontro psicoterapêutico pode proporcionar. Em média, os participantes do Grupo 1 iniciaram o processo psicoterapêutico há onze meses.

### **Há quantos meses começou o processo de terapia?**

<b>Média</b>	11.53
<b>Desvio padrão</b>	7.48
<b>Tempo mínimo</b>	1
<b>Tempo máximo</b>	30

## **3.2 ANÁLISE DO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO NA PSICOTERAPIA**

### **Tomada de decisão**

Tendo em vista o objetivo primário da presente pesquisa, que é verificar resultados de tomadas de decisão baseadas no critério onírico, segundo análise ontopsicológica, faz-se fundamental iniciar a discussão com a apresentação dos dados relativos aos aspectos decisórios e suas consequências. Em uma entrevista psicoterapêutica, cada sujeito:

- responde às questões do Questionário 1, que verifica suas condições de saúde e posicionamento em relação à própria existência atualmente;
- responde ao questionário 2, auxiliando na investigação de diversos aspectos que caracterizam a anamnese linguística e biografia histórica, a fisionômica e cinésica, a diagnose fideística, referências e valores do sujeito;
- situa e detalha o atual problema ou a situação que enfrenta;
- conta um ou mais sonhos recentes;
- faz o T6D, técnica projetiva não estruturada, que propõe o desenho de seis ideias universais;
- responde aos testes BFP (Big Five) e IFP, que medem fatores da personalidade.

Depois de tais investigações, a pesquisadora expõe ao cliente o direcionamento dado pelo sonho e pelas imagens apresentadas no T6D, junto aos outros cinco critérios diagnósticos propostos pela ciência ontopsicológica. Com base nesse direcionamento, ou seja, na intencionalidade do Em Si, que foi colhida através da leitura das imagens, cada sujeito tomou sua decisão.

Das 30 pessoas que constituíram o Grupo 1, portanto, que já estavam em processo psicoterapêutico, 24 (equivalente a 80%) decidiram agir de acordo com a diretividade apontada pela leitura do sonho e do T6D, e 6 (20%) não o fizeram. A decisão, entretanto, não foi medida



pelo discurso consciente apresentado pelo sujeito no segundo tempo da pesquisa, mas pelo conjunto de informações colhidas nessa etapa final, que foi constituída por:

- resposta ao Questionário 1, preenchido novamente, com o intuito de verificar as condições de saúde e posicionamento do sujeito em relação à própria existência na situação atual e comparar com as respostas feitas pela mesma pessoa no tempo 1.
- resposta à parte final do Questionário 2, em que o participante informa se decidiu ou não seguir as diretivas apontadas pela leitura das imagens oníricas, e se os resultados dessa decisão foram úteis e funcionais, qualitativa e quantitativamente.
- relato de um sonho, feito nos dias recentes, pelo menos duas semanas após o tempo 1 da pesquisa.

Com base nesses dados, é possível constatar se a pessoa fez, de fato, a decisão de acordo com a diretividade apontada pelo sonho no Tempo 1 da pesquisa, uma vez que, se a decisão é feita com base no critério onírico, o problema será resolvido (ou começará a ser solucionado) e, com isso, a problemática apontada pelo sonho deve mudar, os aspectos da saúde, da vitalidade e do posicionamento em relação à própria existência devem manifestar-se de forma diferente do momento anterior, e os resultados obtidos qualitativa e quantitativamente devem ser concretos.

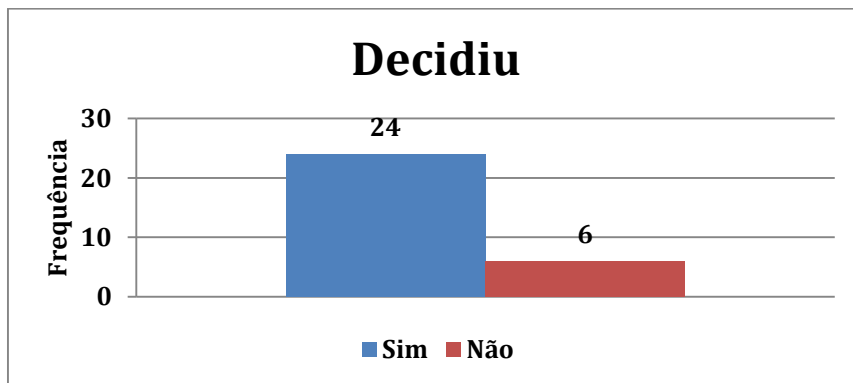


Figura 7: Quantas pessoas (do grupo 1) decidiram agir com base no critério onírico (80% decidiu e 20% não decidiu).

Os resultados do Grupo 2 relacionados à tomada de decisão não foram investigados, uma vez que os participantes do Grupo 2 (Grupo Controle) não estavam em processo de psicoterapia e, portanto, não há nesse caso a abertura, por parte dos sujeitos, para que o pesquisador explicita a análise do sonho e questione posteriormente sobre as atitudes tomadas. A relação psicoterapêutica, que no Grupo 1 é presente, baseia-se em elementos peculiares que a distinguem de qualquer outra relação. Sendo assim, a “consciência de uma necessidade e o

reconhecimento da capacidade de um psicoterapeuta em dar-lhe respostas” e “a decisão do cliente em discutir-se sem salvo-condutos para nenhuma das próprias atitudes” são alguns dos elementos que caracterizam a relação psicoterapêutica (MENEGETTI, 2010, p. 309).

Portanto, investigar-se-á no Grupo 2 aspectos mais relacionados às condições existenciais do sujeito, sua personalidade, seu posicionamento e sua relação com os próprios sonhos, mas não será foco desse trabalho estudar a tomada de decisão propriamente dita no Grupo 2.

De qualquer forma, é relevante registrar que, dos 12 participantes do Grupo 2, três entraram em contato com a pesquisadora em momento posterior à entrevista feita para esse estudo, com o objetivo de informar a decisão tomada e a intenção de iniciar um processo psicoterapêutico. Assim, é possível constatar que tais pessoas sentiram-se responsabilizadas após serem indagadas sobre as próprias escolhas, a própria história, suas condições e situação existencial. Mais que isso, esses três sujeitos foram aqueles que, após contarem o sonho e fazerem os seis desenhos (T6D), mais indagaram sobre o significado de suas formas. Interessaram-se, portanto, pela proposta de considerar as imagens que produzem, e inclinaram-se a conhecer, através delas, sobre a atividade orgânico-funcional do próprio existir.

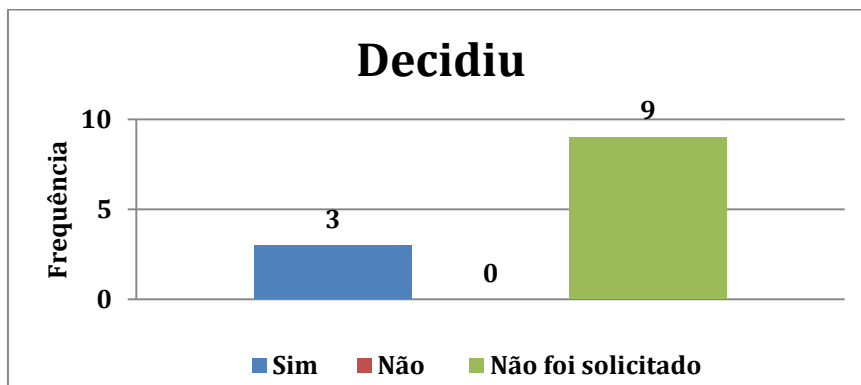


Figura 8: Quantas pessoas (do Grupo 2) decidiram agir com base no critério onírico e depois relataram à pesquisadora (25% decidiu).

### **Tomada de decisão e a imagem onírica**

A primeira questão a analisar é o fato de, em psicoterapia, alguns clientes lembrarem e outros não lembrarem dos sonhos. Uma vez que já se tenha iniciado o processo de psicoterapia, o ato de não recordar os sonhos, segundo Meneghetti (2012b, p. 38), pode acontecer por duas situações. A primeira refere-se a uma condição, do sujeito, de doença e/o de estar em resistência, isto é, o seu Eu lógico é tão rígido que não deixa filtrar informações; A segunda trata-se de que o sujeito está numa situação de autóctise, por isso a ausência de sonhos

estruturais significa que não existem problemas a sinalizar. “De qualquer modo, em linhas gerais, o fato de não recordar dos sonhos é devido à primeira situação, ou seja, à resistência” (IBID). Resistência, como afirma o autor, é um modo de adaptação ao complexo, que de per si não é uma realidade patológica, mas “uma realidade psíquica que se formou em compromisso entre as exigências sociais e as exigências biológicas do indivíduo (Meneghetti, 2012a, p. 52). Em outras palavras, a resistência se dá por uma parte do sujeito que não quer conhecer uma outra parte de si.

Assim, pode-se compreender a falta de consciência da atividade onírica como um fenômeno que denuncia um tipo de desinteresse pela própria vida; uma barreira que o sujeito impõe à própria mudança.

Nesse estudo, foi constatado que as pessoas que conseguiram aplicar e implementar as mudanças necessárias na própria história existencial costumam lembrar dos sonhos. Quando foram aplicados os testes do *Tempo 1* da pesquisa, três dos 30 participantes que compõem o Grupo Experimental não lembravam de nenhum sonho recente. Nos testes aplicados no *Tempo 2*, verificou-se que um deles conseguiu implementar as mudanças necessárias, que haviam sido colhidas na diretividade dada pelas constatações que os demais critérios diagnósticos permitiram na entrevista do Tempo 1. Os outros dois participantes que não se recordavam das imagens oníricas no *Tempo 1* não conseguiram implementar qualquer mudança e continuaram não lembrando do próprio sonho no *Tempo 2* desse estudo.

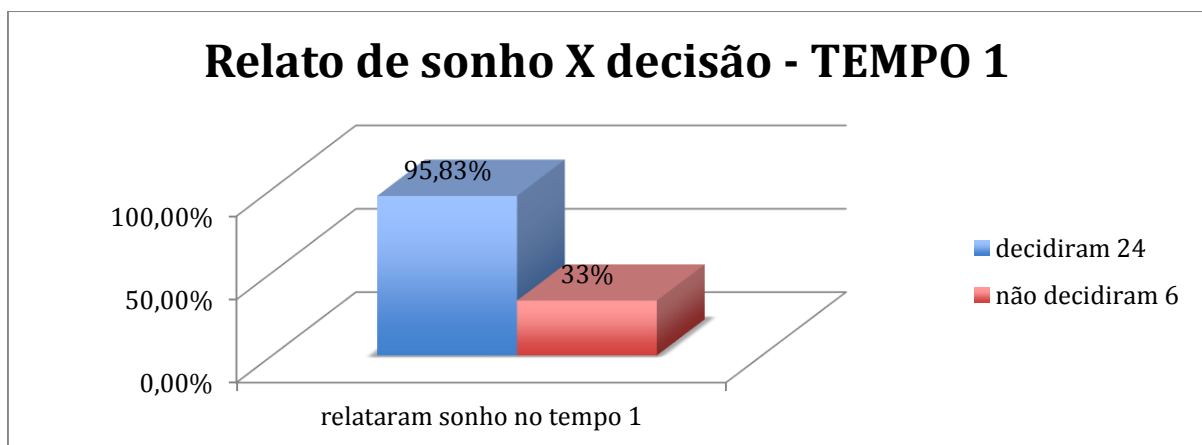
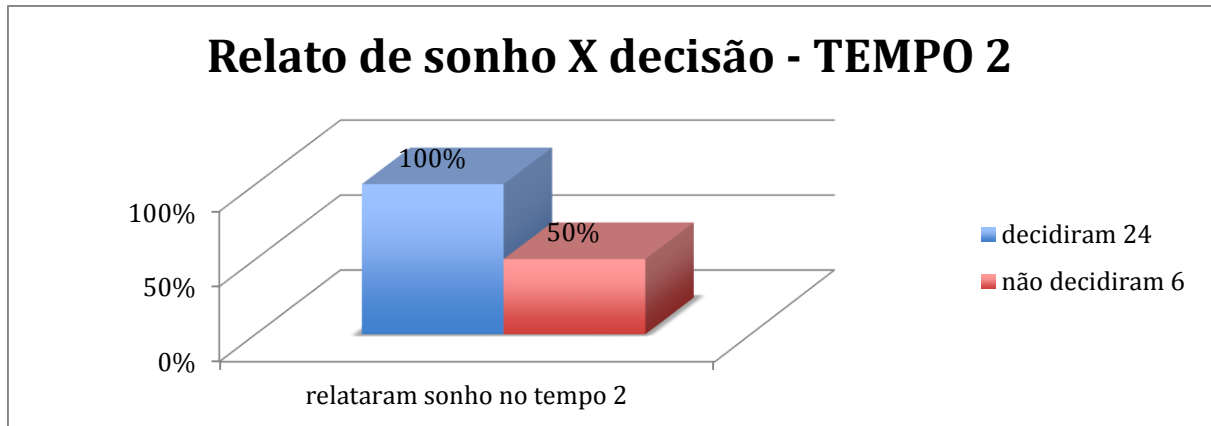


Figura 9: Porcentagem de pessoas do Grupo 1 que decidiram e lembraram do sonho no Tempo 1, e de pessoas que lembraram do sonho e o relataram no Tempo 1, mas não decidiram agir segundo a direção apontada pela análise e explicitada na sessão.



*Figura 10: Porcentagem de pessoas do Grupo 1 que decidiram e lembraram do sonho no Tempo 2, e de pessoas que lembraram do sonho mas não decidiram agir segundo a direção apontada e explicitada no tempo 1.*

Já no Tempo 2 da pesquisa, pode-se perceber ainda um aumento da resistência por parte daqueles que não implementaram as mudanças necessárias para resolver a situação que enfrentam no momento. A escassez de consciência da atividade onírica afirma a falta de responsabilização pela própria existência.

### **Tomada de decisão e as alterações na imagem onírica.**

A cada momento, o fato onírico assinala as predominâncias das vetorialidades no interior do sujeito. O sonho usa uma hierarquia de importância do realismo, colocando em primeiro lugar aquilo que é mais real e urgente (MENEGETTI, 2010, p. 298). Pode-se, então, considerar que um problema apontado pelo sonho em um instante da existência de um sujeito deve continuar sendo apontado nas imagens oníricas enquanto o sujeito não o soluciona. Da mesma forma, se a pessoa se responsabiliza e decide agir dirigida à solução do problema, de modo a extingui-lo, o sonho começa a apontar para outros aspectos da existência daquele sujeito, com base na hierarquia de importância daquele momento. Assim, demonstramos agora os cruzamentos entre os sujeitos que tomaram a sua decisão e fizeram mudança, ou não, na esfera do sonho.

### **Mudança da esfera do sonho**

A gráfica onírica “assinala o erro ou o êxito segundo uma hierarquia que parte do indivíduo, prossegue pela esfera da família e dos colaboradores e, no final trata das relações externas” (MENEGETTI, 2012b, p. 216). A esfera individual compreende o sentido físico de existência. A segunda esfera, afetiva, se trata do ambiente de referência afetiva, familiar, emotiva, sexual. A esfera dos colaboradores compreende as pessoas físicas por meio das quais

o líder opera e a esfera social constitui a esfera da atividade concreta, o mundo dos negócios e da atividade econômica.

Nos resultados obtidos no Grupo 1 (dos participantes que estão em processo psicoterapêutico) confirma-se a maior incidência de mudança de dinâmica na comparação entre a esfera de necessidades exposta no primeiro sonho contado (no *Tempo 1* da pesquisa) e no sonho relatado no *Tempo 2*. Assim, constata-se que o sonho não obrigatoriamente muda em sua esfera de prioridades quando o sujeito se decide por agir de acordo com a direção apontada pela imagem onírica conscientizada anteriormente. Pode ocorrer, então, que o sujeito decida mudar e comece a agir em direção ao que apontou a imagem onírica exposta no *Tempo 1*, mas a esfera do sonho não mude em razão de ainda existirem outras problemáticas da mesma dimensão a serem resolvidas.

Analisando os participantes do Grupo 1 que não decidiram, constata-se em todos os casos em que o sujeito não decidira por resolver sua situação, os sonhos seguintes se apresentam na mesma esfera de prioridade do antecedente ou esfera inferior. Enquanto a pessoa não se responsabiliza e dirige sua ação para resolver o problema, a necessidade de solução daquela mesma esfera continua sendo apontada pelo sonho.

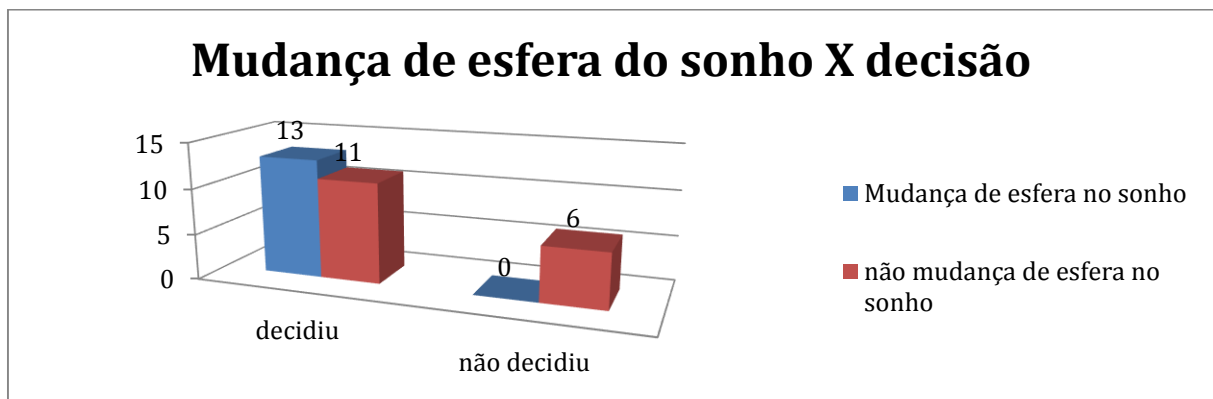


Figura 11: Número de pessoas que decidiram e fizeram mudança na esfera de prioridade do sonho (comparando sonho relatado no tempo 1 e no tempo 2).

Para detalhar melhor esse aspecto da mudança de esfera do sonho, o próximo gráfico demonstra que 54% das pessoas decidiu e obteve mudança na esfera do sonho, 46% dos participantes decidiu de acordo com a direção dada pela análise do sonho mas não observou mudança na esfera do sonho, e nenhuma das pessoas que não decidiu apresentou mudança na esfera de necessidades do sonho, entre o período entre o *Tempo 1* e o *Tempo 2* da pesquisa (duas a três semanas). É importante ressaltar que a mudança foi medida considerando uma evolução: se o sonho relatado no *Tempo 1* apresentava uma problemática da segunda dimensão, ou seja,

da esfera familiar e afetiva, considera-se uma mudança de esfera quando no sonho relatado no *Tempo 2* da pesquisa é exposta uma situação da esfera 3 (dos colaboradores) ou da esfera 4 (setor social).

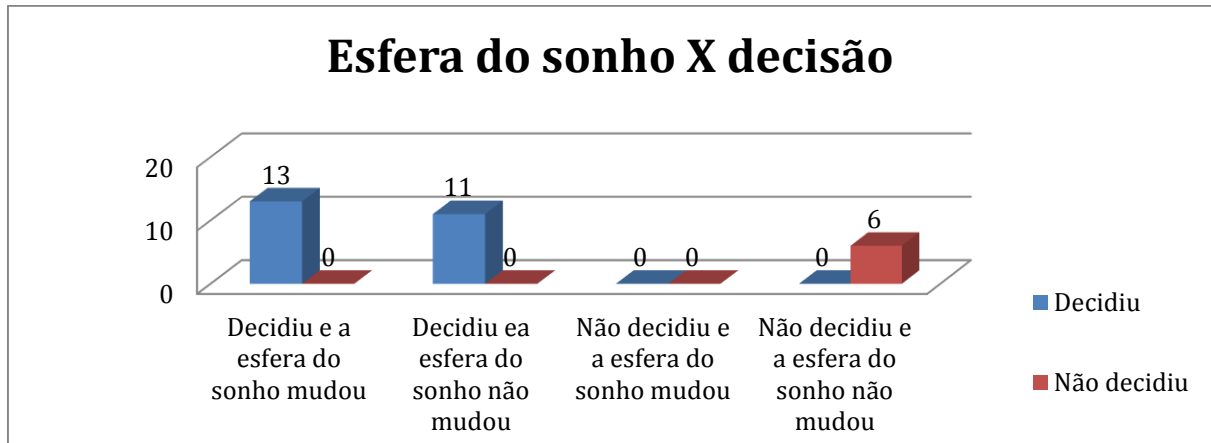


Figura 12: quantas pessoas decidiram solucionar o próprio problema e observaram mudança na esfera do sonho.

### **Mudança na direção do sonho**

Analisando os dados do grupo 1 (pessoas que estão em processo psicoterapêutico), constata-se que aqueles sujeitos que, por explicitar indícios e resultados, confirmam a decisão própria de resolver o problema atual com base nas diretivas da imagem onírica, apresentam mudanças na direção dada pelo sonho no *Tempo 2* da pesquisa. Ou seja, depois de terem começado a agir para resolver a situação, costumam relatar novos sonhos que apontam para uma nova problemática e, portanto, outra direção. Constata-se que 91% das pessoas que decidiram tiveram mudança na direção apontada pelos sonhos nas semanas seguintes.

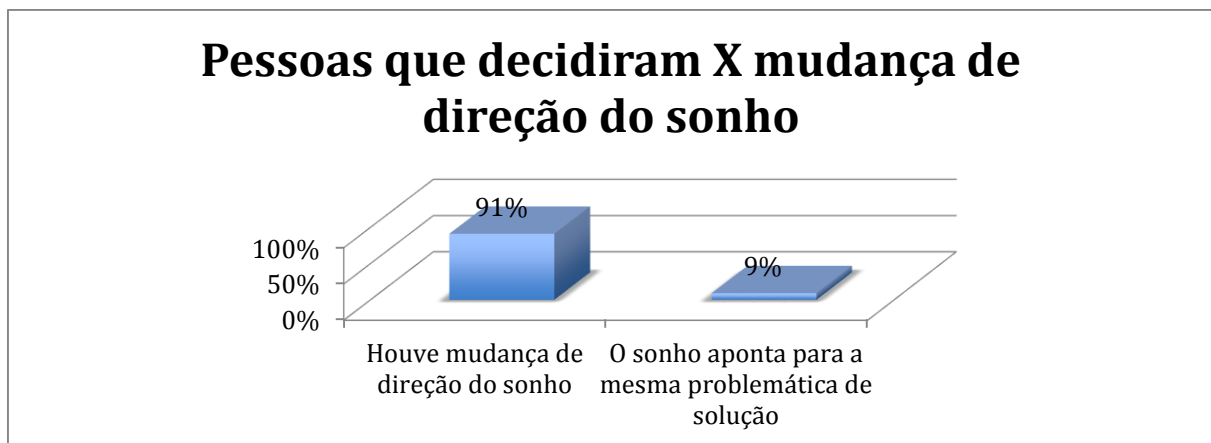


Figura 13: porcentagem de pessoas que decidiram e posteriormente fizeram sonhos com novas diretivas, diferentes das anteriores.

A direção dada pela imagem onírica “identifica o quântico de investimento do sonhador na situação dramatizada pelo sonho” (MENEGETTI, 2011 PROJETO H, p. 177). Se compararmos a direção de dois sonhos de um mesmo indivíduo em tempos diferentes, é possível que, se a direção for a mesma, ele não tenha agido de forma a modificar sua situação. “A lógica do sonho é sempre a de intervir para remediar o erro do Eu lógico consciente. No sonho, o inconsciente total indica ao Eu se ele está errando ou não” (IBID, 2011 PROJ H, p. 200).

### **Tomada de decisão e elementos do T6D**

A técnica projetiva dos seis desenhos permite conhecer as dinâmicas que movem o sujeito, o modo como ele se coloca diante da própria existência e, como o sonho, expõe a problemática que vive atualmente, bem como suas causas e a solução. Algumas categorias foram escolhidas para realizarmos a análise do T6D que foi realizada primeiro em relação ao *Grupo I*, comparando as pessoas que decidiram e as que não decidiram. Assim, espera-se tornar possível enriquecer a compreensão dos fenômenos psicológicos e das causas que se apresentam junto do processo de decidir e da resistência à decisão.

#### **a. Apresentação da mesma dinâmica na situação atual e futura**

Como afirma Meneghetti (2012b), a exposição da mesma dinâmica no desenho da situação atual e o do escopo ou situação futura significa a ausência de intenção do sujeito de se empenhar para crescer naquele momento. Os dados sobre esse aspecto do T6D têm importância na medida em que revelam a abertura ou a indisposição que cada sujeito demonstra de mudar qualquer forma de comportamento ou impostação na própria vida.

Nos resultados, constatou-se que apenas 3 das 24 pessoas que decidiram apresentaram a mesma dinâmica nos desenhos da situação atual e futura do T6D. Considerando que, na entrevista, cada sujeito fora informado de que esse aspecto se fazia presente e do seu significado, pode-se supor que essas três pessoas abriram-se para rever as próprias escolhas e decidir pelo crescimento depois da intervenção feita no *Tempo I*. Compreende-se nessa suposição que cada cliente, quando responsabilizado, pode decidir-se por resolver sua problemática e crescer a partir do momento se abre para olhar-se, sem salvo-condutos.

## Decisão X Apresentação da mesma dinâmica na situação atual e futura (T6D)

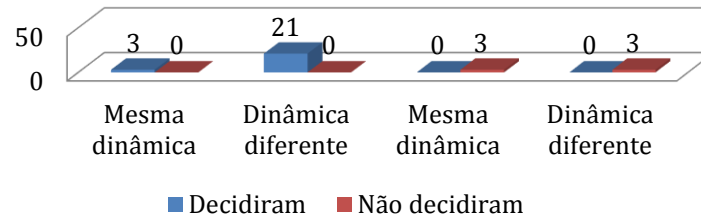


Figura 14: Número de pessoas que decidiram e que não decidiram em relação à apresentação da mesma dinâmica na situação atual e futura da técnica projetiva T6D.

## Decisão X elementos do T6D

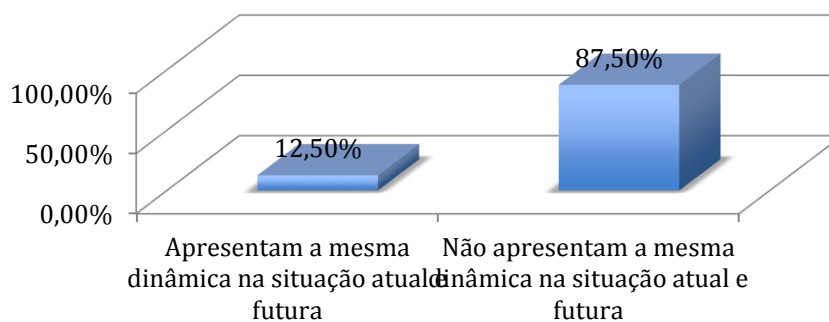


Figura 15: Porcentagem de pessoas que decidiram e apresentam a mesma dinâmica na situação atual e futura do T6D.

### Implementação da solução indicada – GRUPO 1

Das pessoas (do Grupo 1) que decidiram e agiram de acordo com a direção apontada na análise das imagens oníricas, 100% afirmou ter tentado implementar a mudança. Ao dar uma nota de zero a 10 para responder o quanto já conseguiu implementar a solução indicada, as notas variaram de 3 a 8, sendo que a maioria das pessoas deu nota de 7 a 9. As notas mais baixas foram frequentes nos casos em que o sujeito sente que, embora já tenha decidido e começado a agir, precisa de mais tempo para sentir os resultados da sua mudança. O intervalo entre Tempo 1 e Tempo 2 é relativamente curto, pois o objetivo do presente estudo é verificar os resultados mais imediatos tomados de decisão, mesmo que o processo de implementar a solução indicada pelo sonho exija mais tempo.





Figura 16: A nota (de 1 a 10) que os sujeitos que tomaram a decisão atribuíram a si mesmos em relação à implementação da solução indicada (Grupo 1- pessoas que decidiram).

### Tomada de decisão concreta e anunciada

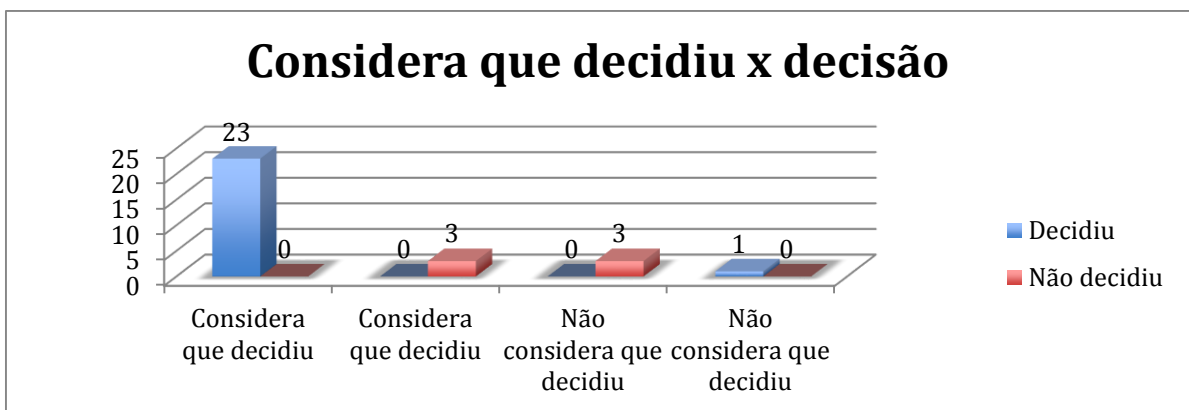


Figura 17: Quantidade de sujeitos que decidiram X quantidade de sujeitos que consideram ter decidido (Grupo 1).

Ao responder a pergunta “Você considera ter decidido implementar a solução indicada pela análise do sonho?” o sujeito exprime sua própria percepção sobre si mesmo. Porém, para compreender quem decidiu e quem não o fez, consideramos aqui a análise do sonho nos tempos 1 e 2, a análise dos desenhos, e os resultados obtidos na vida histórico existencial e medidos no Tempo 2, também através do questionário 2. Assim, algumas pessoas (10% da amostra total do Grupo 1) que pensam ter decidido não decidiram, uma das pessoas que constatamos ter decidido entende que não decidira (por não ter tempo hábil para implementar toda a solução indicada entre os tempos 1 e 2), e muitos dos que realmente decidiram, consideraram ter decidido.

A partir do momento que a Ontopsicologia surge como hipótese resolutiva ao problema crítico do conhecimento, e apresenta suas descobertas, torna-se possível compreender as confusões que cada pessoa pode fazer ao refletir e interpretar a realidade própria e também os

fatos que ocorrem ao seu redor. Se a consciência não é exata, o sonho é que pode dar, momento a momento, uma possibilidade de leitura da situação atual com exatidão, e não apenas a interpretação consciente dos fatos.

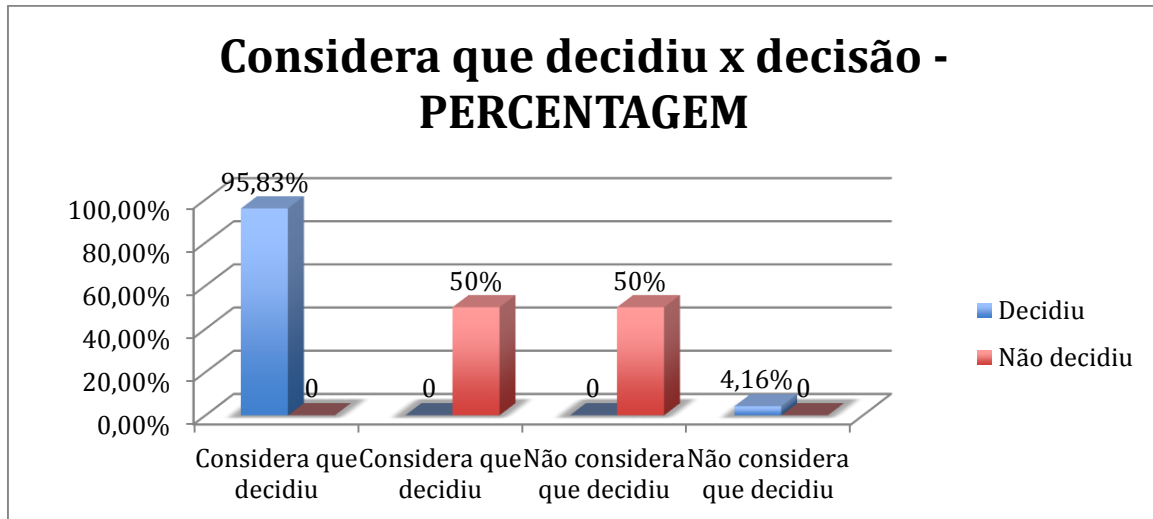


Figura 18: Porcentagem do número de sujeitos que decidiram X consideram ter decidido (Grupo 1).

### **Resultados da implementação da solução indicada pelo sonho**

Cada sujeito, ao responder sobre os resultados da solução indicada pelo sonho, exprime sua percepção sobre os resultados obtidos atribuindo uma nota, de 1 a 10, para a utilidade e a funcionalidade do resultado obtido pela implementação da solução indicada pelo sonho, além de indicar o quanto o resultado foi satisfatório qualitativamente. Estatisticamente, os dados de resposta de todos esses itens questionados são significativos (p-value menor que 0,05). No gráfico, é possível visualizar que a grande maioria das pessoas atribuiu notas acima de 7 para o resultado obtidos em todas essas qualidades, sendo que a maioria das pessoas atribuiu nota 10 à funcionalidade e ao quão satisfatório foi o resultado obtido. Esse dado demonstra que, ao aplicar a solução indicada pelo sonho, a pessoa tem a evidência, através dos resultados, de que o critério a partir do qual tomou a decisão é válido para si.

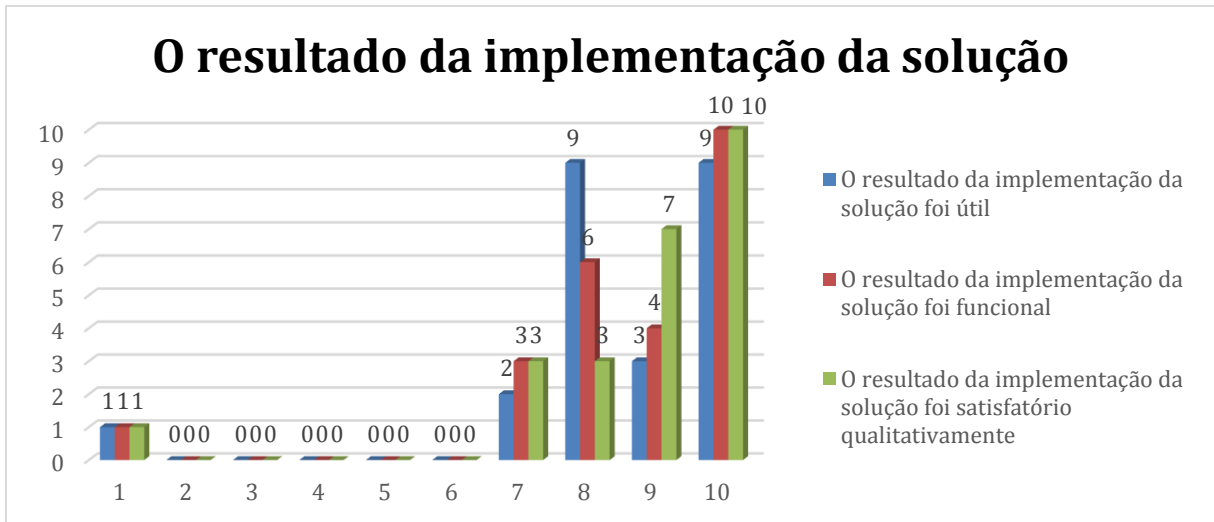


Figura 19: Número de sujeitos que atribuiu qual nota (de 1 a 10) à utilidade, à funcionalidade do resultado obtido pela implementação da solução indicada pelo sonho e pelo quanto foi satisfatório qualitativamente.

### **Comparação entre as pessoas que decidiram e não decidiram nos tempos 1 e 2.**

Para medir os resultados obtidos pelos sujeitos da pesquisa após implementarem a solução para a qual as imagens oníricas apontaram, foi aplicado um questionário (Questionário 1) nos Tempos 1 e 2. Assim, pretende-se medir e comparar nesses dois momentos como o sujeito avalia as próprias condições de saúde, vitalidade e bem-estar corporal, o nível de importância que atribui ao trabalho e ao cuidado de si, o próprio posicionamento em relação aos processos de tomada de decisão e aos fatos que ocorrem na própria vida, e a sua relação com os próprios sonhos. O Questionário foi proposto em formato de Escala Likert para classificação de respostas.

No cruzamento desse mesmo questionário nos dois momentos diferentes, e separando as respostas daqueles que decidiram implantar a solução indicada pelo sonho e os que não decidiram, obteve-se muitos resultados estatisticamente significativos, que são apresentados a seguir.

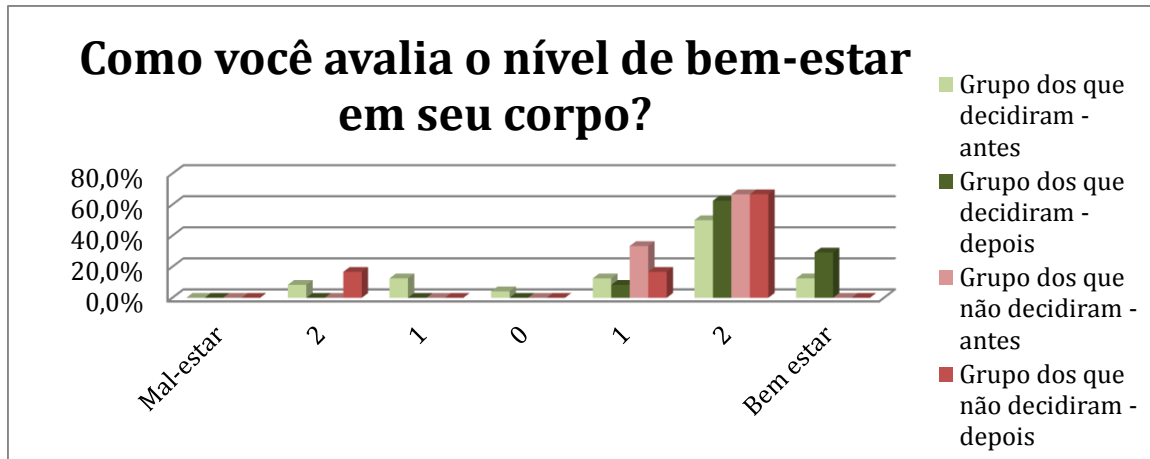


Figura 20: Cruzamento entre tempos 1 e 2 da resposta à pergunta "como você avalia o nível de bem-estar em seu corpo?".

Conforme demonstra o gráfico, os sujeitos que não decidiram, e portanto não implantaram a solução indicada pelo sonho, avaliaram o nível de bem-estar no próprio corpo de forma igual ou apresentaram uma significativa diminuição de bem-estar do Tempo 1 para o Tempo 2. Já os que fizeram a decisão e agiram de acordo com as orientações apresentadas na análise do sonho, obtiveram aumento de bem-estar no próprio corpo.

Esse dado pode ser analisado a partir da compreensão de que a descoberta do Em Si ôntico implica o conhecimento dos critérios e os comportamentos da alma humana, e a individuação das exigências dessa essência espiritual que é encarnada. O sonho é o momento em que se pode colher a imagem projetada pelo Em Si ôntico e conhecer uma parte de si mesmo que é vencedora e sempre se move de acordo com o que é útil e funcional à própria identidade. Sabendo ler tal imagem, torna-se possível agir em concordância com seus direcionamentos, e assim colhe-se o bem-estar e a sanidade.

O Em Si configura-se também biologicamente (Em Si orgânico), sendo critério de sanidade e dando-lhe experiência psicoemotiva. Aqueles que não aplicaram na realidade histórico-existencial as mudanças ou os direcionamentos apontados pela análise das imagens oníricas, tendem a permanecer do mesmo modo ou obter resultados sempre inferiores ao esperado e disfuncionais à própria saúde. "Qualquer imagem pode ser uma mediação do sacro de forma vencedora e, em tal caso, deve ser vivida. Essa se distingue pelos resultados: o sujeito sente-se melhor e mais operativo" (MENEGHETTI, 2012b, p. 94).

Da mesma forma, no gráfico seguinte, é possível visualizar que resultados parecidos aparecem em relação à avaliação dada pelos sujeitos para a própria vitalidade e à sensação de incômodo no próprio corpo. Um maior número de pessoas do grupo das que não decidiram apresentam vitalidade mais baixa no tempo 2 do que no tempo 1, enquanto as que decidiram e

aplicaram na própria vida a solução direcionada pela imagem onírica analisada no Tempo 1, obtiveram no Tempo 2 uma percepção de maior vitalidade.

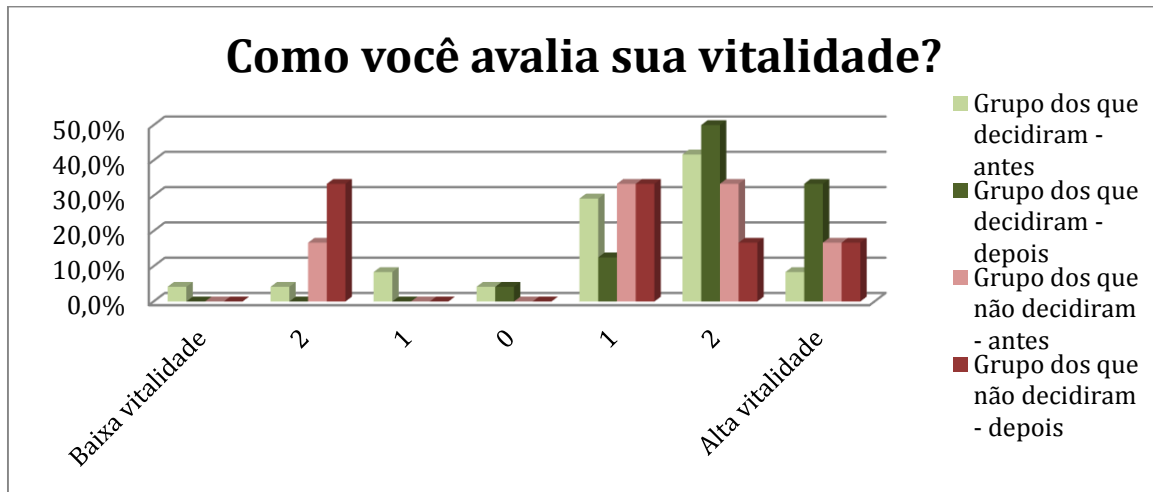


Figura 21: Cruzamento entre os tempos 1 e 2 da pesquisa, a resposta à pergunta "como você avalia sua vitalidade nos últimos dias?"

Em relação ao posicionamento dos sujeitos frente aos desafios do cotidiano, dados significativos estatisticamente e também bastante importantes para as constatações dessa pesquisa foram encontrados. A presença do medo se dá apenas naqueles que não colocaram-se em abertura para uma decisão séria de implementar a solução ótima para o próprio crescimento. Por outro lado, os participantes que decidiram e agiram de acordo com a direção dada pelo sonho, apresentam um aumento de coragem frente aos novos desafios.

A experiência do medo e da angústia não são fenômenos da natureza humana, mas constituem o terceiro dos três efeitos do monitor de deflexão. O primeiro, é a subtração de consciência do Em Si, pelo qual o homem torna-se inconsciente de si mesmo. O segundo efeito é a ocupação dos primeiros categóricos ou postulados do comportamento ético. Uma vez que o a análise do sonho permite conhecer os próprios fatos a partir de como são identificados pelo Em Si ôntico, não é difícil compreender por que aquelas pessoas que decidem em concordância com o direcionamento da imagem onírica vivenciam em menor escala a experiência de um efeito do monitor de deflexão.

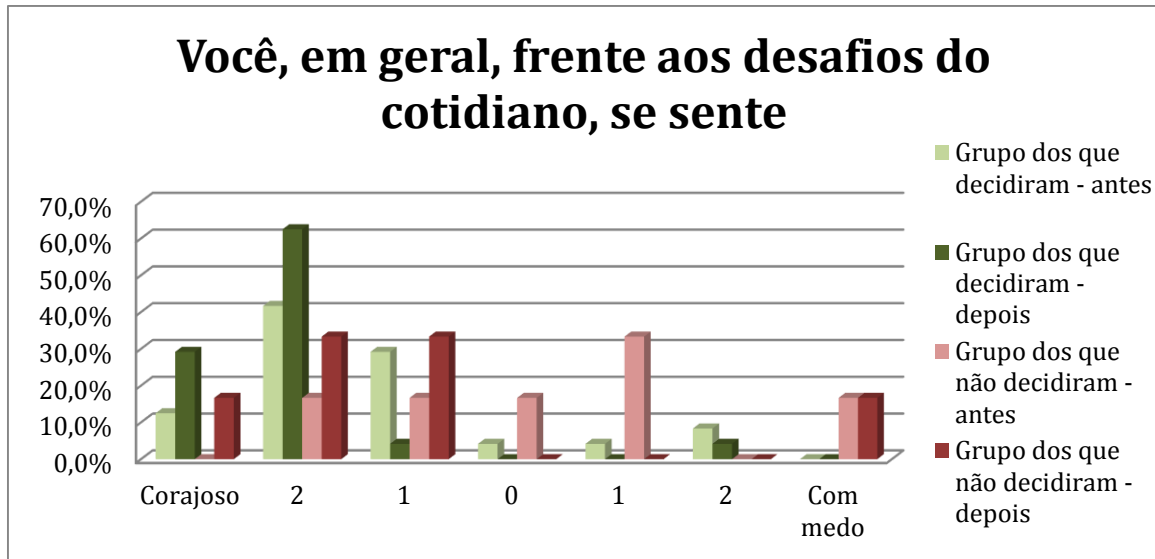


Figura 22: Cruzamento entre os tempos 1 e 2 da pesquisa. A resposta à pergunta “Você, em geral, frente aos desafios do cotidiano, sente?”

Do mesmo modo, pode-se observar no gráfico a seguir, que a experiência do medo e a angústia aparecem com muita frequência no grupo dos que não decidiram, e com frequência muito baixa no grupo dos que decidiram de acordo com a diretividade dada pelo sonho. Além disso, faz-se importante notar que é principalmente no *Tempo 2* da pesquisa que o grupo dos que não decidiram apresentam maior medo e angústia e o grupo dos que decidiram apresentam alegria.

Esse dado apenas confirma que a experiência de medo e angústia é efeito do monitor de deflexão, e não a causa da falta de atitude do sujeito em agir de acordo com o próprio projeto de natureza (como em algumas situações poder-se-ia supor). Também faz-se clara, perante as constatações aparentes no gráfico, a convergência entre os resultados obtidos pelos que decidiram atuar a direção da escolha ótima e o fato de que a alegria constitui uma das 15 fenomenologias do Em Si ôntico, individuadas pela ciência ontopsicológica. Esse gráfico torna visível, portanto, apenas a confirmação daquilo que a Ontopsicologia já havia descoberto e comprovado. O Em Si ôntico é alegre e a alegria estará presente, ou será vivenciada em maior teor de experiência, junto aos efeitos de uma tomada de decisão assertiva, que fora apontada pelo critério do sonho.

O processo decisório que tem base na direção dada pelo sonho permite compreender que

no momento em que interajo com um real, o impacto dá o definitivo da forma, a qual faz categoria de realidade. Existem variações que provocam dor e variações que provocam alegria. [...] O homem pode escolher viver com dor ou com alegria. Se quer viver com alegria, deve uniformizar-se à linguagem-

base, não é possível do outro modo. Nessa matemática, o homem existe feliz ou não existe) (MENEGETTI, 2012b, p. 121).



Figura 23: Cruzamento entre os tempos 1 e 2 da pesquisa. A resposta à pergunta "os processos decisórios para você são vividos..."

O fato de lembrar ou não lembrar dos sonhos também é um fator a ser considerado quando se procura compreender a condição histórico-existencial de um sujeito em um determinado momento. Como já foi explicitado acima, não recordar-se dos próprios sonhos indicam uma condição de resistência, ou até um desinteresse por parte do sujeito de saber sobre a própria vida e revisar as escolhas que faz.

No gráfico, não coincidentemente, as pessoas que não decidiram aparecem em maior porcentagem no lado esquerdo, demonstrando ter mais dificuldade de lembrar dos próprios sonhos. Por outro lado, o fato de os que não decidiram terem aumentado a frequência com que se lembram do sonho no *Tempo 2* da pesquisa pode significar que a intervenção feita no *Tempo 1* provoca, de certo modo, uma responsabilização. Embora no intervalo de tempo estipulado por esse trabalho tais pessoas não tenham decidido de fato, o dados desse gráfico levam a supor que há uma resposta por parte do cliente de diminuição da resistência e aumento da abertura ao próprio crescimento.

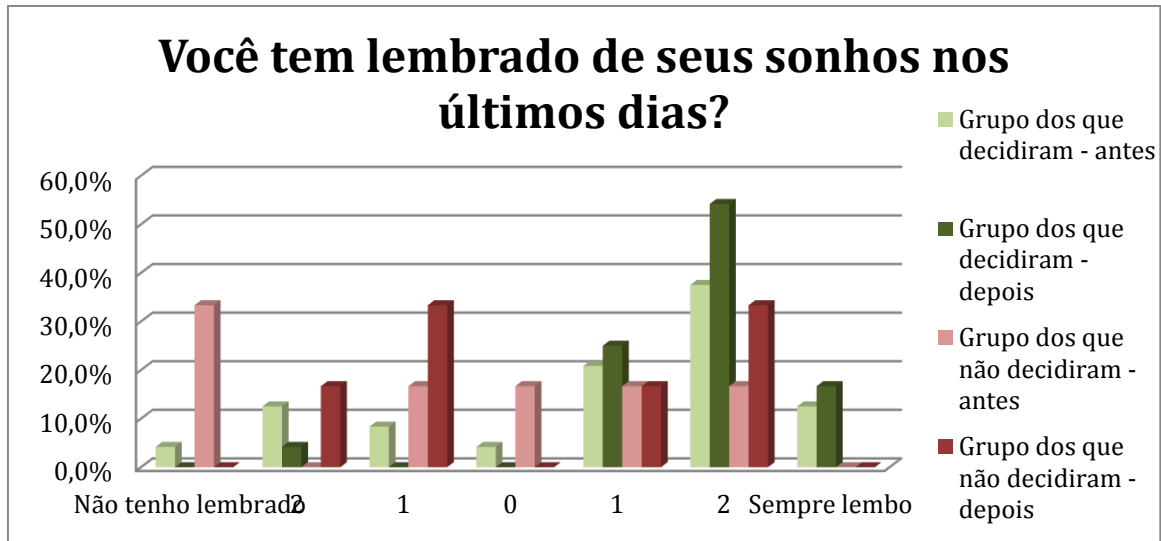


Figura 24: Cruzamento entre os tempos 1 e 2 da pesquisa. A resposta à pergunta "Você tem lembrado de seus sonhos nos últimos dias?"

### 3.3 COMPARAÇÃO ENTRE ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E DE PERSONALIDADE DAS PESSOAS QUE DECIDIRAM E DAS QUE NÃO DECIDIRAM (GRUPO 1)

#### Características das pessoas que não decidiram após a entrevista

Para responder ao primeiro objetivo secundário da pesquisa, que propõe *investigar quais são os fatores de personalidade que caracterizam os sujeitos que não tomam a decisão em concordância com a diretividade apontada pelo sonho*, realizamos um cruzamento entre

- os índices apresentados nos fatores de personalidade (colhidos no IFP e BFP) e os sujeitos que não decidiram por agir em concordância com a diretividade apontada pela análise do sonho;
- os aspectos do T6D e os sujeitos que decidiram e não decidiram.

Nos resultados do cruzamento entre os Fatores do BFP (Big Five) e o fator de não decisão, constata-se que as pessoas que não decidiram de acordo com a direção dada pelo critério de natureza, aparecem com maior predominância estatisticamente significativa do Fator Amabilidade. Com isso, podemos considerar que pessoas com maior índice nesse fator, portanto aquelas pessoas consideradas mais atenciosas, amáveis, compreensivas e empáticas com as demais tendem a ter maior dificuldade para fazer decisões segundo o próprio critério, ou seja, realizar o que é útil e funcional à própria identidade.

#### Comparação entre aspectos do T6D nos sujeitos que decidiram e não decidiram



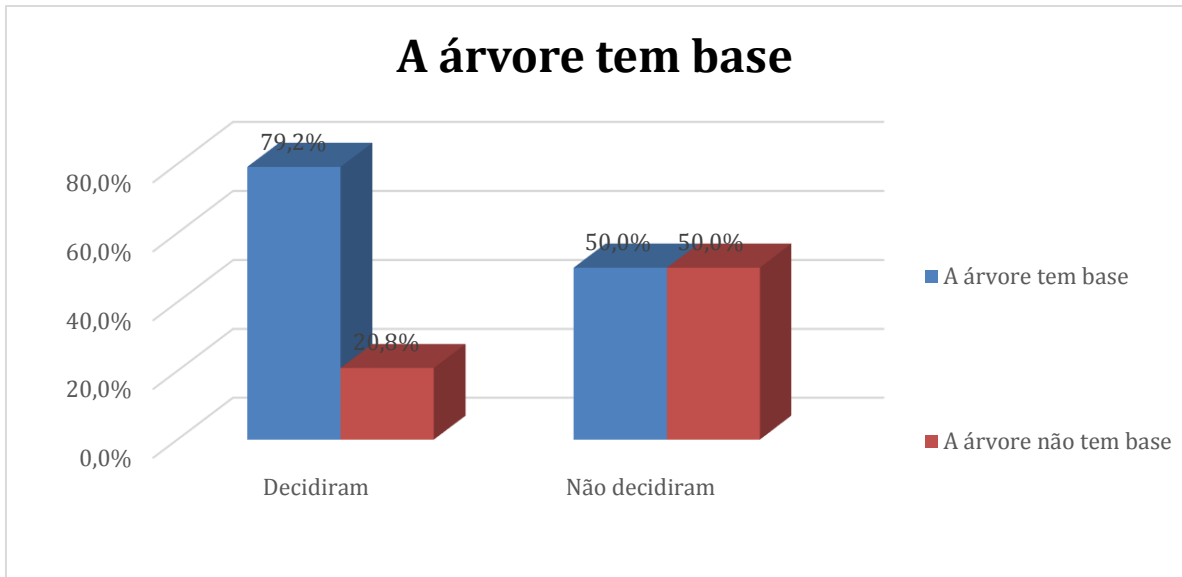


Figura 25: O índice de pessoas que decidiram e não decidiram que desenharam a base na árvore do T6D.

A presença de base na árvore pode indicar se o sujeito tem referência de base válida com o seu inconsciente, se seu Eu tem segurança dentro de si mesmo (MENEGUETTI, 2012b). A árvore com pouca base pode demonstrar que se está baseado de modo superficial e leviano. Os dados sobre esse aspecto podem ser úteis para esclarecer que a capacidade de decidir pelo próprio crescimento tende a ser maior quando o sujeito consegue ver-se de modo sério e priorizar as bases e os fundamentos sobre os quais constrói a própria vida. A superficialidade e a repressão de personalidade, que são características daqueles que desenharam árvores sem base, talvez exija que no início do processo terapêutico o sujeito desenvolva algum interesse por construir-se e crescer.

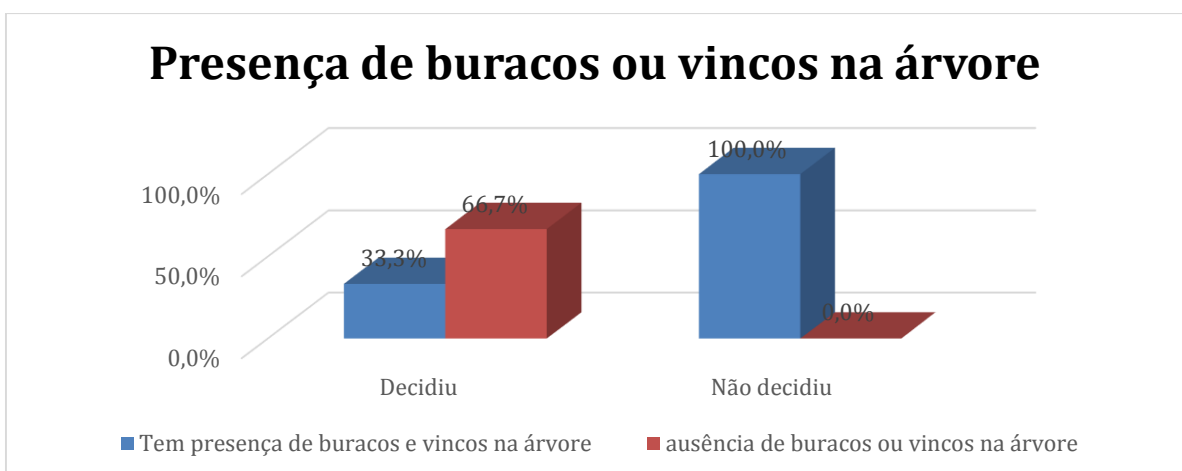


Figura 26: O índice de pessoas que decidiram e não decidiram que desenharam buracos ou vincos na árvore

A presença de vincos ou buracos na árvore indica um tipo de complexo ou experiência traumática (que pode ser doença ou violência sofrida) ou uma frustração violenta (MENEGHETTI, 2012b). Na análise do conjunto dos seis desenhos é possível que encontremos na grafia das outras ideias universais propostas a presença de sinais e imagens que auxiliem a individuação do fato, da pessoa, da ocasião que se referem ao buraco demonstrado no primeiro desenho. Esse processo foi feito no momento da entrevista de forma a auxiliar na verbalização por parte do terapeuta sobre a situação atual enfrentada pelo cliente e suas implicações para o processo de tomada de decisão.

Nesse momento da análise, entretanto, cabe a observação de que 100% das pessoas que não decidiram por implementar a solução indicada no sonho desenharam vincos ou buracos na árvore, enquanto apenas 33% das pessoas que fizeram sua decisão por seguir a direção do seu projeto de natureza haviam apresentado a mesma característica no desenho de sua árvore. Esse dado parece dar indícios de que a dificuldade em decidir pode ser maior caso haja uma experiência traumática vivida no passado, a ocorrência de uma frustração muito intensa ou um complexo. De qualquer forma, vale ressaltar que “toda psicoterapia ontopsicológica é uma conversão da energia complexual do indivíduo em função da autóctise histórica do Eu; portanto, não se atua uma ab-reação, mas uma conversão sublimada em hierarquia funcional superior” (MENEGHETTI, 2012b, p. 312). Portanto, o complexo, o trauma, a frustração, não são confrontados durante o processo psicoterapêutico, mas o complexo é compreendido como “uma estrutura energética com intencionalidade própria, sem a função do uno junto ao Eu. Uma vez que o sujeito entrou em crise, deve ter a paciência de abater a resistência dessa capacidade direcional autônoma” (IBID). No processo de psicoterapia, o cliente deve dar a disponibilidade, mas o modo de abater a resistência do complexo é competência e maestria exclusiva do psicoterapeuta.

### **Comparação dos Fatores da Personalidade colhidos no BFP (Big Five) no grupo que decidiu e não decidiu**

Ao cruzar os dados relativos à predominância dos fatores de personalidade, investigados através do BFP (Big Five), entre as pessoas que decidiram e que não decidiram agir de acordo com o direcionamento apontado pela imagem onírica, encontramos apenas um cruzamento de resultado estatisticamente significativo ( $p\text{-value}=0,025$ ), a amabilidade. “Este fator agrupa itens que descreve o quão atenciosas, compreensivas, e empáticas as pessoas procuram ser com as demais. Indica o quão agradáveis as pessoas buscam ser com as outras, observando suas opiniões, sendo educadas com elas e se importando com as suas necessidades” (NUNES et. al,

2010, p. 137). Além disso, pesquisas são relatadas afirmando que maiores índices amabilidade foram acompanhados por maior satisfação de vida (IBID, p. 138).

Entretanto, a partir dessas informações, podemos situar a discussão no aspecto de que a psicoterapia e a análise do sonho centra o cliente no próprio critério, que não é convencional, e independe do modo com os outros o interpretam ou o querem. O critério de natureza dá a direção da vida do sujeito (o sonhante) e possibilita que a psicoterapia seja diretiva, uma vez que tudo é determinado pela centralidade ôntica do cliente. A partir disso, “a diretividade ontoterapêutica é dúplice: a) forçada orientação sobre o Eu do cliente e b) seleção temático-prospectiva dos argumentos” (MENEGETTI, 2012b, p. 320). Ou seja, a diretividade deve centrar o cliente, para que possa auscultar-se onticamente. Assim, qualquer processo de tomada de decisão é conduzido com base no próprio íntimo. A característica da amabilidade, constitui-se um fator da personalidade que, uma vez acentuado, pode desenvolver a dinâmica contrária à que propõe o processo terapêutico para que se faça uma ausculta e se chegue a decidir por crescer. Esse gráfico, portanto, nos ensina que a amabilidade em predominância pode ser instrumento da resistência do cliente, mais do que uma característica qualquer de um sujeito.

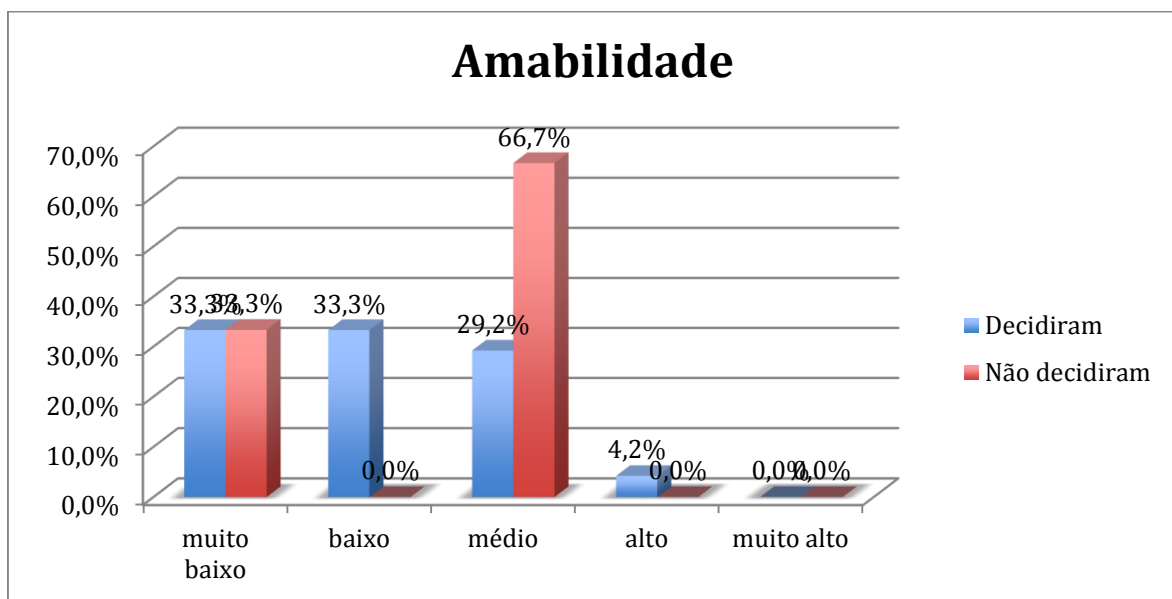


Figura 27: índice do Fator Amabilidade (Big Five) nas pessoas que decidiram e não decidiram.

### **Comparação dos Fatores da Personalidade colhidos no IFP no grupo que decidiu e não decidiu**

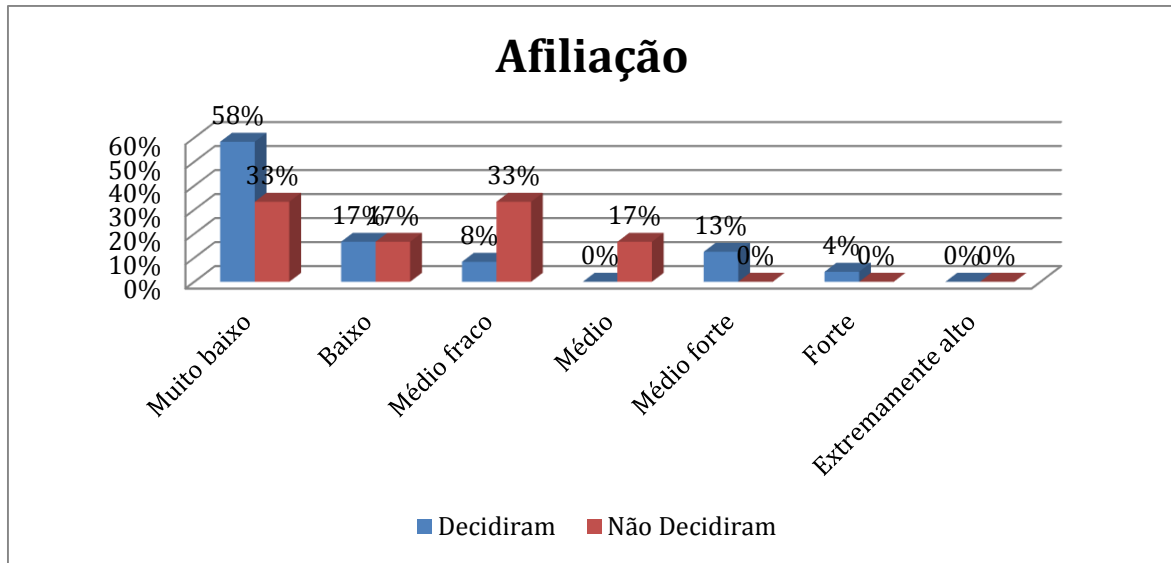


Figura 28: índice do Fator Afiliação (IFP) nas pessoas que decidiram e não decidiram.

Confirmando o resultado encontrado no cruzamento dos Fatores de Personalidade do Big Five entre os sujeitos que decidiram e que não decidiram, obtivemos o seguinte dado: o único resultado estatisticamente significativo encontrado no cruzamento da predominância dos Fatores de Personalidade do IFP e as pessoas que decidiram e não decidiram foi o fator Afiliação. Ou seja, é estatisticamente significativa a constatação de que as pessoas que apresentam níveis mais baixos de Afiliação têm maior índice de capacidade de decidir de acordo com o próprio critério, apontado pela análise do sonho.

Segundo Pasquali et al. (1997), o fator Afiliação está relacionado a uma necessidade de dar e receber afeto de amigos e, conforme afirmam Leme et al. (2013), tal fator tem como cerne a necessidade de manter as amizades com base na lealdade e investimento afetivo. Essa necessidade de investimento afetivo, da mesma forma que o Fator Amabilidade (do Big Five), em predominância, pode afetar e dificultar a abertura do sujeito para auscultar-se e decidir de acordo com o próprio critério.

### **3.4 ESTUDO COMPARATIVO ENTRE SUJEITOS QUE ESTÃO EM PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO: AS DIFERENÇAS ENTRE ASPECTOS DA SAÚDE, DO COMPORTAMENTO, DA PERSONALIDADE E DO POSICIONAMENTO EM RELAÇÃO AOS PROCESSOS DECISÓRIOS**

O último objetivo secundário dessa pesquisa visa *comparar resultados dos sujeitos que estão em processo psicoterapêutico e dos que não fazem psicoterapia, para compreender se há diferenças significativas em relação à manifestação do estado de saúde física e à manifestação*

de medo e angústia nos processos decisórios. Assim, foram feitos cruzamentos entre o Grupo 1 (experimental) e o Grupo 2 (controle) nas respostas do Questionário 1 e do Questionário 2. No resultado, obteve-se dados estatisticamente significativos que serão apresentados a seguir.

### **Comparação entre respostas do Questionário 1 no Grupo 1 e Grupo 2**

Sendo esse um estudo com grupo controle, aplicamos os mesmos testes no Grupo 1, composto por pessoas que estão em processo psicoterapêutico, e no Grupo 2, constituído por aqueles que não fazem e não conhecem a psicoterapia ontopsicológica. Posteriormente, realizado o mesmo teste no tempo 2 da pesquisa, nos dois grupos.

Na comparação entre as respostas obtidas no Tempo 1 e no Tempo 2, apenas do Grupo Controle, não foram encontradas respostas significativamente diferentes em nenhum questionamento feito. O Grupo Experimental, entretanto, apresenta mudanças bastante importantes, confirmando a hipótese de que a psicoterapia influencia na tomada de decisões assertivas e que promovem mudanças nos aspectos de saúde, comportamento e posicionamento em relação à própria vida.

Entretanto, ao investigar como as pessoas se sentem no aspecto físico e os processos de tomada de decisão, comparando as respostas do Grupo 1 com as do Grupo 2, encontramos diferenças estatisticamente significativas em relação aos seguintes aspectos perguntados:

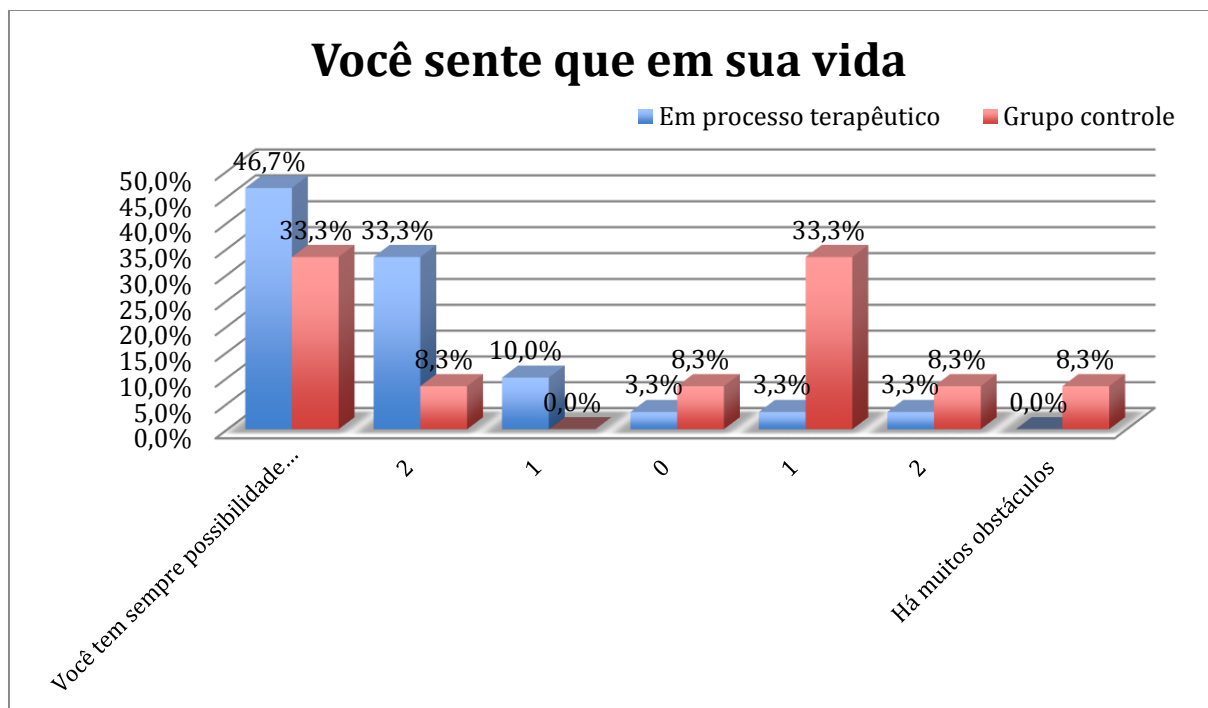


Figura 29: Índice de "como você se sente em sua vida" para as pessoas do Grupo 1 e do Grupo 2 (controle)

Nesse gráfico é possível visualizar o quanto as pessoas que estão em processo terapêutico tendem a enxergar as possibilidades de crescimento na própria existência. Esse dado trata do posicionamento das pessoas em relação aos acontecimentos da própria vida, mas também demonstra que as pessoas que não fazem terapia têm menor consciência do seu potencial. Cada ser humano tem uma medida individual, e sente os próprios limites, mas existem modos especificantes da ética de comportamento e de desenvolvimento do Em Si ôntico na história de cada indivíduo no interior da sociedade, e eles são representados pelas 15 características do Em Si ôntico. Ou seja, a atenta análise do interior, que se experimenta como evidência, permitiu identificar as projeções ou adaptações categóricas do Em Si ôntico na existência, que “foram racionalmente verificadas em constante presença em estados sadios, maduros e de evoluções superiores. Sem exceções, verificou-se a sua ausência ou diminuição em todos os casos patogênicos, anômalos e confusionais do sujeito. Elas especificam os módulos de sanidade e crescimento para o sujeito e dão a congruidade com o isso de natureza” MENEGETTI, 2013b, pp. 43-44).

O sentimento de que a própria vida apresenta muitos obstáculos, ou de que sempre há possibilidade de ir além, está relacionado a uma das fenomenologias do Em Si ôntico: virtual. O conceito de virtualidade é “disponibilidade à amplitude de um projeto que, no início, é apenas essencial, cuja realização depende da convergência de outras causas [...]” (IBID, p. 45), ou seja, somos um projeto com capacidade, caso seja atuado. Portanto, cada ser humano é um projeto aberto, que tem potencial para crescer de um determinado modo, como uma semente, que uma vez plantada, não se desenvolve de um modo diferente: semente de carvalho não se desenvolverá como planta de cedro, mas como carvalho.

“O homem se encontra no devir, por isso não pode refutar a virtualidade, porque, nesse caso, a realidade externa o objetifica [...]. É o jogo da vida, ou seja, o Em Si ôntico não se entedia: apenas tem possibilidade de mais, ele vai. Por isso a vida é divertida” (IBID). Podemos entender a predominância aparente no gráfico da sensação de que há sempre muitos obstáculos para que se consiga ir além como uma impossibilidade de reconhecer o próprio potencial e até a falta de um critério de escolha que permita saber o que leva ao crescimento e o que é obstáculo. Ou seja, a terapia ontopsicológica, por basear-se no Em Si do cliente, pode centra-lo no próprio projeto de vida e, por isso, contribuir com o desenvolvimento do capacidade do sujeito de escolher as melhores oportunidades para si.

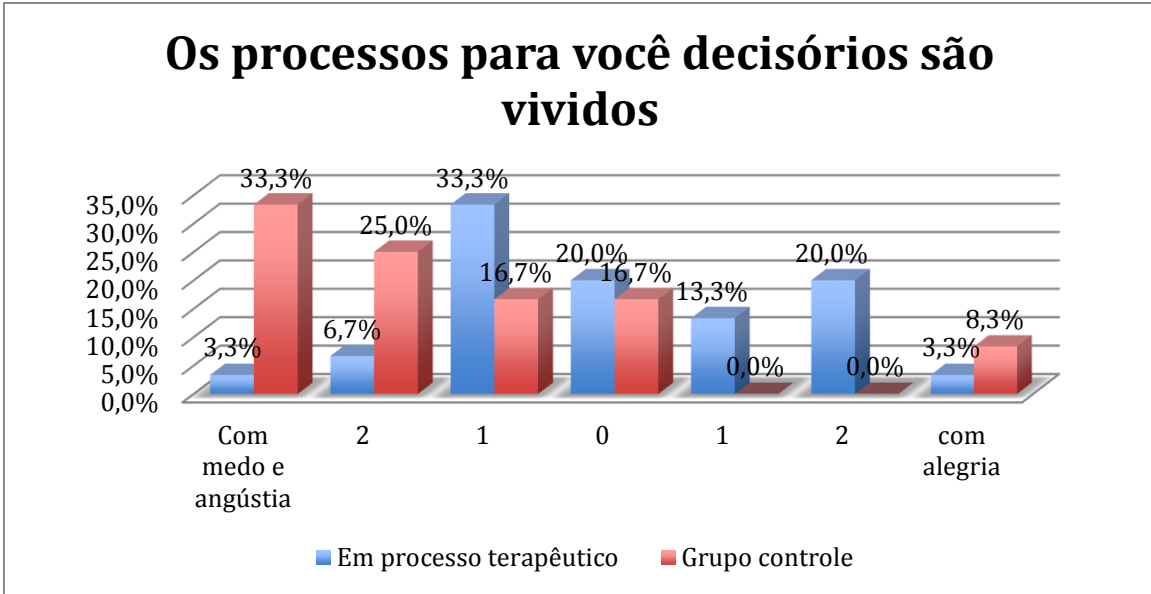


Figura 30: Índice de alegria e experiência de medo e angústia para as pessoas do Grupo 1 e do Grupo 2 (controle).

Quanto aos processos decisórios, é possível constatar diante do cruzamento das respostas entre Grupo 1 e Grupo 2, que as pessoas que não estão em processo terapêutico vivenciam mais a experiência do medo e da angústia, que é, como explicado em outro item acima, um dos efeitos do monitor de deflexão.

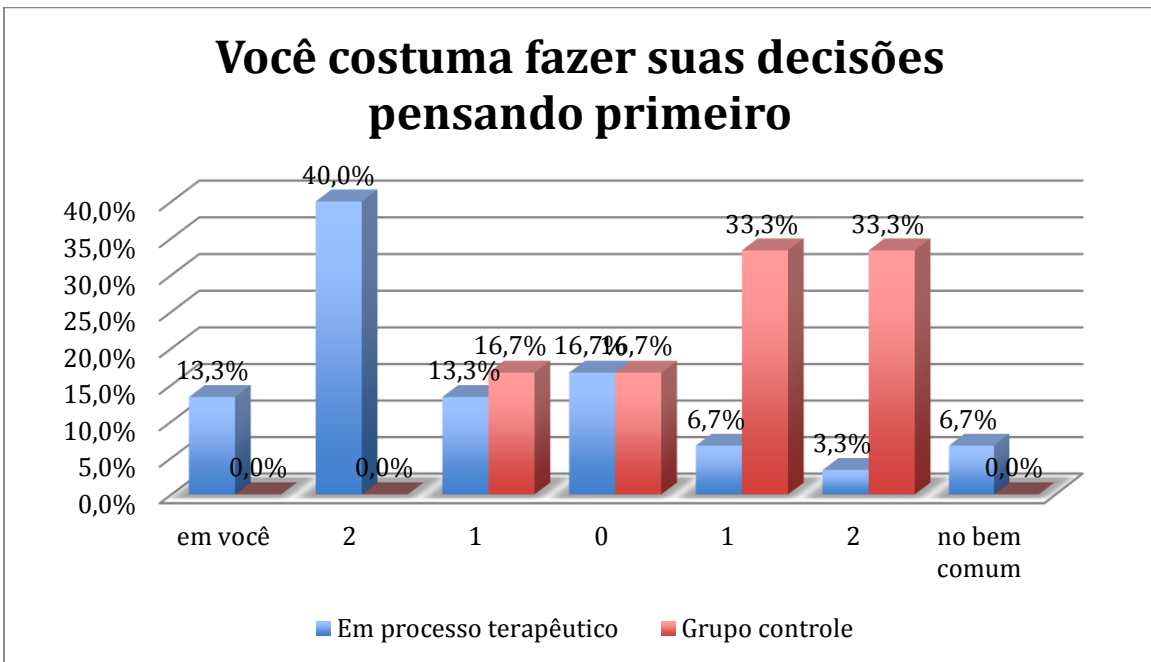


Figura 31: "você costuma fazer suas decisões pensando primeiro" para as pessoas do Grupo 1 e do Grupo 2 (controle).

Esse gráfico parece demonstrar o quanto a psicoterapia contribui para que o cliente centre primeiro sua atenção em si mesmo e compreenda como ele produz vida para si mesmo. Esse processo implica o entendimento, também, de que seu um sujeito tem a si mesmo e conhece o próprio sucesso, pode ajudar tantos outros e contribuir com projetos de valor para si e para a sociedade. Porém, se usa critérios convencionais do que responde à exigência social ou à preocupação com o bem comum, não conhece a lógica da própria realização e fica sem critério para agir suas decisões.

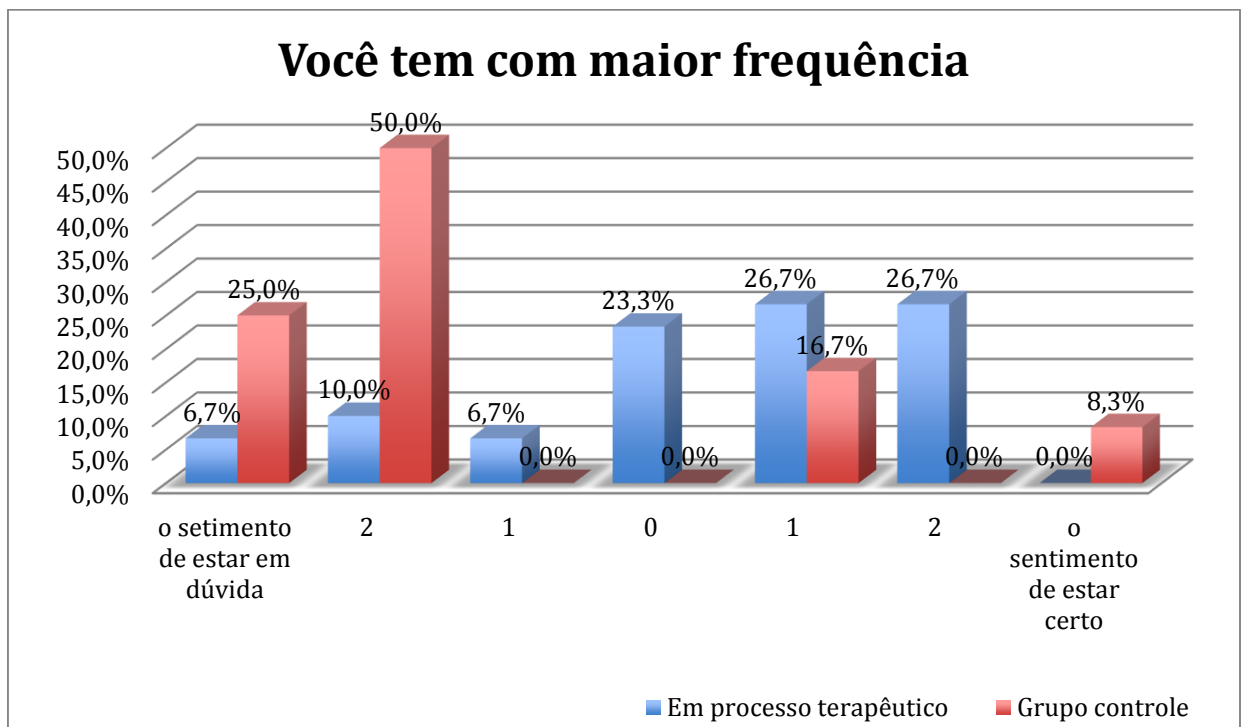


Figura 32: "Você tem com maior frequência o sentimento de estar certo ou em dúvida" para as pessoas do Grupo 1 e do Grupo 2 (controle).

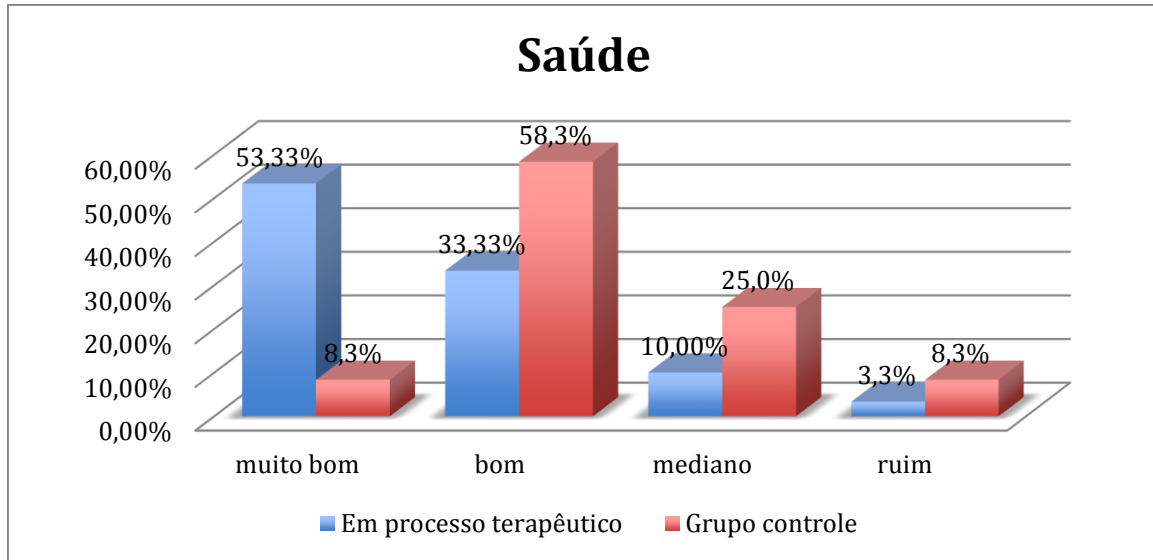
O fato de encontrarmos expressiva maior incidência de sentimento de dúvida do que de estar certo nas pessoas que não estão em processo terapêutico é ambivalente: O sentimento de estar em dúvida pode representar uma abertura para repensar-se, a possibilidade de rever as próprias atitudes. Por outro lado, porém, representa a carência de um critério certo de escolha, de ação. Além disso, a dúvida caracteriza-se como um dos elementos que o monitor de deflexão adiciona em momentos em que o sujeito está diante de uma decisão a tomar. Sua fórmula consiste em adicionar a sensação de perigo-medo, dúvida, sujeira-culpa (MENEGHETTI, 2010).

O resultado demonstrado no gráfico pode representar, então, a maior dificuldade vivida por quem não conhece o processo de psicoterapia de decidir com base em um critério de certeza.



A psicoterapia implica identificar, isolar e utilizar o critério que dá direção da vida para o cliente.

### **Comparação entre Questionário 2 no Grupo 1 e Grupo 2**



*Figura 33: Índice de saúde para as pessoas do Grupo 1 e do Grupo 2 (controle)*

Verifica-se na figura acima que a percepção dos sujeitos que não estão em psicoterapia sobre o próprio estado de saúde é bastante inferior à avaliação que os sujeitos do Grupo 1 dão a respeito da saúde. Esse dado confirma, de certa forma, a eficácia da psicoterapia no que se refere ao seu fim secundário, que é a cura. Ou seja, para alcançar o fim primário, que é a autenticação, o processo psicoterapêutico pressupõe primeiramente isolar e evidenciar as pulsões patológicas ou desviantes do sujeito e, com isso, gerar o desaparecimento de qualquer sintoma. Depois desse resultado, o processo de autenticação se inicia.

É importante ainda sublinhar que essa pergunta feita aos participantes da pesquisa certamente foi interpretada e respondida segundo o conceito próprio de cada um do que é saúde. Para Meneghetti (2013b) saúde é o pleno da própria saúde psicofísica, que se documenta como uma capacidade de ação sem peso, uma percepção leve de intensa ação, mas sem resistência de nenhuma parte do corpo. “Portanto, é uma autonomia do próprio existir e movimento” (IBID, p. 32).

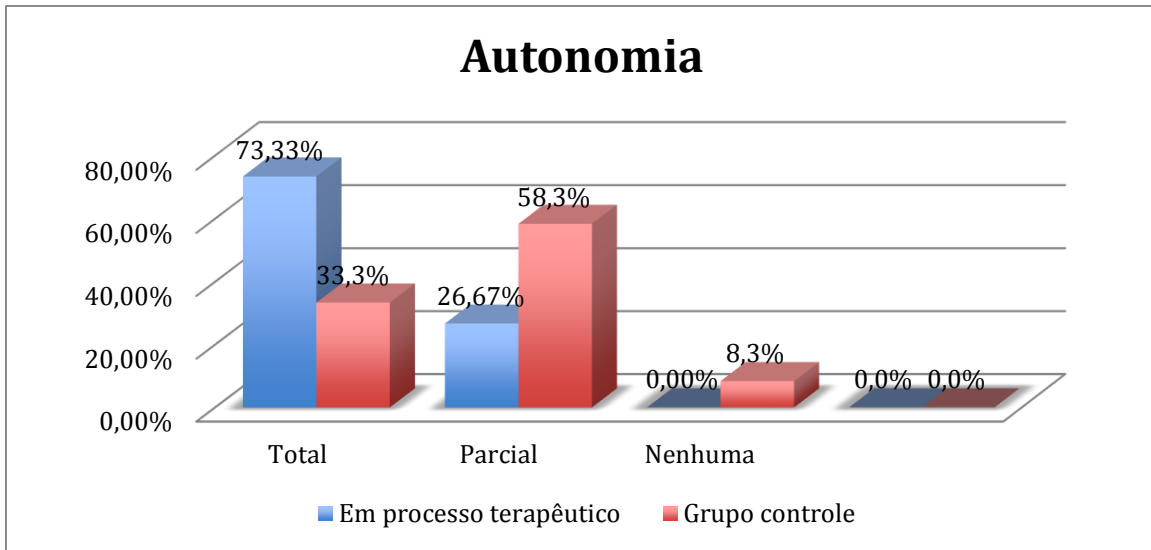


Figura 34: índice de Autonomia para as pessoas do Grupo 1 e do Grupo 2 (controle).

O termo autonomia nessa questão do Questionário 2 foi entendido sob a conotação de autonomia econômica. Essa significa, de acordo com Meneghetti (IBID), ter um espaço territorial reconhecido pela sociedade, pelos outros, pela realidade das coisas. O autor acrescenta que, desde jovem, a organização da autonomia econômica é a primeira necessidade, pois “não se vive de poesia: é necessário dar base material à poesia. É necessário saber compreender e depois existem mil coisas que se pode fazer, com inteligência, coragem e coerência.

Compreende-se, ao observar o gráfico acima, que o índice de pessoas que fazem psicoterapia e têm autonomia total é bem maior do que o de pessoas que não estão em processo psicoterapêutico. Certamente, a metodologia ontopsicológica junto da responsabilidade e escolha do cliente são capazes de promover saúde, autonomia e crescimento no processo de autenticação. A autonomia econômica nesse processo pode ser um passo para a autonomia como deve ser entendida por Meneghetti: “Autonomia não significa indiferentismo independente. Autonomia significa regra conforme àquilo que se é. Logo, é a coerência da real autenticidade do sujeito; portanto, autôctise do próprio Em S ôntico” (IBID, 2006b, pp. 75-76).

### TABELA SINTÉTICA DOS RESULTADOS

	GRUPO 1 (30 PARTICIPANTES)		GRUPO 2 (12 PARTICIPANTES)
DECISÃO	DECIDIRAM (24)	NÃO DECIDIRAM (6)	

<b>SONHO</b>	No tempo 1 95,83% lembra do sonho	No tempo 1, 50% lembra do sonho	
	No tempo 2, 100% lembra do sonho	No tempo 2, 50% lembra do sonho	
	54% tem mudança na esfera de prioridade do sonho (do T1 para o T2)	Não há mudança na esfera de prioridade do sonho (do T1 para o T2)	
	91% tem mudança de direção do sonho	9% tem mudança de direção do sonho	
<b>T6D</b>	85% não apresentou a mesma dinâmica na situação atual e futura	50% não apresentou a mesma dinâmica na situação atual e futura	
<b>RESULTADO DA IMPLEMENTAÇÃO</b>	95,8% declaram que decidiram	50% declaram que decidiram	
	Predominância de notas 8 e 10 para “o resultado da implementação foi útil”		
	Predominância de notas 8 e 10 para “o resultado da implementação foi funcional”		
	Predominância de notas 9 e 10 para “o resultado da implementação foi satisfatório qualitativamente”		

<b>TEMPO 1 X TEMPO 2</b>	Aumento de bem-estar	Mesmo nível de bem-estar	
	Aumento de vitalidade	Mesmo nível de vitalidade ou menor	
	Aumento de coragem frente aos desafios da vida	Aumento dos índices de medo frente aos desafios da vida	
	Aumento da alegria nos processos decisórios	Presença de medo e angústia nos processos decisórios	
	Relatam recordar mais dos sonhos	Relatam recordar menos dos sonhos	
<b>T6D</b>	70% coloca base na árvore	50% coloca base na árvore	
	33,3% desenha buracos e vincos no tronco da árvore	100% desenha buracos e vincos no tronco da árvore	
<b>BFP</b>	29,2% abaixo da média predominância de Amabilidade	66,7% abaixo da média predominância de Amabilidade	
<b>IFP</b>	Alta frequência do Fator Afiliação em níveis muito baixos	Alta frequência do Fator Afiliação em níveis médio e médio baixo	
<b>QUESTIONÁRIO 1</b>	Maior índice de “você sente que em sua vida há sempre possibilidade de ir além”		Maior índice de “você sente que em sua vida há sempre muitos obstáculos”
	Maior índice de alegria nos processos decisórios		Maior índice de medo e angústia nos processos decisórios
	Maior índice de “tomar decisões pensando em si”		Maior índice de “tomar decisões pensando no bem comum”

	Maior índice de “o sentimento de estar certo”	Maior índice de “o sentimento de estar em dúvida”
<b>QUESTIONÁRIO 2</b>	84% dos sujeitos respondem “bom” e “muito bom” para Saúde	92% dos sujeitos respondem “bom”, “mediano” e “ruim” para Saúde
	73% tem Autonomia total e 26% tem autonomia parcial	58% tem Autonomia parcial e 8,3% tem autonomia parcial

## CONCLUSÃO

Com o objetivo de verificar os resultados de processos de tomada de decisão com base no critério onírico, esse trabalho chega ao fim com um desfecho muito interessante. Inicialmente, analisando o Grupo Experimental (composto por sujeitos que estão em processo psicoterapêutico), evidenciou-se que 80% deles (24 de 30) decidiram agir em concordância com a diretividade dada pelo sonho e exposta pela pesquisadora ao cliente. Os demais 20% dos participantes mostraram-se não ter decidido. Esse dado pode ser colhido no relato verbal deles a respeito do que foi feito, mas também na atenta análise da dinâmica demonstrada nos sonhos.

Os resultados dos cruzamentos entre Tempo 1 e Tempo 2, que permitiram conhecer os efeitos dos processos de tomada de decisão, confirmaram muitas hipóteses dessa pesquisa e também constatações apresentadas pela ciência ontopsicológica sobre o ser humano.

As considerações de Meneghetti (2012b) sobre o fato de recordar ou não dos sonhos, por exemplo, foram confirmadas, uma vez que esse o estudo demonstrou que as pessoas que não decidiram por agir segundo a diretividade ôntica lembram significativamente menos dos seus sonhos, principalmente no Tempo 2, em que a resistência pode ter se ampliado. Do mesmo modo também ocorreu com o resultado da análise dos dados sobre a mudança de esfera e de direção do sonho. As pessoas que decidiram agir em concordância com a diretividade ôntica tiveram um índice relativamente alto em relação à mudança da esfera de hierarquia exposta pelo sonho, enquanto 100% daqueles que não decidiram sonharam com a mesma esfera hierárquica nos tempos 1 e 2. Esse dado demonstra que enquanto o sujeito não aplica na situação histórico existencial as mudanças que o colocam em concordância com o projeto de natureza, o sonho continua expondo as mesmas prioridades. O mesmo pode ser compreendido com o resultado sobre a mudança de direção do sonho. As pessoas que decidiram por agir segundo a direção ôntica tiveram mudanças significativas na imagem onírica. Uma vez resolvido um problema, a vetorialidade da imagem se modifica, aponta uma nova direção.

A implementação das diretivas que foram indicadas no sonho também foi investigada. Ao serem solicitados para conferir uma nota de 1 a 10 para dizer o quanto conseguiram implementar a solução indicada, a maioria dos participantes que decidiram atribuíram notas entre 7 e 9. É importante ressaltar que muitas vezes uma decisão leva muito mais tempo para ser implementada do que o intervalo entre o Tempo 1 e o Tempo 2, e isso pode levar à consideração de que se fosse realizado um Tempo 3, por exemplo, ou se aumentássemos a quantidade de tempo entre os tempos 1 e 2, poderíamos encontrar respostas ainda mais significativas. Mais pessoas poderiam ter decidido, assim como mais pessoas teriam

implementado inteiramente a solução indicada. De qualquer forma, a nota atribuída pelos sujeitos que decidiram implementar a solução indicada pelo sonho aos resultados colhidos nessa implementação já foram bastante satisfatórias.

Ainda sobre a implementação da solução indicada pelo sonho, obteve-se a maioria das respostas marcadas entre as notas 8 e 10, no que se refere às perguntas sobre o utilitarismo, a funcionalidade da implementação e ao quanto foi satisfatório qualitativamente implementá-la.

Também foram medidos os efeitos que se pode colher em relação à saúde física e ao posicionamento em relação aos processos de tomada de decisão. Os resultados confirmam a hipótese de que os sujeitos que escolhem em conformidade com a direcionalidade ôntica (apontada no sonho) colhem ganhos concretos depois do processo de tomada de decisão, manifestando melhores condições de saúde. O posicionamento dos sujeitos que decidiram e dos que não decidiram perante os processos decisórios também é marcado por diferenças significativas. A presença de medo e angústia, por exemplo, aparece com muito mais intensidade no *Tempo 2* do grupo dos que não decidiram, do que no *Tempo 1* ou ainda no Grupo dos que decidiram. Confirma-se assim a constatação já exposta por Meneghetti (2010) de que a experiência de medo e a angústia é efeito do monitor de deflexão, que age antecipando-se à consciência, mas sempre em um momento em que se tem a chance de decidir por crescer mais.

Dos fatores da Personalidade investigados através dos testes psicométricos IFP e BFP, foi encontrado o dado estatisticamente significativo da predominância do Fator Amabilidade (Big Five) e do Fator Afiliação (IFP) nos sujeitos que não decidem. Com isso, pode-se concluir que as pessoas que estão direcionadas para fora de si, com preocupação em ser bem quistas pela sociedade, têm grande dificuldade de centrar-se no princípio íntimo que dá a direção da vida, no próprio critério de natureza, e agir em conformidade com ele.

Já no intuito de responder ao último objetivo dessa pesquisa, comparando os sujeitos que estão em processo psicoterapêutico e que não estão, esse estudo encontrou diferenças estatisticamente significativas no que se refere: (1) ao sentimento dos que não estão em psicoterapia (Grupo 2) de que há muitos obstáculos na própria vida, em contraposição ao sentimento dos que estão em processo psicoterapêutico (Grupo 1) de que há sempre possibilidades de ir além, (2) à presença de medo e angústia na experiência dos processos decisórios dos participantes do Grupo 2, em contraposição aos do Grupo 1, que estão em psicoterapia e responderam com maior predominância da opção “com alegria”, (3) aos índices de saúde e autonomia, que trazem nos gráficos a avaliação alta feita por parte dos sujeitos que estão em psicoterapia e mais baixa para os que não estão em processo psicoterapêutico.

A partir desses resultados, constatou-se que o sonho, analisado e exposto junto à psicoterapia, é um critério que se demonstra válido para ser utilizado nos processos de tomada de decisão, trazendo resultados assertivos e promovendo saúde ao ser humano. Isso é possível mediante o conhecimento do método ontopsicológico e à atitude do sujeito em decidir seguir a direção apontada pela imagem onírica.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMCZUK, André A. *A Prática da Tomada de Decisão*. São Paulo: Atlas, 2009
- ALMADA, Leonardo Ferreira. *Processos implícitos não-conscientes na tomada de decisão: hipótese dos marcadores somáticos*. *Ciências & Cognição* 2012; Vol 17 (1): 105-119 <<http://www.cienciasecognicao.org>>
- ALVARENGA, Tamar Klein. *A interferência da emoção na tomada de decisão de risco: um estudo experimental*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. São Paulo, 2010. Disponível em <[http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/PUBLIC/UP\\_MACKENZIE/servicos\\_educacionais/stricto\\_sensu/Ciencias\\_Contabeis/Dissertacoes/Tamar\\_Klein\\_Alvarenga.pdf](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/stricto_sensu/Ciencias_Contabeis/Dissertacoes/Tamar_Klein_Alvarenga.pdf)> Acesso em 28 de janeiro de 2014.
- AZEVEDO, Erico, *L'In Sé ontico come criterio della funzione di utilità economica nella esperienza antropologica*. Caderno de teses selecionadas, Universidade Estatal de São Petersburgo: Rússia, 2007.
- AZEVEDO, Erico, *Da fenomenologia de Edmund Husserl ao nexó ontológico de Antonio Meneghetti: origens históricas, método e aplicações*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2013a. Disponível em <[http://www.ontopsicologia.org.br/arquivos/download/a\\_crise\\_das\\_ciencias\\_eurpeias\\_e\\_a\\_fenomenologia\\_transcendental\\_de\\_edmund\\_husserl\\_uma\\_apresentacao.pdf](http://www.ontopsicologia.org.br/arquivos/download/a_crise_das_ciencias_eurpeias_e_a_fenomenologia_transcendental_de_edmund_husserl_uma_apresentacao.pdf)> Acesso em 3 de fevereiro de 2014.
- AZEVEDO, Erico, *Dalla fenomenologia di Edmund Husserl al nesso ontologico di Antonio Meneghetti*. *Revista Nuova Ontopsicologia*, anno 2/2012-1/2013b.
- BAZERMAN, M. *Processo Decisório*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- BRAGA, Alexandra Maria da Silva. *Factores que influenciam a tomada de decisão em inovar nas empresas portuguesas*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2010. Disponível em <[http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/514/1/msc\\_amsbraga.pdf](http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/514/1/msc_amsbraga.pdf)>. Acesso em 2 de fevereiro de 2013.
- BUCHANAN, Leigh e O'CONNELL, Andrew. *Uma breve história da tomada de decisão*. *Harvard Business Review*, Jan, 2006. p. 20- 29.
- BURNS, K.; BECHARA, A. *Decision making and free will: a neuroscience perspective*. *Behavioral Sciences and the Law*, 25, 263-280, 2007.
- CAROTENUTO, Margherita. *Histórico sobre as teorias do conhecimento*. São João do Polêsine-RS. Ontopsicologica Editrice. 2009.
- CLEMEN, R.T. *Making Hard Decisions: an introduction to decision analysis*. Duxbury, 1995.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Administração dos Novos Tempos*. 14. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FLORES-MENDOZA, C. (2008). *Inventário de Personalidade NEO Revisado NEO PI-R*– Manual. São Paulo: Vetor.

FORGAS, J. P. *Managing moods: Towards a dual-process theory of spontaneous mood regulation. Psychological Inquiry*, n. 11, p. 172–177, 2000.

FRITH, C. D., SINGER T. *The role of social cognition in decision making. Philosophical Transactions of the Royal Society B*, n. 363, p. 3875-3886, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

GODOY, Silvia e NORONHA, Ana Paula Porto. *Estudo correlacional entre a Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) e o Inventário Fatorial de Personalidade (IFP)*. Estudo e pesquisa em psicologia, 2010, vol.10, no.3, p.848-864. ISSN 1808-4281. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a13.pdf>>. Acesso em 13 de março de 2014.

GRISHINA, Natalia. *Intuição como fator elementar do processo cognitivo e decisional*. In Atos do Congresso Business Intuition 2004. São Paulo: Foil, 2007. 413p.

HAGOPIAN, L. P., FISHER W. W., THOMPSON, R. H., OWEN-DESCHRYVER, J. O.,

IWATA, B. A., & WACKER, D. P. (1997). *Toward the development of structured criteria for interpretation of functional analysis data*. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30 (2), 313-326.

HAMMOND, J.S., KEENEY, R.L., RAIFFA, H. *Decisões Inteligentes*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

HUTZ, C. S. & NUNES, C. H. S. S. *Escala Fatorial de Neuroticismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HUDELSON, Patricia. *Qualitative Research for health programmes*. Geneva, Switzerland: World Health Association (WHO). Division of Mental Health, 1994.

ISEN, A. *An influence of positive affect on decision making in complex situations: theoretical issues with practical implications*. *Journal of Consumer Psychology*, v. 11, n. 2, p. 75–85, 2001.

KAHNEMAN. P. Slavic; TVERSKY. A. *Judgment under uncertainty: heuristics and biases*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

KATZ, Hagai. *Global surveyor multi-national surveys? On sampling for global surveys. Thoughts for the Globalization and Social Science Data Workshop*, p. 4. UCSB, November 9, 2006. Disponível em: <[http://www.global.ucsb.edu/orfaleacenter/conferences/ngoconference/Katz\\_for-UCSB-data-workshop.pdf](http://www.global.ucsb.edu/orfaleacenter/conferences/ngoconference/Katz_for-UCSB-data-workshop.pdf)>. Acesso em: 12 de julho de 2012.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: 7ª Edição. Atlas, 2010.

LEME, I. A. S. (Org.) ; RABELO, I. S. (Org.) ; ALVES, G. A. S. (Org.) . IFP-II - Atualização dos estudos psicométricos e normas do Inventário Fatorial de Personalidade. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. v. 1. 108 p.

LIMA, Andréa Pereira de. *O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia*. Rev. psiquiatr. clín. [online]. 2010, vol.37, n.6, pp. 280-287. ISSN 0101-6083. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832010000600005>>. Acesso em 28 de janeiro de 2014.

Lounsbury, J. W., Hutchens, T., & Loveland, J. (2005). An investigation of Big Five personality traits and career decidedness among early and middle adolescents. *Journal of Career Assessment*, 13, 25-39.

MACEDO, Marcelo Alvaro da Silva. *Heurísticas e Vieses de Decisão: a Racionalidade Limitada no Processo Decisório*. Sociedade, Contabilidade e Gestão, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, pp 72-90, jan/jun 2009. Disponível em: <[http://www.uspleste.usp.br/rvicente/0176\\_ArtigoIAMDecisao.pdf](http://www.uspleste.usp.br/rvicente/0176_ArtigoIAMDecisao.pdf)>. Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

MACEDO JUNIOR, J., MARCON, R., MENEZES, E., NUNES, P.. *Teoria dos Prospectos: um estudo do Efeito Dotação*. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 4, jul. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/contabilidade/article/view/5043/4589>> Acesso em: 04 Fev. 2014.

MACHADO, L. F. S. e ALVES, M. C. L. *O uso do sonho em psicoterapia: uma pesquisa com psicólogos da cidade de Franca*. IV Congresso de Iniciação Científica, Uni-FACEF, pp. 402-418. Franca-SP, 2009. Disponível em <[http://legacy.unifacef.com.br/novo/iv\\_congresso\\_de\\_iniciacao\\_cientifica/Trabalhos/Inicia%C3%A7%C3%A3o/Laura%20Machado.pdf](http://legacy.unifacef.com.br/novo/iv_congresso_de_iniciacao_cientifica/Trabalhos/Inicia%C3%A7%C3%A3o/Laura%20Machado.pdf)> Acesso em 31 de janeiro de 2014.

MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2012a.

MENEGHETTI, A. *Filosofia Ontopsicológica*. 5 ed. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. *Genoma ôntico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2013a.

MENEGHETTI, A. *Imagem alfabeto da energia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2006a.

MENEGHETTI, A. *A imagem e o inconsciente*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2012b.

MENEGHETTI, A. *Intelecto e personalidade*. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2006b.

- MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2010.
- MENEGHETTI, A. *Ontopsicologia clínica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2005a.
- MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2013b.
- MENEGHETTI, A. *O critério ético do humano*. Ontopsicologica Editrice, 2002.
- MENEGHETTI, A. *O Em Si do Homem*. Ontopsicologica Editrice, 2004a.
- MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*, Ontopsicologica Editrice, 2005c.
- MENEGHETTI, A. *Residence ontopsicológico*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2005b.
- MENEGHETTI, A. *Sistema e personalidade*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2004b.
- MOURA, Cynthia Borges de; GROSSI, Renata and HIRATA, Patrícia. *Análise funcional como estratégia para a tomada de decisão em psicoterapia infantil*. *Estud. psicol. (Campinas)*[online]. 2009, vol.26, n.2, pp. 173-183. ISSN 0103-166X. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200005>> Acesso em 2 de fevereiro de 2014.
- NUNES, Patricia; BERBEN JUNIOR, Jose Elias Luise; REINA, Donizete; REINA, Diane Rossi Maximiliano. *Finanças comportamentais: uma investigação da tomada de decisão dos acadêmicos de administração da unisul sob a perspectiva dos estudos de tversky e kahneman (1974) e kahneman e tversky (1979)*. XIII SemeAd, Seminários em Administração, Setembro de 2010. Disponível em <<http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso/webroot/anais/3CCF/20090719013210.pdf>> Acesso em 10 de janeiro de 2014.
- NUNES, C. H. S. S. & HUTZ, C. S. *Escala Fatorial de Extroversão – Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a.
- NUNES, C. H. S. S. & HUTZ, C. S. *Escala Fatorial de Socialização – Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b
- NUNES, C. H. S. HUTZ, C. S. & GIACOMONI, C. H. Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação. Psicológica*, 8(1), 99-108, 2009.
- NUNES, C. H. S. S. HUTZ, C. S. & NUNES, M. F. O. *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010
- OLIVEIRA, Murilo Alvarenga. *Heurísticas e Vieses de Decisão: Um Estudo com Participantes de uma Simulação Gerencial*. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan/jun 2009.
- PASQUALI, L., AZEVEDO, M. M. & GHESTI, I. *Inventário fatorial de personalidade: manual técnico e de aplicação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PIANIGIANI, Ottorino. *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana di Ottorino Piagiani*. Versione Web, 2006. Disponível em: <etimo.it> Acesso em 10 de março de 2014.

REY, Luis. *Como redigir trabalhos científicos*. São Paulo: Edgard Blücher, 1978.

SAKA, Noa; GATI, Itamar; KELLY, Kevin R. *Emotional and Personality-Related Aspects of Career-Decision-Making Difficulties*. *Journal of Career Assessment*, 2008; 16; 403. Originally published online on May 16, 2008; DOI: 10.1177/1069072708318900 Disponível em <<http://jca.sagepub.com/cgi/content/abstract/16/4/403>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2014.

SBICCA, A.; FERNANDES, A. L. *A racionalidade em Simon e a firma evolucionária de Nelson e Winter: uma visão sistêmica*. ANPEC - Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia – Anais do XXXIII Encontro Nacional de Economia, 2005. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A014.pdf>> Acesso em 14 de janeiro de 2014.

SILVA, Edna Lúcia. MENEZES, Estera Muszkat. *Da Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SILVA, Izabella Brito; NAKANO, Tatiana de Cássia. Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, abr. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 mar. 2014.

SIMON, H. A. *A racionalidade do processo decisório em empresas*. Edições Multiplic, v.1, n. 1, 1980.

STONER, J. A. F. e FREEMAN, R. E. *Administração*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 1992.

TORCATTI ZANELLA, Luiz Felipe. *Estratégia empresarial: a tomada de decisão estratégica regida pela ética profissional*. **Unoesc & Ciência - ACSA**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 99-114, jun. 2013. ISSN 2178-3446. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/acsa/article/view/2131>>. Acesso em: 04 Fev. 2014.

TORRANCE, E. P. *Torrance tests of creative thinking*. Lexington: Personnel Press, 1966.

TORRANCE, E. P. e BALL, O. (1980). *Fourth revision: stream/ined scoring and norms for figural form A*. ITCT. Athens: Georgia Studies of Creative Behavior, 1980.

VIDOR, Alécio. *A epistemologia interdisciplinar: o Homem e seu conhecimento*. Santa Maria: UFSM-CE, 1997.

VIDOR, Alécio. *A gênese da alienação psicológica e a ontopsicologia*, Ed. UFSM, 1996.

VIDOR, Alécio. *Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti*. Ontopsicológica, 2013.





GOVERNO DA FEDERAÇÃO DA RÚSSIA  
 INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ORÇAMENTO ESTATAL DO ENSINO SUPERIOR PROFISSIONAL  
**UNIVERSIDADE ESTATAL DE SÃO PETERSBURGO**  
 PROGRAMA EDUCACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL  
 «PSICOLOGIA»

## Apêndice A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada “Imagem e sonho no processo humano de tomada de decisão: um estudo com jovens em psicoterapia”. A pesquisa é realizada pela pesquisadora Fernanda Goulart Martins, orientada por docentes do Programa Educacional de Pós-Graduação Profissional em Psicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo.

Para participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Você pode solicitar aos pesquisadores para explicar qualquer palavra ou procedimento que não tenha entendido claramente.

O propósito deste documento é dar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão para participar no estudo. O documento descreve o objetivo, procedimentos, benefícios e eventuais riscos ou desconfortos caso queira participar. Você só deve participar do estudo se você quiser. Você pode se recusar a participar ou se retirar deste estudo a qualquer momento.

- **Objetivo do Estudo:**

Verificar resultados de tomadas de decisão baseadas no critério onírico, segundo análise ontopsicológica

- **Procedimentos:** Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder às questões propostas em dois testes psicológicos (Bateria Fatorial de Personalidade e Inventário Fatorial de Personalidade), e dois questionários.
- **Benefícios:** Você estará implicado na construção de conhecimentos, auxiliando a compreender melhor e ajudando a investigar os resultados de tomadas de decisão.
- **Riscos:** A principio, os riscos de participar no estudo são mínimos, contudo se durante a entrevista você se sentir desconfortável poderemos interrompe-la sem que isso lhe acarrete prejuízo algum.
- **Sigilo:** As informações fornecidas serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Em todos esses registros, um nome fictício substituirá seu nome. As informações coletadas serão usadas para os fins deste estudo. Elas serão divulgadas em publicações científicas sobre o assunto pesquisado. Porém, sua identidade não será revelada em qualquer circunstância. Se houver, no momento da pesquisa, alguma situação que lhe cause angústia, a equipe de pesquisadores irá lhe encaminhar para o atendimento que se fizer necessário.

Para efetivar este Termo, solicita-se o preenchimento e a assinatura, neste documento, conforme exigências legais para pesquisas com seres humanos.

**Pesquisadora Responsável:** Fernanda Goulart Martins  
**Instituição/Departamento:** Universidade Estatal de São Petersburgo - UESP  
**Telefone para contato:** xx 55 51 93241969

Eu, \_\_\_\_\_,

RG N. \_\_\_\_\_ informo que fui esclarecido(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, sobre os objetivos, riscos e benefícios, além de ser informado sobre os meus direitos como participante desta pesquisa, da qual aceito participar livre e espontaneamente. Entendo que posso aceitar ou recusar, e interromper minha participação a qualquer momento sem dar uma razão.

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante ou responsável

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:  
Fernanda Martins: fernandamarimsfm@hotmail.com





GOVERNO DA FEDERAÇÃO DA RÚSSIA  
 INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ORÇAMENTO ESTATAL DO ENSINO SUPERIOR PROFISSIONAL  
**UNIVERSIDADE ESTATAL DE SÃO PETERSBURGO**  
 PROGRAMA EDUCACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL  
 «PSICOLOGIA»

## Apêndice B

### QUESTIONÁRIO 1

#### QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA INTITULADA

#### IMAGEM E SONHO NO PROCESSO HUMANO DE TOMADA DE DECISÃO: UM ESTUDO COM JOVENS EM PSICOTERAPIA

NOME: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Gênero: (m) / (f)

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Responda circulando o número que mais expressa sua percepção:

1. Como você avalia o nível de bem-estar em seu corpo?

Mal-estar      3 2 1 0 1 2 3      Bem-estar

2. Como você avalia sua vitalidade nos últimos dias?

Baixa vitalidade      3 2 1 0 1 2 3      Alta vitalidade

3. Como você avalia seu estado de saúde física atualmente?

Muito ruim      3 2 1 0 1 2 3      Muito bom

4. Qual é o valor que você dá ao aspecto financeiro na sua vida?

Pouco importante      3 2 1 0 1 2 3      Muito importante

5. Você sente algum incômodo no seu corpo?  
 Nenhum incômodo                      3 2 1 0 1 2 3                      Muito incômodo
6. O quanto o seu trabalho tem sido importante para você?  
 Pouco importante                      3 2 1 0 1 2 3                      Muito importante
7. O quanto é importante para você atingir um padrão de excelência no que você faz?  
 Pouco importante                      3 2 1 0 1 2 3                      Muito importante
8. Você sente que em sua vida  
 Você tem sempre                      3 2 1 0 1 2 3                      Há muitos obstáculos  
 possibilidade de ir além
9. Qual importância você dá à sua aparência hoje  
 Acho importante me sentir belo                      3 2 1 0 1 2 3                      Nesse momento não acho importante
10. Você, em geral, frente aos desafios do cotidiano, se sente  
 corajoso                      3 2 1 0 1 2 3                      com medo
11. Os processos decisórios para você são vividos, nos últimos tempos,  
 com medo e/ou angústia                      3 2 1 0 1 2 3                      com alegria
12. Você costuma fazer suas decisões pensando primeiro  
 em você                      3 2 1 0 1 2 3                      no bem comum
13. Você tem com maior frequência  
 o sentimento de estar em dúvida                      3 2 1 0 1 2 3                      o sentimento de estar certo
14. O quanto você tem vontade de cuidar de si?  
 Nesse momento nenhuma vontade                      3 2 1 0 1 2 3                      Muita, especialmente agora

15. Você tem lembrado de seus sonhos nos últimos dias?

Não tenho lembrado      3 2 1 0 1 2 3      Sempre lembro

16. Quando você olha para a própria vida você se sente

Triste      3 2 1 0 1 2 3      Alegre

17. Conforme você muda, as coisas ao seu redor também mudam. Você entende essa afirmação como

Muito estranha      3 2 1 0 1 2 3      Verdadeira

- Qual é a diretividade dada pelo sonho mais recente?